César Barreto Lima
Saulo Barreto Lima

Virgílio Távora

O estadista cearense

César Barreto Lima
Saulo Barreto Lima

VIRGÍLIO TÁVORA

O ESTADISTA CEARENSE

Fortaleza – Ceará
2019

Capa
Etevaldo Gomes de Meneses

Fotos
Arquivos de Tereza Távora

Revisão
Do autor

Impressão
RDS Gráfica e Editora Ltda.
Rua Carlos Câmara, 1048 – Fone: (85) 3046.1048
rds1048@gmail.com

Catalogação na fonte
Maria Zuila de Lima, CRB/3 – 405

Lima, César Barreto
Virgílio Távora: o estadista cearense / César Barreto Lima e Saulo Barreto Lima. _Fortaleza: RDS, 2019.
280p. il.:

ISBN: 978-85-7997-192-1

1. Lima, Chagas Barreto, Biografia.
I. Lima, Saulo Barreto. II. Título

CDD: 922

Dedicatória

O livro é dedicado a todos os Virgilistas *in memoriam* e aos Virgilistas da Velha Guarda que ainda acreditam na vida pública sob o trinômio da Lealdade, da Honradez e do Amor à Pátria.

Agradecimento

Ao nosso Pai Eterno, razão de ser da nossa existência, Senhor dos nossos destinos.

À Dona Maria Tamar Pierre Barreto, a matriarca das famílias Pierre e Barreto, minha doce mãe.

Ao fantástico casal Charles Arnaud e Maria Cesarina Barreto pais do coautor Saulo Barreto Lima.

À família Maria Ângela Freire Barreto e meus amados Ana Cláudia, Marina e Júlio César Freire Barreto Lima.

Aos colaboradores Wallucia Sales, Rita Maia e José Maria das Chagas.

À Imprensa do meu Estado aqui muito bem representada pelos amigos: Paulo Oliveira, Edival Vasconcelos Filho, Carlos Sacomani, Tom Barros, Antônio Viana, Chico Prado, Rui Silva, Sônia Pinheiro, Magela Galvão, Macário Batista, Woker Gomes, Sérgio Pinheiro, Pedro Gomes de Matos, Marques Araújo, Carolino Soares, Pedro Sampaio, Fernando Solon, Expedido Vasconcelos e Ivan Frota, Artenio Mesquita (Tide) e João Neto de Taperuaba.

À Editora RDS na pessoa dos seus diretores Dorian Filho e José Dorian Sampaio.

Aos amigos e leitores cativos, Paulo César (Xerife), Fco. Quirino, Carlinhos Eloy, Bá Ávila, Cinira Pierre Cruz, Coinha Barreto, Graça Barreto Alencar, Zé Artur Pinheiro, Paulo Marques, Zé Edvan, Antônio Luiz, José Ribamar Ponte, Osci Pinheiro, Salmito Filho, Fco. Quintino Vieira, Sérgio Azevedo, Eduardo Cidrão, Carminha Barreto, Sérgio Braga, Valdir Parente Machado, Joaquim José Facó, Seu Raimundo Cidrão e Dona Alda Pinheiro.

Aos colaboradores que são também coautores deste livro em homenagem ao Centenário de Nascimento de Virgílio de Moraes Fernandes Távora: Tereza Távora Ximenes, Ubiratan Aguiar, Carolino Soares, Lúcio Alcântara, Racine Távora, Sônia Pinheiro, Heitor Studart, Nilo Sérgio, Leorne Belém, Luis Sérgio Santos, Ariosto Holanda, Luiz Gonzaga Nogueira Marques, Antônio de Albuquerque Sousa Filho, Paulo Roberto Marques, Ribamar Ponte Filho, Gonzaga Mota, Juarez Leitão, Casimiro Neto, Jorge Henrique Cartaxo e professora Luciara Silveira de Aragão, jornalista Pedro Gomes de Matos, Mônica Arruda, Cláudio Filomeno e outros.

Agradecimento especial ao Deputado Federal e ex-Senador da República Carlos Mauro Cabral Benevides e ao historiador Gilton Barreto.

O outro VT

Estamos na reta final de mais uma obra literária e novamente contamos com a valiosíssima colaboração do jornalista e sociólogo Saulo Barreto Lima.

O livro Virgílio Távora, o Estadista Cearense, tem no bisneto de Chagas Barreto Lima, o Saulo, seu grande idealizador.

Procuramos tornar a leitura a mais agradável possível, mas recheada de depoimentos e fatos históricos sobre o maior político cearense do século XX. Contamos com a sapiência do nosso eterno Senador Mauro Benevides, autor do belo prefácio.

O livro não é só de autoria de César e Saulo Barreto mas de todos os colaboradores que ajudaram de forma fundamental para esta homenagem, às vésperas do Centenário do ano de nascimento do imortal Virgílio Távora (29/09/1919).

Dividido em 3 capítulos com um breve resumo biográfico, contém uma série de depoimentos de amigos que conviveram com VT e uma farta iconografia.

Procuramos também mostrar outro lado de Virgílio Távora, o lado escondido do ser humano maravilhoso, do pai amoroso e do marido sem igual.

O Virgílio Távora, amante das grandes óperas e da leitura relaxante dos livrinhos de bolso (cowboy), principalmente do autor popular, Marciel Lufuente Estefania.

Lembro de um episódio no casarão de José Lourenço, em meados do ano 1981: estava estudando com o filho primogênito de VT, o saudoso Carlos Virgílio Távora, no período de férias para uma prova na Universidade de Brasília da cadeira de Estrutura Metálica, sob o chamado Método de Cross.

Pergunta VT:

– Meninos o que estão estudando?

Governador, é sobre o cálculo de estruturas metálicas com o método de Cross.

O coronel revirou os olhos e respondeu:

– Carlos, Cesinha, deixa eu ver se ainda lembro do tempo da Engenharia Militar.

Depois de 15 minutos, o Governador resolveu, pelo método de Cross, uma complicada estrutura metálica espacial PT!

César Barreto Lima
O POETA DO BECCO

Sumário

Prefácio

Responsável por extensas e bem elaboradas biografias sobre vultos estelares de Sobral e do Ceará, muitos das quais por mim apresentadas nos salões do Náutico Atlético Cearense, **César Barreto Lima** e seu primo Saulo Barreto aprofundaram-se sobre a vida de **Virgílio Távora**, tanto em Brasília, como Senador e, no Ceará, como líder político e Governador do Estado. Devo, neste prefácio, principiar ressaltando ser o trabalho dos mais completos sobre quem, por várias décadas, tornou-se figura preeminente de nossa Unidade Federada e do próprio País.

Herdando do veterano Senador **Manuel do Nascimento Fernandes Távora** dotes singulares de paciência para ouvir correligionários e adversários, buscando encontrar soluções adequadas para cada problema, foi considerado, com justa razão, figura estelar entre seus coestaduanos, postando-se numa linha de austeridade, acolitado por **Dona Luiza**, que se não dispensava de emitir opinião a respeito de acontecimentos partidários, oferencendo alternativas que Virgílio acolhia, após delongadas conversações com amigos, confidentes e partidários de maior acuidade, para proferir parecer conclusivo, quando necessário fosse, objetivando situar o chefe num parâmetro de absoluta correção e princípios de dignidade, dos quais nunca se afastava.

Com ele convivi de perto, sobretudo pela minha condição de Presidente da Assembleia Legislativa, em momentos de dificuldades institucionais, por força do **Movimento de 31 de Março**, de cujos instantes iniciais ele foi avisado, no cair da noite de 30 de março, em jantar na residência oficial, quando lá estávamos, **Figueiredo Correia** e **Yvonete, Regina** e **eu**, além de outros poucos convidados, todos pressurosos por conhecer telefonema que, em meio ao jantar, ele recebera do **Governador Magalhães Pinto**, anunciando que as tropas do **general Mourão**

já estavam se deslocando de Juiz de Fora para o Rio de Janeiro, quando uma Junta Militar se apresentava para destituir **João Goulart**, que se preparava para dirigir-se ao seu Rio Grande do Sul, objetivando reagir à destituição do Poder, em via de concretizar-se, como ocorreu, na forma planejada.

Diante de tudo isso, **Virgílio**, ao retornar do telefonema, aconselhava-me a cancelar viagem programada para Quixeramobim, como acertara com líderes políticos de minha maior base eleitoral, depois da Capital cearense.

Na noite que se seguiu aqueles acontecimentos, recebi, na minha residência, na condição que era de Presidente da Assembleia, a visita, em derredor das vinte e três horas, do coronel **Egment Bastos Gonçalves**, e majores **Breno Vitoriano** e **Brito**, todos imbuídos do propósito de inteirar-se da situação de **Virgílio Távora**, sob alegativa de que "ele fora Ministro de João Goulart", inadvertidos de que a respectiva indicação coube ao seu Partido, numa composição que tinha como Primeiro Ministro o saudoso **TANCREDO NEVES**, em plena fase parlamentarista.

O Coronel Egment Bastos Gonçalves e os Majores que o acompanhavam buscavam minha aprovação como Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Ceará para a destituição do Governador Virgílio Távora e do seu Vice Figueiredo Correia.

Não concordei com a tentadora e inusitada proposta de assumir o Governo do Estado como fui firme na minha argumentação fitando no fundo dos olhos dos conspiradores:

– O Governador Virgílio Távora, além de ser um governante sério, é sobrinho do Marechal Juarez Fernandes Távora, herói do Exército Brasileiro, e amigo pessoal do Presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco.

Ultrapassado esse episódio pela força de um argumento insuperado, a convivência se tornava delicada, mas se garantia a presença de Virgílio no comando da administração pública, com

o apoio das duas maiores forças políticas do Estado do Ceará, ou sejam, UDN e PSD.

Após gestão profícua, assinalada por encaminhamento de soluções como a **Energia de Paulo Afonso** e tantos outros empreedimentos de vulto, o então Governador veio a eleger-se Senador da República, passando a integrar, depois, a Assembleia Nacional Constituinte e, falecendo, porém, antes da **PROMULGAÇÃO**, merecendo, então, homenagem das mais comoventes, pois, mesmo enfermo, cumprira à risca os compromissos parlamentares, sob aplausos emocionantes de todos quantos louvavam o seu nobre propósito de legar ao País algo que nos permitisse o reencontro com o Estado Democrático de Direito.

A sessão da Assembleia Nacional Constituinte foi por mim presidida, cabendo a **Ulysses**, então Presidente interino da República, exaltar a figura de um cearense que cumprira, até enquanto pôde, o dever de contribuir para que se efetivasse a nobre missão de legar ao País um Documento Básico, no qual estivessem espelhadas as justas aspirações de milhões de brasileiros.

A obra político-administrativa de Virgílio Távora vai consagrá-lo por entre os porvindouros, já que nós, seus contemporâneos, já cumprindo a nobre tarefa de destacar o seu relevante papel em prol da consolidação democrática e o desenvolvimento do Nordeste, bem assim do próprio País.

Ninguém o esquecerá pelos seus méritos incontáveis e o firme objetivo de impulsionar o desenvolvimento sócio-econômico do Ceará, do Nordeste e do Brasil.

César Barreto Lima e seu primo Saulo Barreto Lima, pesquisadores de talentos comprovados, estão a merecer os aplausos de quantos identificarem, nesta notável obra, a intenção de um homem público, voltado, integralmente, para as aspirações mais justas e legítimas do povo brasileiro, em todos seus segmentos sociais.

Dotado de postura austera, ao lado de Dona Luiza, orientou os seus filhos Carlos Virgílio e Tereza Maria para que pautassem a existência dentro de princípios de dignidade, honrando o Ceará e o País.

Carlos Mauro Cabral Benevides
Presidente do Congresso Nacional, Deputado Federal, Advogado, Jornalista, Vice-Presidente como Senador da República da Assembléia Nacional Constituinte de 1987, membro da Academia Cearense de Letras e ocupou interinamente a Presidência da República no Governo Itamar Franco.

Parte I

BREVE ESBOÇO BIOGRÁFICO

Capítulo I

O JULGAMENTO DOS TÁVORA

Tereza Távora Ximenes

Durante o reinado de D. José I (1750-1777), Sebastião de Carvalho Melo, o Marquês de Pombal, governou Portugal como Primeiro-Ministro com mão de ferro. Devido à sua pronta e eficiente atuação na reconstituição de Lisboa após o terremoto seguido de maremoto e incêndio que destruiu metade da cidade em 1755, gozava de grande prestígio junto ao rei. Entrou para os anais da história sua célebre frase durante o episódio: "Enterrem os mortos e alimentem os vivos". Pombal tinha como objetivo maior fortalecer a Coroa e considerava a alta nobreza e os jesuítas um obstáculo a esse propósito.

D. Leonor, Marquesa de Távora, e seu marido, Francisco de Assis, Conde de Alvor, eram as cabeças de uma das famílias mais poderosas do reino, ligada às casas de Aveiro, Cadaval, São Vicente e Alorna. Eram também inimigos cerrados de Sebastião de Carvalho Melo. D. Francisco de Assis havia sido nomeado Vice-Rei da Índia e havia desempenhado brilhantemente a função, o que lhe aumentou o prestígio perante o rei e a Corte.

D. José, apesar de bem casado, tinha como amante Teresa Leonor, mulher de Luís Bernardo, filho dos Marqueses de Távora. O que para muitos seria uma honra, para a família constituía uma situação inaceitável. D. Leonor pressionava o filho veementemente a divorciar-se da mulher. Desde sempre, a máxima da família foi: "Ao rei tudo, menos a honra".

Na noite de 03 de setembro de 1758, D. José I regressava incógnito após um encontro com a amante quando sua carruagem foi interceptada por 3 homens que dispararam sobre os ocupantes.

D. José foi ferido no braço e o condutor foi ferido gravemente, mas ambos sobreviveram.

Sebastião de Melo encontrou nesse episódio o pretexto que precisava para calar seus opositores. Mandou prender e torturar 2 homens para que confessassem a autoria do atentado e dissessem que os mandantes haviam sido os Távoras e, logo após as confissões, mandou que fossem enforcados.

D. Leonor (Marquesa de Távora), seu marido (D. Francisco de Assis e Távora), seus filhos (José Maria e Luís Bernardo) e seus genros (José de Mascarenhas, Duque de Aveiro e Jerônimo de Ataíde, Conde de Antouguia) foram presos e acusados de tentativa de regicídio. Os Távoras negaram as acusações mas foram condenados à morte. Seus bens foram confiscados pela coroa, seus nomes apagados da nobreza e os brasões familiares proibidos.

No dia 13 de janeiro de 1759 foram torturados e executados publicamente. O rei, além de presenciar, exigiu a presença da corte durante a execução. D. Leonor foi decapitada. Ao subir ao cadafalso, foi bruscamente empurrada por um dos carrascos e proferiu a célebre frase: "Não me descomponha !". E ao olhar para o marido, filhos e genros na iminência de serem mortos: "Que eles saibam morrer como quem são". Os condenados foram executados a pauladas com requintes de crueldade, tiveram suas cabeças decapitadas e o resto do corpo queimado e as cinzas jogadas no Tejo. O terreno onde se deu a execução foi salgado para que lá nada mais crescesse. No local, hoje chamado Beco do Chão Salgado (próximo à loja dos Pastéis de Belém, ao lado do Mosteiro dos Jerônimos), existe um marco alusivo ao acontecimento mandado erigir por D. José I com uma placa que até hoje pode ser lida. As armas da família foram picadas e o nome Távora foi proibido de ser citado.

Os membros da família que puderam fugir de Portugal vieram para o Brasil adotando os sobrenomes Silva e Fernandes. Parte da família se fixou no Sul do país e parte na divisa do Rio Grande do Norte com o Ceará

Em 1850, Monsenhor Fernandes, tio-avô do Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora, desejando cursar o Colégio dos Nobres em Roma (a que só tinham acesso os nobres), foi a Portugal pesquisar as origens da família e restabeleceu o nome dos Távoras.

No Ceará, a família teve sua origem no Vale do Jaguaribe. Numa pequena fazenda daquela região, Joaquim Antônio do Nascimento e Clara Fernandes Távora constituíram uma família de 16 filhos.

O político, médico e professor Manuel do Nascimento Fernandes Távora, um dos 16 filhos de Joaquim Antônio do Nascimento Távora e Clara Fernandes Távora, nasceu na fazenda Embargo na Vila de Jaguaribe Mirim no dia 11 de março de 1877. O ex-deputado estadual de 1913 a 1914 e de 1917 a 1919 foi chefe civil da revolução de 1930, tornando-se interventor do Ceará em 1930. Também foi Deputado Constituinte e Deputado Federal, além de Senador em dois mandados, entre 1943 e 1963.

Casou-se com Carlota Augusta, pertencente à tradicional família Caracas de Baturité. Do casamento nasceram os filhos Virgílio, Amílcar e Moema.

Capítulo II

A SAGA DOS TÁVORAS

Segundo o ex-deputado e um dos mais importantes (senão o mais completo) biógrafo de Virgílio Távora, Marcelo Linhares, nos é repassado que as raízes genealógicas *dos Távoras* remontam das batalhas *travadas* contra os Mouros (árabes) na então Península Ibérica – no Século X –, onde graças a um bom número de vitórias amealhadas, foi fundado um '*acampamento*´ às margens de um rio chamado "Távora".[1] A partir daí, esse "feudo" – o dos Távoras – *nunca* mais abandonaria o dom pelas espadas, lutas e batalhas políticas.

Não por acaso, por conta talvez desse temperamento *sanguíneo* típico do novo clã, tempos depois, o poderoso Marquês de Pombal[2] (c. 1699 – 1782) tenha começado a perseguir, executar e expulsar vários membros dessa família recém-criada, ainda em terras lusitanas. Por conta disso, em 1759, houve uma *grande diáspora* de seus membros, vindo alguns deles, se instalar no Sul do Brasil e outros mais no Nordeste.

Virgílio, portanto, adveio de família com ímpeto espartano, sempre buscando seus membros ocupar espaço no protagonismo da História, seja ele em quaisquer locais onde puseram as plantas dos pés; nem que para isso, tivessem que *pegar* em armas! Foi assim na Península Ibérica e foi assim, também, em solo brasileiro; quando das convulsões políticas e sociais da 1ª República, por exemplo.

Descendente, pois, de famílias com vários nomes proeminentes, o menino Virgílio sabia que teria de honrar a cada um deles, caso *decidisse* enveredar pelo caminho tortuoso que é a carreira pública. A partir daí, em cada ato seu, não pensava mais somente só em si, mas em todos e tudo que seus antepassados representaram e representam para o mundo.

Já em solo brasileiro e bem mais recentemente, esse *instinto* bélico é reacendido, sem dúvidas, novamente nas figuras dos tios Joaquim e Juarez. Sem desmerecer os demais parentes, mas é que esses dois foram personagens cruciais na construção da História do País.

Joaquim Távora, militar de formação, teve várias passagens por batalhões no Brasil, antes de ingressar nos "embates políticos" propriamente ditos. Sendo os Távoras conhecidos, portanto, como uma "família de oposição", na época de Joaquim a família já se articulava no sentido, inclusive, de combater a temível Oligarquia Acióli, que até então imperava hegemonicamente no Ceará.

Joaquim, pois, iniciara sua militância política efetivamente nas eleições presidenciais de 1922, que tinha como candidatos a *Situação*: representada por Artur Bernardes (com apoio de Epitácio Pessoa) e a *Oposição*: com Nilo Peçanha, candidato lançado pela chamada "Reação Republicana".

Os militares, a essa altura, estavam muitíssimos insatisfeitos com o governo atual, sendo agravado esse incômodo, por conta do fatídico episódio conhecido como "Cartas Falsas", nas quais foram creditadas a Bernardes pesadas ofensas *desferidas* contra o candidato opositor e aos militares. Na época, elas foram veiculadas no jornal de grande circulação *Correio da Manhã*.

Logo após esse acontecimento, foi confirmada a eleição de Bernardes, ato contínuo estourando a famosa "Revolta dos 18 de Copacabana" ou simplesmente, "Revolta de 1922" no dia 5 de Julho, para ser mais preciso.

Foi aí que se inaugurou o primeiro Levante Tenentista da Velha República. Nela, dezoito corajosos enfrentaram de peito aberto mais de 3 mil homens do Governo. Houve mortos e feridos. A ação teve repercussão em todo Brasil. O então capitão Joaquim Távora servia no Mato Grosso do Sul, quando o General Clodoaldo da Fonseca (tio do marechal Hermes da Fonseca), reuniu a tropa com a intenção de *invadir* o estado de

São Paulo. Foi creditado pois a Távora, o comando do principal braço da dita "Divisão Revolucionária" – o 17º Batalhão de Caçadores. Entretanto, tempos depois, todos foram informados do sufocamento e da rendição dos revoltosos do Rio, e o Capitão Távora foi preso, *indo* cumprir pena na Fortaleza de Santa Cruz, no Estado do Rio de Janeiro.

Somente em 1923, impetrado *habeas-corpus* no Supremo Tribunal Federal (STF), foi que se decidiu libertar Joaquim e demais indiciados no chamado Levante de 22. Mesmo com as sucessivas *pressões* políticas, o corajoso capitão jamais desistira de lutar contra o governo. Percorreu várias guarnições do País, organizando a tomada de quartéis, até que foi morto em combate, por tropas bernadistas, quando tentava tomar o 5º Batalhão de Polícia, no Bairro da Liberdade, em São Paulo.

O menino Virgílio vivia, pois, em meio a esse turbilhão social. Escutava todas as *estórias* do tio tanto que acabou criando todo um "imaginário nacionalista" em torno disso tudo. O "Tio Quinzinho" como era chamado afetivamente no seio familiar e hoje mártir da revolução, foi crucial na formação militar e política do garoto. A notícia da morte do parente para o pequeno Távora foi um duro golpe.

O brilhante jornalista Jorge Cartaxo, registrou bem esse momento nas páginas do jornal *O Povo*:

> *Filhinho, o Quinzinho morreu. (…) Depois de contemplar a expressão de angústia e tristeza estampada no rosto de seu pai, o menino Virgílio olhou para o retrato que adornava a parede em frente à escrivaninha do dr. Távora. (...) A cena de dor que marcara para sempre a memória da criança tagarela do solar dos Távoras era também uma cena política. Era um dos riscos da opção que o seu pai e tios haviam feito: a luta pelo poder, pela imposição das ideias através da generosa arte da política. Curiosamente, a mesma arte que o homem Virgílio Távora viria a se dedicar e que o transformaria na maior expressão política do Ceará deste século.[3] (Grifos nossos).*

Diferentemente do irmão, Juarez pôde viver até os últimos dias de sua vida. Entretanto, isso não quer dizer que sua trajetória tenha sido menos emocionante. Não mesmo! A morte do irmão mais velho, aquele que era responsável pela sua educação, foi um ingrediente a mais para que Juarez não abandonasse o ideário dos "virgilistas militares". Com o fracasso *também* na revolta de 1922 – que resultara na morte do irmão – Juarez é destacado para fazer fileira na frente de combate que viria a ser conhecida por Coluna Prestes-Miguel Costa, assumindo inclusive posição destaque, a de "Subchefe do Estado-Maior" das forças revolucionárias anti-governo.

Juarez Távora próprio dá seu testemunho a respeito desse momento histórico:

> *Depois de mais de um ano de luta, já em 1925, percorremos todo o interior do País com a coluna Miguel Costa-Prestes, tendo tido a oportunidade de tomar contato com as cruas realidades do Brasil interior, com as precárias condições em que sobreviviam os brasileiros naquela faixa do País, nós, os revolucionários de 24, passamos a ter uma visão distinta e mais ampla do problema. E as implicações do Movimento passaram a ser tríplices: políticas, econômicas e sociais.* [4]

Quando, porém, o "Cavaleiro da Esperança" e representante maior do movimento Luís Carlos Prestes (c. 1898–1990), aderiu às ideologias comunistas, Juarez divergiu veementemente, *inclusive* externando sua insatisfação ao líder revolucionário através de carta. Não deu outra. O movimento rachou! Uma parte, os "Socialistas Revolucionários", seguiram com Prestes; a outra, com Juarez.

Com efeito, assim que a Coluna comandada por Juarez adentrava em terras piauienses, o então *subchefe* sofre o *maior revés* da sua jornada. Acaba caindo nas mãos das tropas governistas, depois de errar na direção em uma ação de reconhecimento

de terreno onde ele decidiu se distanciar de sua tropa, sendo, pois, capturado pelo saudoso Cabo José Paulino de Medeiros, responsável pela falange do Rio Grande do Norte que atuava no Piauí.

Detido, Juarez foi levado à cidade portuária de São Luís do Maranhão, onde de lá seguiu para o Rio de Janeiro, sendo enviado para o terrível presídio da Ilha das Cobras. Por conta dessa prisão, receoso, o pai de Virgílio, Dr. Fernandes Távora decidiu se exilar com a esposa na Europa. Geralmente os presidiários de lá tinham *duas alternativas*: morrer ou ficarem loucos. Quem ali permanecia só pensava numa coisa: fugir. E assim Juarez o fez, escapou e se *exilou* por um curto tempo no Uruguai, retornando logo depois à luta pelos rincões do Brasil.

Com um dos maiores intentos da coluna consolidado – que era a derrubada do Governo Washington Luís, inicia-se uma nova fase na vida do Brasil e de Juarez – a chamada Era Vargas. Forte aliado do caudilho gaúcho, nessa época, o mesmo acabara ganhando a pecha de "Vice-Rei do Norte", por conta da forte influência que exercia nos estados do Norte-Nordeste, expressão que, deve-se dizer, pouco lhe agradava: *"posto* sui generis*, que a imprensa do país batizaria, com malícia, de 'Vice-Reino do Norte'"* (Távora, 1976, p. 28)

Depois do suicídio de Vargas, Juarez percebe então que esse era mesmo o momento ideal para se candidatar à Presidência da República. Isso já em 1955. O fato de ter lutado na Revolução de 1930 e ter sido um leal aliado de Vargas o fizeram acreditar que tinha todos os credenciamentos necessários para a disputa.

Entretanto, mesmo com largos serviços prestados à Nação, não imaginaria ele que entraria na disputa também, o carismático médico mineiro Juscelino Kubitschek, que acabou vencendo o pleito com pouco mais de 5% de votos superiores aos de Távora. Em terceiro lugar, ficara o paulista Ademar de Barros. Por muito pouco, a família Távora não sobe a cobiçada rampa do Palácio do Planalto.

Capítulo III

NASCE UM ESTADISTA

“Quem governa quase sempre desagrada, porque frustra interesses privados. Governar é contrariar.”

Virgílio Távora

A economia cearense no início do Século XX era muitíssimo arcaica baseada no *plantation* do algodão e na criação de gado, notadamente com a utilização precária e barata da mão de obra sertaneja. Os oligarcas possuíam suas bases econômicas e forças políticas fincadas nesse sistema e por isso relutavam em mudar esse *status quo* social.

No ano do nascimento de VT, 1919, a cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, continha pouco mais de 100 mil moradores. A iluminação das casas era abastecida por gás; já a parcela mais pobre, se amontoava em locais batizados como “areais suburbanos”, marcados por abrigos precários e sem nenhuma infra-estrutura básica por conta da omissão histórica estatal.

Em meio a toda essa efervescência social, é quando o eminente advogado sobralense Dr. Virgílio Augusto de Moraes[5] decide residir na capital, vindo-se instalar *“na rua Visconde de Saboya, quase no centro da cidade a uns quinhentos metros da Catedral Metropolitana (...).*[6]*”*

O casarão era enorme e comportava vários membros da família nas suas mais diversas “alas”. Os pais de Virgílio, pois, passaram a também residir por lá, sendo justamente o local onde o pequeno Virgílio viera ao mundo.“(...) o casarão dos Moraes passou a contar com mais um habitante, pelo nascimento do neto – segundo – em 29 de setembro de 1919, que se chamaria, como o avô e o tio, Virgílio.”(LINHARES, 1996, p. 16)

Virgílio, portanto, adveio dos cruzamentos das famílias *Caracas* e *Moraes* (pelo lado materno) e dos *Távoras* (paterno).

Fora ele o segundo do trio de filhos do casal: o médico e político Dr. Manoel do Nascimento Fernandes Távora e da benquista senhora Carlota Augusta de Moraes (filha do rábula sobralense). A sintonia entre o casal era tanta, que o Dr. Manoel *"encontrou não apenas a esposa dedicada e mãe cuidadosa para os filhos, mas, sobretudo, uma interlocutora à altura com quem discutia as questões relacionadas com os agitados episódios políticos em que se via envolvido.*[7]"

Ainda segundo Linhares (1996, p. 21) por conta da intensa atividade política do pai, "o pequeno Virgílio percebeu o retraimento que a família vivia. Não frequentava a sociedade local e à sua casa só iam os parentes e os amigos que não temiam o fato de seu pai ser um homem de oposição".

Por outro lado, nascido e tendo crescido o menino, todos foram pegos de surpresa com um infante muitíssimo curioso e tagarela. Queria saber de tudo! Não se continha e vez ou outra se encontrava lá no meio dos "grandes" para assuntar o que se passava. Esse quesito impressiona pelo fato de que na mocidade e na maturidade, Virgílio já fosse *classificado* como um homem mais circunspecto e reflexivo. Talvez isso tenha ocorrido por conta das duas atividades profissionais que abraçou, a de militar e a de político; onde uma boa dose de discrição e recatamento acabam sendo requisitos cruciais para se galgar novos postos.

Portanto, por sobre sua infância, ninguém melhor que *o mesmo* para se pronunciar:

> *Que me lembre da infância, nada posso relatar assim de destaque, que chame a atenção, algo assim especial a infância de menino de cidade pequena como Fortaleza naquele tempo era, cujos lazeres eram muito diferentes dos de hoje... as oportunidades da juventude de hoje, é até acaciano afirmar, são outras que não aquelas que usufruímos naquele tempo.*[8]

Aos cuidados da rigorosa avó "Candinha" o infante Virgílio iniciou seu Curso Primário no Colégio Santa Cecília e depois no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, ambas de confissão católicas cristãs.

No boletim do Curso Infantil do "COLLEGIO Sta. CECÍLIA", a prova de seu desempenho ainda criança. Constam 9,2, na Polidez; 9,5, nas Leituras; 10, no Asseio; com destaque para seu 9,8 em Aritmética.[9] Desde pequeno, pois, ficava patente sua inveterada habilidade com o Raciocínio Lógico, o que deve ter lhe rendido o instigante axioma: *"os números governam o mundo."* Não à toa viera a ser laureado, bastante tempo depois, doutor *Honoris Causa* em várias universidades. Já às portas da mocidade, aos 11 anos, o menino ingressa definitivamente na carreira dos tios:

> *Em 1930 foi internado no Colégio Militar do Ceará. A família estava convencida de que deveria seguir a carreira de seus célebres tios. Arrancado do ambiente familiar, a mudança iria acentuar-lhe o sentimento de solidão, por sentir confinado numa atmosfera militar onde se respirava hierarquia e estatutos disciplinares, ao invés do aconchego do lar. (Linhares, 1996, p. 25)*

Depois de cumprida essa fase com louvor, o moço aspirante tem de se deslocar para o Rio de Janeiro para prosseguir nos estudos.

Relembra Virgílio:

> *Colégio Militar basilou a caminhada pelo curso secundário. Último ano, mercê das atividades do genitor, cursei-o eu no Rio de Janeiro. Escola Militar, 1936 a 1938; especialidade militar, engenharia. Cursos, pondo em modéstia à parte com primeiro lugar.*[10]

A sua carreira militar ia de vento em popa! A instituição que ele se referia era a famosa Escola Militar do Realengo. Quando foi finalmente declarado aspirante a oficial no final do

ano de 1938, fora justamente ele o *escolhido* para representar toda a turma. Naquele dia também, por conta de seu desempenho inconteste, foi laureado com o prêmio Duque de Caxias; além de receber seu espadim *diretamente* das mãos do então presidente Getúlio Vargas. Depois da consagração, passara um tempo em Minas Gerais, é verdade, mas, nunca negligenciou sua formação. Teve brilhantes passagens na EsAO e ECME, tornando-se também, professor de Engenharia. Seu maior sonho, até então, era ser observador na ONU – Organização das Nações Unidas.

Mas o destino reservava outros planos para o nosso "oficial sonhador". Quando estava prestes a viajar para interferir nos conflitos entre a Índia e o Paquistão, o jovem militar é *surpreendido* com um apelo emocionante do pai.

Em entrevista ainda à ilustre professora Luciara Silveira de Aragão e Frota, VT fala da ruptura que não só marcaria a sua história pessoal bem como a História política recente do Ceará.

> *Falecimento súbito de praticamente toda a família do lado de minha genitora fez que viesse à terra após tantos anos dar auxílio com forte apoio a meu pai. Aí, 1949, 1º de abril, aliás, um dia que dá para recordar, trocamos praticamente a carreira militar pela carreira política.*[11]

Em 1950, portanto, assume seu primeiro mandato político como deputado federal, pela UDN. Naquela época, a Casa Legislativa federal estava situada no Palácio Tiradentes, no Rio de Janeiro. Logo nos primeiros dias do mandato, todos perceberam a vocação *inata* do jovem parlamentar pela política. Sempre muitíssimo elegante e sempre aberto ao diálogo, se tornou logo um dos maiores articuladores do partido, *inclusive* ocupando os cargos de Secretário-geral e depois Vice-presidente do Diretório Nacional.

Na capital federal não demorou para ficar classificado como um dos que compunham a chamada *"bancada dos não*

casados". Por conta dessa condição, aproveitava os interstícios das *enfadonhas* sessões da câmara se congratulando, em companhia de alguns amigos, nas tertúlias cariocas, sempre com muito comedimento obviamente. Foi lá onde fizera uma grande amizade que perduraria toda sua vida pública que era ela com o gaúcho João Goulart.

Eis o testemunho histórico acerca dessa relação de Ulisses Guimarães, que asseverou:

> *Virgílio Távora chamava o Presidente de Joãozinho, às vezes punha de pé na mesa da Granja do Torto. João Goulart era seu amigo, divertia-se com ele. Nós, que éramos do outro partido, ficávamos apavorados. Exclamávamos: O Virgílio, com esse jeito, arrancava tudo de Jango.*[12]

Não obstante nem tudo foram flores nessa relação, pois tal amizade foi posta a prova muitas vezes. Certa feita, quando estourou a "Revolução", era de costume VT conversar amistosamente com Jango e Castelo Branco sempre ponderando os dois lados. Quando o golpe estava na iminência de se concretizar, eis que Virgílio recebe um telefonema *extra-oficial* para que ele fosse o responsável por desferir a "bala de prata" em Jango. Essa ordem foi dada pelo então Major Egmond Bastos Gonçalves, responsável pelo temido 10° Grupo de Obuses. *"Eles queriam que eu lançasse uma proclama*ção atacando rudemente o dr. Goulart. Neguei-me absolutamente, eu não faria uma coisa daquelas."[13]

Essa é só uma das amostras de prova do caráter de Virgílio que embora cônscio das reviravoltas inatas as atividades políticas, mesmo assim sabia colocar outros valores como *a amizade* e *a palavra* em primeiro lugar. *"Não sou arrivista e não sou daqueles que desembarcam quando o navio afunda, como ratos abandonando o navio," d*isse certa feita, patenteando assim sua singular *coragem* tão peculiar à estirpe dos Távoras.

Capítulo IV

O CASAMENTO

A vida política de Virgílio vinha seguindo seu curso natural. Apesar de jovem e ainda no primeiro mandato, era notória sua capacidade de articulação *perante* os demais. Se destacava conhecendo e se relacionando com grandes nomes da política nacional e o melhor de tudo – angariando profundo respeito de todos eles. Não podia ter começado melhor na política; iniciou muito bem e com o pé direito!

Em meio às *tensas* atividades parlamentares, e exposto ao extremo às pressões e à "radiação de racionalidade" que a atividade política impõe, de certo, qualquer sujeito tenderia a ficar um pouco mais "cauterizado", vamos assim dizer. Mas VT queria mais! *Heureux au jeu, malheureux en amour?* Queria ser feliz também no amor! Era hora de dar voz ao coração também. Assim como na sua vida profissional e depois política tudo parecia estar traçado, tendo a família como fator primordial em todas suas tomadas de decisões. Na vida amorosa, não fora diferente.

A família do solteirão e deputado Virgílio Távora era amiga histórica da família da moça com quem ele viria a se engraçar ainda menino – Luíza Távora. "A amizade entre as duas famílias – Távora e Morais Correia – era antiga, tanto que o Professor Luís Morais Correia foi um dos Secretários da Interventoria Fernandes Távora, depois de ambos haverem amargado a prisão na Revolução de 1930." (Linhares, 1996 : 97)

De certa forma, ambos já tinham todas as referências que precisavam. Desde a infância já haviam estabelecido contatos, que só iam se fortificando a cada fase da vida em que se reencontravam.

Dona Luíza, embora sempre muito comedida, guardava na memória cada lembrança das investidas do jovem militar. No fundo, torcia mesmo era para que o oficial engenheiro desse um *passo* definitivo no relacionamento:

> *Eu tinha onze anos. Era uma menina. O meu pai havia morrido há pouco tempo e eu ia ficar alguns dias em Guaramiranga na casa da minha madrinha que era prima de Virgílio. Ele, já aluno do Colégio Militar, também estava lá. Ficou me perseguindo com aquele olhar de menino que quer namorar. Eu me assombrava, porque compreendia como aquele menino me olhava. Logo depois, ele foi continuar os estudos no Rio de Janeiro, e eu passei muitos anos sem vê-lo. Tempos depois, eu já mocinha, trabalhando na Secretaria de Educação, vi um oficial entrar. Era ele. O mesmo menino com o mesmo olhar. E eu ainda continuava com o mesmo medo.*

Virgílio, de igual modo, reteve sempre nas lembranças todos aqueles momentos de consolidação da conquista que, para ele, mais pareciam uma eternidade.

> *Esta foi a melhor coisa da minha vida. Conheci Luíza ainda muito criança, após a morte de seu pai, dr. Luiz Moraes Correia, em 1934. Passados 15 anos de distanciamento, o destino fez encontrá-la de novo, já moça, quando de minha volta ao Ceará em 1948. Em meio a tanta gente desconhecida em Fortaleza, as conversas com Luíza eram como um refúgio para mim, então capitão e depois major do Exército. Linda, arredia, com a visão crítica que as órfãs prematuras possuem acerca das coisas e das pessoas, persuadi-la a casamento levou quatro anos.*

O casamento foi o acontecimento do ano. Realizado com muita discrição e cuidado prenunciando que ele tinha mesmo sido feito para durar... E durou! O enlace ocorrera claro, na Capital Federal, mais precisamente no majestoso Palácio São

Joaquim, tendo como dirigente do casório seu tio, Dom José Távora. Quanto aos padrinhos constava no rol nomes como os de Magalhães Pinto, Osvaldo Aranha, Olavo Oliveira. Consternado por estar impossibilitado de comparecer por conta dos compromissos oficiais, o então presidente Getúlio Vargas, *de imediato*, envia seu chefe da Casa Civil, o senhor Lourival Fontes para representá-lo. O escolhido para conduzir a então noiva órfã ao altar fora outro Távora que dispensa apresentações: o "Vice-rei do Norte" Juarez. E então sucedeu que na data de 5 de maio de 1953, Virgílio finalmente conseguira dar o maior passo da sua vida – casar com a única mulher que amou – Dona Luíza Távora. E dessa união, mais tarde, viria a nascerem os dois frutos principais, os filhos: Carlos Virgílio e Tereza Távora.

Paralelo aos acontecimentos *nupciais*, a política cearense acontecia a galope e Virgílio sabia que não poderia – em hipótese nenhuma – perder o pé da situação. Por praticamente toda sua existência física, figurou como uma espécie de *centro gravitacional* da política cearense, independentemente de estar investido ou não de cargo eletivo.

Já no ano seguinte, ao casamento, a política na Terra do Sol fervilhava! Três correntes políticas principais no Ceará, se articulavam freneticamente para ver quem tomava *a dianteira* nas decisões políticas estaduais. A primeira delas era a tradicionalíssima facção comandada pelo sobralense José Sabóia, que controlava a Zona Norte com mão de ferro. A segunda, que crescia vertiginosamente – segundo os cientistas políticos da época – era a Virgilista, com forte influência na Zona Centro-sul do estado e a terceira e última, por sua vez, era capitaneada por Paulo Sarasate, que concentrava sua força política na zona urbana da capital.

Em Sobral se destacava a atuação política do jovem Coronel Francisco de Almeida Monte – o Chico Monte –, que lutava com todas as forças com vistas a enfraquecer a influência de Sabóia naquela cidade; buscando a *pari passu* igualmente, através de

seu partido, abrir espaço para um projeto político estadual por intermédio de seu genro, Parfisal Barroso, casado com sua filha a senhora Olga Monte. Foi quando, depois de muitas negociações entre os partidos envolvidos, firmou-se o famoso "PROTOCOLO de 1954":

> *Por aquele **Protocolo**, o cargo de governador caberia à UDN, o vice ao PSD e as duas senatórias uma para Fernandes Távora, pela UDN e a outra para Parfisal Barroso, pelo PTB. Para a prefeitura de Fortaleza, o PTB apoiaria a candidatura do PR que a disputaria lançando Acrísio Moreira da Rocha. (Grifo original) (LINHARES, 1996, p. 107)*

Depois de firmado o tal "protocolo", os quadros das chapas majoritárias iam se formando, sempre tendo Virgílio como um importante tomador de decisões. Tornar-se governador seria uma questão de tempo! Antes, *porém*, o Ceará havia passado pelas mãos de outros grandes estadistas como Paulo Sarasate (1955 – 58), Flávio Portela Marcílio (1958 – 59), e Parfisal Barroso (1959 – 62). Isso tudo antes de se costurar um dos maiores "acordões" políticos da história política cearense – a famosa UNIÃO PELO CEARÁ.

Para Virgílio, essa união, que era basicamente formada pela junção dos partidos UDN, PSD e PTN, nada mais figurava como: "a união de forças de centro contra a esquerda que, aliás, foi tentada também em outros Estados do Nordeste. Agora é preciso dizer que ela não traduzia o pensamento e nem as aspirações das forças que, posteriormente, fizeram 1964. Pelo menos no Ceará."

Perceba que VT consente quando da necessidade da "União", mas rechaça veementemente a ideia de que o grupo tenha oferecido subsídios para o desenrolar do famigerado Golpe Militar de 64. Por outro lado, defendia sim o "caráter direitista" dela dizendo: "Em nosso governo o que houve no Ceará foi algo inédito, ante a ***ameaça comunizante*** que varria o Nordeste àquela

época. Partidos se digladiavam há mais de 50 anos, com nomes sob designações diferentes, se reuniram formando a chamada União pelo Ceará." (Grifo nosso).

Portanto, na eleição onde se faria finalmente governador, Távora, tinha consciência de que enfrentaria outro importante nome no cenário estadual – Adahil Barreto Cavalcante –; que por ironia do destino, também era da UDN. Anos antes, Virgílio já havia disputado eleição perdendo para o professor Parfisal Barroso e uma *derrota* dessa envergadura, carrega a reboque, um certo desgaste para qualquer homem público.

Virgílio, pois, sabia que não podia errar outra vez. Mas, quem conhecia mesmo VT, pelo fato de ter perdido para Barroso, de longe não lhe abalava as estruturas emocionais, pois como ele mesmo dizia *"em Política tudo é possível."*

Capítulo V

UM GRANDE CEARÁ

"São as paixões e não os interesses que constroem o mundo."
Virgílio Távora

Com a eleição, no ano de 1962 para governador de Virgílio, inaugurou-se uma nova era no Ceará. O estado ainda não havia entrado na Modernidade propriamente dita. Sofria com os resquícios de uma economia baseada em produtos primários, enquanto que o mundo estava a um *passo* da dita 2ª Revolução Industrial que daria base a famosa "Era da Informação" de hoje.

O Estado precisava mesmo era de uma Revolução. E assim foi feito!

Mas conseguir chegar nesse sonho não fora nada fácil. Um ano depois de governo, VT teve de lidar com o Golpe Civil-militar de 64, que depôs seu grande amigo João Goulart, com quem sempre conseguira desembargar grandes pautas para o Ceará.

Entretanto, a ordem era pra não esmorecer! Para tanto, foi criado o PLAMEG I, que era o primeiro Plano de Metas do Governo que atuaria cirurgicamente em locais estratégicos de atuação no seu governo.

Logo após ter vencido fragorosamente Adahil Barreto por uma longa margem de votos, Távora quase nem sequer comemorou. Sua cabeça só tinha um norte: convocar uma boa equipe técnica para elaborar seu Plano, que na sua concepção era: "um instrumento de identificação dos problemas do Estado, problemas esses cuja solução nem sempre se encontra ao alcance do próprio Estado, porque depende de íntima colaboração do Governo Federal."[18]

Anos depois de posto em curso o tal projeto os resultados eram por demais, visíveis. Triplicou a oferta de vagas nas escolas públicas, *interiorizou* os serviços de saúde, estradas foram abertas, Distritos Industriais no entorno da Capital e nas regiões do Cariri e Sobral foram instalados e aparelhados. Entretanto, nada se compara com o seu maior projeto que era o Plano de Eletrificação do Ceará, até porque todos os outros setores dependiam deste.

A ideia de "puxar" energia da CHESF da Usina de Paulo Afonso, advinda do estado da Bahia. Era um passo por demais ambicioso e essencial para o estado cearense tanto que VT, sem exageros, classificou a empreitada como "ciclópico desafio". Assim se referia o governador ao repto:

> *Espinha dorsal do desenvolvimento do Ceará, meta básica e porque não dizer prioritária do PLAMEG, sem cuja obtenção baldados seriam todos os esforços do Poder Público, como da própria comunidade alencarina, para a vigorosa arrancada visando ao soerguimento econômico desta Unidade federativa, situando-nos em igualdade de condições com os demais Estados da Região – a obra hoje inaugurada bem valeu, e de sobejo, oito anos de lutas, incompreensão, sacrifícios, inclusive de natureza política em determinado instante.*[19]

Entretanto, nem tudo foram flores na *inauguração*.

Como já havia dito, o País adentrava num dos seus períodos mais sombrios. O recém-falecido jornalista Alberto Dines, no comando do *Jornal do Brasil,* que tinha como manchete a promulgação do AI-5, de forma muito criativa, para fugir da censura, colocou no topo superior da página – em local destinado a meteorologia – o seguinte dizer: *"Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por ventos fortes. Máx: 38°. Mín. 5° nas Laranjeiras."*

Pois bem, ventos nebulosos pairavam também por sobre o até então ensolarado Ceará. E o que era pra ser um momento por demais festivo, tornou-se, de certa forma, um suplício para Virgílio.

É que antes de sair de casa para fazer o ato simbólico de ligar a chave que finalmente traria energia à capital Fortaleza, um mau pressentimento rondava seu âmago. Tal sentimento se deu por conta de uma decisão que ele havia *intimamente* tomado (com o apoio incondicional da primeira dama) no momento em que saudaria, em seu discurso, aqueles que o haviam ajudado para a efetivação daquele sonho. Um dos nomes que VT iria agradecer era justamente o de João Goulart.

Acontece que já havia partido ordens expressas dos militares para que o governador Távora jamais tocasse, em hipótese nenhuma, naquele nome. Tendo, pois os militares a confirmação da sua proximidade com Jango, eles se anteciparam e ordenaram que ele esquecesse, de vez, que o então presidente deposto existia.

Era exato 1 de fevereiro de 1965. Pouco mais de 45 mil pessoas se aglomeravam na Praça Otávio Bonfim. Era um acontecimento monumental e além dos populares, inúmeras autoridades se fizeram presentes, dentre deputados, senadores, prefeitos inclusive o presidente da República, o militar Humberto Castelo Branco.

Por duas oportunidades VT esteve prestes a ser cassado. Essa foi a que passou mais perto!

> *Antes de sair de casa confidenciou a Luíza que talvez não saísse do Palanque como governador. Tinha, porém, que tomar aquela atitude. Luíza, companheira das horas boas e amargas, disse-lhe que sentiria muito mais se ele não cumprisse seu dever. A seguir, sem que eles tomassem conhecimento chamou os dois filhos, menores mais em idade de saberem as coisas, e narrou que iria fazer e que dada à situação política que o Brasil estava vivendo, talvez dali pudesse sair preso. (LINHARES, 1996, p. 240)*

A declaração que merece destaque e que tanto perturbou o governador, se encontra registrada no seu discurso conhecido como *A chegada da energia de Paulo Afonso em Fortaleza.* E ele disse:

> *"Impõe a História consignarmos o apoio para tal recebido do antecessor [JoãoGoulart] de V. Excia., [Castelo Branco] e do seu Governo."*[20]

Quando leu essas palavras o papel tremulava nas mãos de VT. Do alto de sua testa, vertia um pequeno pingo de *suor* fugidio. Apesar do receio, o mal maior não sobreveio. Mesmo com a audácia do jovem governador em primeiro mandato e apesar do ressentimento nutrido, destituí-lo do governo estava fora de cogitação para Castelo, embora houvesse pressões em contrário.

Virgílio, então, aguentou firme! *"O homem público deve ser coerente consigo mesmo. Homem não se arrepende de nada do que faz. Aguenta as consequências,"* dizia.

> *Os efeitos colaterais foram imediatos. "A partir daí, Castelo, que ficara chocado com o inusitado, nunca mais se hospedou na residência oficial do Governador. Os entendimentos políticos entre a Presidência da República e o Ceará passaram a receber como interlocutor o então deputado Paulo Sarasate." (Linhares, 1996, p. 240*)

Pois bem, passado o imenso susto, a eletrificação de várias regiões do Ceará fora somente um dos milhares de sacrifícios e benfeitorias que o estadista Virgílio de Moraes Fernandes Távora deixou como legado para o estado que nasceu, cresceu e viveu. Sua carreira política, nacional ou estadual fora extensa, quase incomensurável. Foi ainda senador, ministro, governador outra vez, sempre com um norte: o bem do Estado do Ceará, assim como fizeram vários outros membros de sua família, uns pagando com a vida até.

E todos esses trabalhos despendidos em prol de seu ideal (leia-se o desenvolvimento do Ceará) teve um custo.

Nos idos dos anos de 1988, o ano que foi promulgada a Constituição Cidadã, Virgílio trabalhava a toda prova na sua elaboração, mesmo já padecendo de uma grave doença, que

tanto amedronta os homens. Era um dos que mais se destacava no denominado "Grupo dos 32". Deixemos sua filha Tereza Maria, se posicionar quanto a esse momento:

> *A redação da Nossa Carta Magna, a Constituição de 1988, que ele tanto ajudou a modelar e aperfeiçoar, em meio a tantas vaidades e mesquinhez de arrivistase revanchistas, não esperou por ele e dele não pôde ostentar sua assinatura. Tenho, contudo a convicção de que muitos constituintes de 1988, a exemplo do então Presidente Ulisses Guimarães, farão coro àquelas palavras do saudoso parlamentar paulista ao despedir-se de Virgílio Távora em Brasília: "Era da raça daqueles que não dão ao sofrimento a fraqueza da queixa."*[21]

E aconteceu, pois, que depois de muito lutar e exaurido todas as suas forças, Linhares (1996, p. 428) nos traz a notícia: "faleceu Virgílio no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, às 11 horas e 35 minutos do dia 3 de julho de 1988." Todas as homenagens, sejam elas em Brasília ou no estado do Ceará, felizmente se deram à altura do que o mesmo representou.

> *Ao chegar à Base Aérea de Brasília, procedente de São Paulo, foi o féretro recebido pelo Presidente da República, Presidente da Assembleia Nacional Constituinte Ulisses Guimarães, Presidente do Congresso Nacional Humberto Lucena, vários ministros e parlamentares de todos os partidos. O cortejo gastou mais de uma hora para alcançar a praça dos Três Poderes. Parado defronte ao edifício do Congresso, o caixão subiu a rampa conduzido (…) pelos senadores Humberto Lucena e Mauro Benevides e outros parlamentares. Na entrada do Salão Negro do Congresso, o cortejo foi recebido pelo presidente do PDS, senador Jarbas Passarinho, pelo líder do PMDB no Senado Federal, senador Fernando Henrique Cardoso (...) D. Luíza Távora, profundamente abatida, ficou a bordo do avião (...) Apenas o seu filho Carlos Virgílio, sua mulher Juliana e outros parentes próximos acompanham o cortejo.*[22]

E assim, exauriu-se a matéria humana, arvorou-se o Estadista. Certamente é o governador mais lembrado e estudado pelo conjunto da obra que realizou. Na sua terra, seguiu-se o cortejo na Assembleia Legislativa sendo decretado, pois, luto oficial no estado e no município de Fortaleza. E hoje, às portas do centenário de seu nascimento, homenagens ainda são despendidas em favor da sua memória, àquele ao qual foi concedido o título de Modernizador do Ceará, fazendo *jus*, portanto, a mais essa honraria humildemente evocada por nós: *Virgílio Távora: O Estadista Cearense.*

NOTAS BIOGRÁFICAS

Referenciais e Informativas

[1] LINHARES, Marcelo. ***Virgílio Távora, sua*** época**.** Fortaleza: UFC (Universidade Federal do Ceará) – Casa José de Alencar/ Programa Editorial, 1996, pp. 17-9.

[2] **Marquês de Pombal** (Lisboa, 13.05.1699 – Pombal, 08.05.1782). Seu nome civil era Sebastião José de Carvalho e Melo. Notável e controverso estadista português foi responsável pelo fim da escravatura no dito "Portugal Continental" e também da condução do famigerado "Processo dos Távoras" na qual essa família foi acusada injustamente de estar envolvida na morte de Dom José I. (Nota dos Autores)

[3] CARTAXO, Jorge Henrique. ***Virgílio Távora, o Agente da Modernidade.*** Disponível em:<https://www20.opovo.com.br/app/acervo/entrevistas/2012/09/07/noticiasentrevistas,2912491/virgilio-tavora-o-agente-da-modernidade.shtml >. Acesso em: 18 fev. 2018.

[4] **Virgílio Augusto de Moraes** (Sobral, 21.05.1845 – Fortaleza, 06.05.1914). Formado na Faculdade de Direito de Recife, em 1867, foi ali onde reconhecera mesmo a sua verdadeira vocação. O notável avô de VT, tornou-se, pois, promotor e procurador em vários municípios cearences, além de ser fundador de relevantes instituições como Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras. *In*: STUDART, Guilherme. *Dicionário Biobibligráfico Cearence.* Fortaleza, 1910. (N. do A.)

[5] **Juarez Távora:** ***Personagem e testemunha*** *in* Jornal *O POVO,* Disponível em:<https://www20.opovo.com.br/app/acervo/

entrevistas/2012/08/22/noticiasent evistas,2903825/juarez-tavora-personagem-e-testemunha.shtml>. Acesso em: 22 fev. 2018.

[6] LINHARES, Marcelo. *Ob. cit.,* p. 15.

[7] *Id. Ibid.,* p. 23.

[8] FROTA, Luciara Silveira de Aragão e. ***Entrevista com o Senador Virgílio Távora.*** Em 14 de Julho de 1976 para o Programa de História Oral, produto do Convênio da Universidade Federal do Ceará com o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

[9] cf. CEARÁ, Secretaria de Cultura. ***Arquivo Público Inventário do acervo Virgílio Távora.*** Fortaleza: Secult, 2003, p. 111.

[10] FROTA, Luciara Silveira de Aragão e.***Entrevista com o Senador Virgílio*** Távora.*id., ibid.*

[11] *Id. Ibid.*

[12] LINHARES, Marcelo. *Ob. cit.,* pp. 79, 80.

[13] CARTAXO, Jorge Henrique.***Virgílio Távora, o Agente da Modernidade.*** *id., ibid.*

[14] LINHARES, Marcelo. *Ob. cit.,* p. 98.

[15] CARTAXO, Jorge Henrique. *id., ibid.*

[16] LINHARES, Marcelo. *Ob. cit.,* p. 216.

[17] FROTA, Luciara Silveira de Aragão e. ***Entrevista com o Senador Virgílio Távora.****id., ibid..*

[18] PLAMEG – Plano de Metas do Governo, p. 2.

[19] TÁVORA, Virgílio. ***A chegada da energia de Paulo Afonso em Fortaleza.*** Discurso proferido pelo Exmo. Sr. Governador do Estado, na Praça Otávio Bonfim no dia 1º de fevereiro de 1965. (Festa do Século). Fortaleza: Imprensa Oficial, 1965, p. 8.

[20] TÁVORA, Virgílio. *Ob. cit.*

[21] CEARÁ, Secretaria de Cultura. ***Arquivo Público Inventário do acervo Virgílio Távora.*** Fortaleza: Secult, 2003, p. 14.

[22] LINHARES, Marcelo. *Ob. cit.,* pp. 428-9.

Parte II

DEPOIMENTOS

MEU PAI: UMA MARCA INESQUECÍVEL

Custo a crer que já se passaram mais de 30 anos desde a morte de meu pai. Sua presença em minha vida foi sempre tão marcante que, até hoje, quando estou em dúvida a respeito de uma decisão, descubro-me conjecturando como ele agiria em meu lugar.

Falar de meu pai é falar de retidão, integridade, coragem, idealismo, altruísmo, tolerância, cultura, inteligência privilegiada, de amor incondicional ao seu povo, de fé inquebrantável no potencial de sua terra. É falar de um marido sem igual, que nutria pela esposa um amor e uma admiração que beiravam a adoração. Um completava o outro numa simbiose perfeita. Casal mais conjugado, impossível! Fomos criados com ele repetindo: "Aqui em casa, em primeiro lugar a Luíza, em segundo lugar a Luíza, em terceiro lugar a Luíza, em quarto lugar a Luíza, em quinto, o resto". Ele não media esforços para satisfazê-la. Nunca esqueço de um episódio: durante uma viagem à Itália com amigos, as senhoras do grupo decidiram passar o dia em Roma e a mamãe optou por permanecer em Florença. Ao final do dia, quando elas retornaram, uma delas, muito amiga da mamãe, contou como o passeio tinha sido maravilhoso e mostrou a ela o que havia comprado. Ao entrarem no quarto para dormir, a mamãe comentou com ele que tinha se arrependido de não ter ido com elas no passeio e mencionou as compras. Ele, ao acordar, sem que

ela soubesse, pediu à amiga para mostrar o que havia comprado e indagou se ela ainda tinha as notas fiscais das compras. Foi então até o guia, mostrou os produtos, deu as notas e dinheiro e pediu a ele para contratar uma pessoa para comprar tudo igual para a mamãe. E assim foi feito. Qual não foi a surpresa da mamãe quando, ao retornar para o hotel no final do dia e entrar no quarto, encontrou tudo exatamente igual ao que a amiga havia comprado em cima de sua cama! Assim era ele! Costumava ligar para as amigas da mamãe para saber quais tinham sido os desejos dela no dia anterior. No hospital, nos seus últimos dias de vida, sua preocupação maior era a mamãe. Ele me dizia: "Minha filha, eu estraguei a sua mãe, não a preparei para a vida." E morreu pedindo: "Minha filha, tome conta de sua mãe."

Sempre fui muito parecida com ele em aptidões, gostos e temperamento. Herdei sua facilidade com os números, sua calma, seu equilíbrio, seu amor por História. Apesar de sisudo, ele sempre foi um pai afetuoso e presente. Sempre nos dizia que só não nos perdoaria se soubesse de um malfeito nosso por outra pessoa. Seus ensinamentos, sempre vivenciados no seu exemplo de vida, moldaram o meu caráter. Suas citações permanecem muito vívidas em minha memória: "Se nem Jesus Cristo agradou à humanidade, por que você o fará?" "Aja de acordo com a sua consciência e aguente as consequências dos seus atos." "Nunca esqueça quem você é." "Tire forças das suas raízes", "Antes de julgar alguém, lembre-se que ninguém teve todas as oportunidades que você teve", "Não existe vida sem sofrimento. O sofrimento nos fortalece e nos faz crescer", "Humildade perante os fatos", "Cada um dá o que tem", "Certas concessões não compensam", "Uma escolha, uma renúncia – tudo, não terás.", "O mundo depois de nós deve ser melhor por termos passado por ele." E, finalmente, uma de Voltaire que eu simplesmente adoro: "Não concordo com nenhuma de tuas ideias, mas defenderei até a morte o direito que tu tens de tê-las."

Agradeço muito a Deus o privilégio de ter tido os pais que tive. Criaturas ímpares, excepcionais! Pessoas que vivenciaram a máxima cristã de servir, que acreditaram piamente que "a vida nenhum sentido tem quando não é vida vivida em prol da vida de alguém."

Nestes tempos de moral tão frouxa, é muito gratificante ter a certeza de que nem "todo homem tem o seu preço" e que, nem sempre, "a ocasião faz o ladrão". Meu pai sempre ocupou cargos públicos com grandes verbas envolvidas (quando foi Ministro de Viação e Obras Públicas, por exemplo, quase 40% do orçamento da União era gerido por sua pasta) e nunca se ouviu falar de nada que desabonasse a sua conduta. Tenho um orgulho imenso do fato! E de sua coragem de seguir seus princípios, mesmo pagando um preço alto por isso. É público e notório o fato dele ter elogiado João Goulart, no seu discurso por ocasião da inauguração de Paulo Afonso, na frente do presidente Castelo e da cúpula militar ("Manda a justiça e exige a história que se diga que grande parte dessa obra se deve ao antecessor de sua Excelência, o ex-presidente João Goulart."), mesmo correndo o risco de ser cassado. Ele só não foi cassado na ocasião, como queria a linha dura do Exército, devido ao fato de ser sobrinho do Juarez Távora. Arriscar tanto apenas por dever de consciência é para poucos!

Meu pai foi meu porto seguro, meu referencial maior, um ser humano digno do nome, meu amigo certo das horas incertas. Pautou sua vida na crença de que "são as paixões e não os interesses que constroem o mundo." Nunca deu ao sofrimento a fraqueza da queixa. Lutou até o final por seus princípios, seus valores, suas convicções.

Meu pai: Saudades eternas! Admiração infinita!

TEREZA TÁVORA XIMENES

ASSIM ERA VIRGÍLIO!

Manoel do Nascimento Fernandes Távora (Manduca), pai de Virgílio.

Manoel Pinheiro Fernandes Távora (Mano), meu pai.

Primos legítimos, com prenomes, nomes e apelidos que retratavam a quase igualdade de pensamento e uma sólida amizade que se projetou durante os anos em que viveram no plano terrestre.

E foi no esteio desse sentimento de grande afeição entre os dois Távoras que cresci e aprendi tão vivos valores que carrego ao longo destes quase noventa anos de vida.

Assim, falar de Virgílio é relembrar esses laços inquebrantáveis e permear por inúmeras histórias da política local e nacional.

Optei por relembrar meu ingresso (forçoso à época, diga-se de passagem) na política partidária, já que a habilidade para tratar das relações humanas era elemento assentado no DNA familiar.

Era o ano de 1958, quando recebi um telefonema de Virgílio convocando-me com urgência à sua residência.

Ao chegar, fui de pronto instado:

– Primo Racine, seu destacado sorriso e sua capacidade de agregação trouxeram-lhe uma nobre missão a ser cumprida!

Orgulhoso pelo afago e sem desfocar do que se avizinhava, questionei:

– Qual missão?

A resposta veio de pronto:

– Acabo de receber nossas lideranças de Jaguaribe que, de forma cabal, asseguraram que só você seria capaz de enfrentar as forças dominantes no município.

Incontinenti, indaguei:

– Posso avaliar?

E, ele:

– A missão foi dada!

Ainda atônito e premido pela circunstância de estar com uns vinte e poucos anos, tentei ponderar acerca das dificuldades em enfrentar um aparato estatal em nível federal a dar apoio às forças adversas.

A resposta veio certeira:

– Você já é o candidato a prefeito do partido em Jaguaribe!

E de lá saí a pensar em como melhor cumprir a espinhosa tarefa de concorrer no berço de nossa família, que se não fora o espírito forjado em têmpera destemida e o auxílio de prestimosas famílias-irmãs, como os Barreiras, os Pereiras, os Peixotos, os Moraes, os Vidais, os Cunhas, os Saldanhas, os Costas, os Mirandas e outras tantas forças políticas jaguaribanas que sempre somaram ao lado dos Távoras, não conseguiria ter atravessado tão tormentosa e difícil incumbência.

Eleição difícil, como sempre difícil foi nossa condição de udenistas/oposicionistas.

Após o resultado do pleito, voltei a Virgílio com as feições marcadas em batalha árdua.

Perdemos, disse eu!

Ganhamos, respondeu! Ganhamos um novo membro da família na luta.

Prepare-se para 62! (Eleição que o conduziu ao Governo do Estado e me fez exercer o mandato de deputado estadual pela primeira vez.)

Suas palavras incentivadoras em um momento em que ele próprio padecia do mesmo desalento (perdera o pleito para o Governo do Estado), marcaram-me sobremaneira, não me deixando esquecer a forja comum.

Assim era Virgílio!

FRANCISCO RACINE TÁVORA
(Deputado Estadual nas legislaturas de 62-66, 66-70, 70-74, 74-78 e Diretor dos Escritórios Regionais do Governo no segundo "Veterado")

UM HOMEM ACIMA DO SEU TEMPO

Nas diversas fases da minha vida profissional, tive influência, exemplos, apoio, incentivo e estímulos de várias pessoas. Dentre elas cito o nome de Virgílio Távora.

Conheci o Cel. Virgílio Távora através de um amigo comum, o também Cel. Adauto Bezerra.

Durante os 13 meses que exerci o honroso cargo de Prefeito de Fortaleza, foi o então Senador Virgílio Távora que, em Brasília, me deu total apoio na aprovação de projetos de interesse de nossa cidade, dentre os quais cito a urbanização da Beira-Mar no trecho que vai do Náutico até a rua Frei Mansueto, bem como a construção dos primeiros calçadões do centro da cidade. Destaque-se ainda os recursos por ele conseguidos para o asfaltamento de todos os corredores de ônibus então existentes.

Impressionou-me profundamente o prestígio do Senador Virgílio Távora, junto ao Ministro da Fazenda, Delfim Netto, fator determinante da aprovação e liberação dos recursos para execução de tais projetos.

Eleito Governador do Estado, o Cel. Virgílio convidou-me para voltar a dirigir a Secretaria de Obras e Serviços Públicos do Estado, cargo anteriormente exercido por ocasião dos Governos de Adauto Bezerra e início de Waldemar Alcântara.

O relacionamento com o Governador, nos primeiros dias, não foi dos mais fáceis. Acostumado ao modo de convivência com o Gov. Adauto Bezerra, em relação à condução dos importantes órgãos vinculados à Secretaria de Obras, senti o sistema centralizado do Governador Virgílio o que, de logo, foi equacionado para o que muito contribuiu o meu amigo particular Aécio de Borba, então Assessor Especial do Governo.

A anunciada visita do Papa João Paulo II serviu para, definitivamente, aproximar-me do Governador, já que o mesmo delegou a própria Secretaria de Obras a conduzir todo o processo de reforma do Castelão, bem como a responsabilidade de montagem de toda a infraestrutura para a realização das duas missas, uma na área externa do Castelão e a segunda no próprio centro do estádio.

Durante todo este processo inúmeras vezes acompanhei o Governador na visita às obras o que contribuiu sobremodo para definitivamente tornar nosso convívio bastante respeitoso, mas já agora com uma nascente amizade.

Em seguida, veio a ameaça de mais uma seca em nosso Estado o que determinou inúmeras reuniões entre o Governador e seu Secretário de Obras, objetivando as ações a serem desenvolvidas, principalmente em relação ao abastecimento de água para Fortaleza. Felizmente, quando já estavam em execução algumas ações, veio a benfazeja chuva e o recém-construído Açude Pacoti, juntamente com o Riachão e o Gavião, sangraram e afastaram o temido desabastecimento de água para nossa capital.

Fato marcante foram as tratativas para escolha do local e início das obras do Centro Administrativo, outro grande legado do Governo Virgílio Távora. Deixamos concluídos os prédios para o funcionamento das Secretarias do Planejamento e suas vinculadas, da Secretaria de Obras e da Secretaria de Educação, e ainda em adiantado estado de construção o edifício destinado

à Secretaria da Fazenda, posteriormente adaptado para funcionamento do Tribunal de Justiça.

Ficou também concluída a Avenida de Acesso ao Centro, bem como todo o sistema viário interno.

Por fim, cite-se a ousadia para a construção do Açude Jaburu, grande desafio posto à Secretaria de Obras e que, hoje, abastece todos os Municípios da Serra Grande.

Enorme também foi o esforço comandado pelo Governador Virgílio no Setor de Eletrificação Rural, estradas, casas populares, prédios públicos, abastecimento de água no interior do Estado.

Outra importante tratativa do Governador Virgílio Távora foi o início das negociações junto ao Departamento Nacional de Obras de Saneamento para elaboração do projeto do futuro Castanhão, que determinou, inclusive, várias idas à sede daquele Departamento do seu Secretário de Obras. Cito este fato porque não vejo creditado ao Governador Virgílio o mérito de ter iniciado os entendimentos que mais tarde possibilitaram a construção daquele importante reservatório.

Não poderia terminar este depoimento sem fazer referência à dedicada e relevante atuação de Da. Luíza Távora, que tive o privilégio de acompanhar de perto. Na verdade, Da. Luíza muito ajudou seu marido na condução de sua brilhante trajetória política e administrativa.

Virgílio foi sem dúvida um monumental político e homem público, que deixou para as gerações futuras uma trajetória dedicada, uma vida exemplar com grande senso de responsabilidade, no exercício dos importantes cargos que exerceu, sempre com muita competência.

LUIZ GONZAGA NOGUEIRA MARQUES
Professor da Escola de Engenharia Civil (UFC), ex-Secretário de Obras do Governo do Virgílio Távora (1978 - 1982)

UM HOMEM NÃO CONVENCIONAL

Nos tempos atuais, em que agremiações políticas executam uma perversão operesca das boas intenções, onde os fins justificam os meios, vem-me à memória a figura ímpar de Virgílio Távora, a antítese de tudo que vemos agora.

Recentemente, num encontro informal de políticos aposentados, um dos mais novos e que não tivera o privilégio de privar da companhia de VT em nenhum momento, perguntou porque depois de trinta anos da morte desse personagem, ainda se falava tanto nele. A questão foi prontamente respondida por um dos mais experientes do convescote: "porque era honesto e cumpridor de compromisso".

A sentença acima define talvez a faceta mais preeminente e valiosa para a atividade política, mormente nos dias atuais, tão carentes dessas virtudes. Mas não define a amplitude da alma de VT. O VT obstinado por mudar a economia do Ceará - "uma economia baseada no binômio boi/algodão é anacrônica e não nos levará a lugar algum" - ou mais recentemente seu esforço para a industrialização e o fortalecimento do segmento de serviços no nosso estado.

Menos ainda o VT na intimidade, marido dedicado, pai amoroso e avô bobo como todos os avós, além de amigo incondicional. Portanto, Virgílio Távora era realmente um

político honesto e escravo da sua palavra empenhada, mas era muito mais que isso.

O jornalista Jorge Henrique Cartaxo, numa magistral entrevista concedida pelo Senador Virgílio Távora já próximo ao seu falecimento, classifica-o como "o homem público mais completo que o Ceará produziu neste século", referindo-se ao século XX.

Quando leio o poema de Fernando Pessoa "O Guardador de Rebanhos" (pelo heterônimo Alberto Caieiro), lembro de Virgílio. Ou seria, ao contrário, quando lembro de Virgílio, remeto-me às estrofes sobre o rio Tejo, de "O Guardador de Rebanhos"?

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,

Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia

Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

Sim, porque Virgílio sabia que o Brasil era um "mais belo rio" que muito precisava da sua inteligência e dedicação, mas não esquecia do "rio que corria na sua aldeia", o seu querido Ceará, e achava-o mais belo porque este mais necessitava dele.

Virgílio foi um intransigente defensor da liberdade, lato sensu. Que o digam aqueles que ele pôde proteger ou minorar o sofrimento durante a chamada Revolução de 1964. A liberdade pressupõe, sobretudo, bom senso e honestidade intelectual. E Virgílio tinha isso. É nesse segmento que entendo que os cearenses ainda não fizeram justiça a VT. É certo que existem centenas, talvez milhares, de equipamentos públicos nominados como Virgílio de Moraes Fernandes Távora. Mas o nome impresso no mármore frio ou calcado no bronze não perpetuam a história de um indivíduo.

O ser humano tem a insuperável inclinação para ser um atleta olímpico do genocídio aos seus membros de sucesso. Principalmente nas áreas intelectual e política. Os cearenses

devem a Virgílio Távora um memorial, que registre para os pósteros todas as lutas capitaneadas por esse extraordinário ser humano, em prol do povo do seu estado e do Brasil.

Pt, Saudações!

NILO SÉRGIO
Ex-Deputado Estadual Constituinte 1989 e Chefe de Gabinete da Secretaria de Educação do Governo Virgílio Távora.

O GOVERNADOR ENGENHEIRO

Conheci o governador Virgílio Távora, em julho de 1978, quando o Dr. José Flávio Costa Lima, então Secretário de Indústria e Comércio do Estado do Ceará, indicou-me para escrever o capítulo Ciência e Tecnologia do PLAMEG II e, para implantar o NUTEC, cujo Plano Diretor estava sendo elaborado naquela Secretaria.

Em 1979, fui por ele convidado, pessoalmente, para dirigir o NUTEC. Na ocasião, lhe falei que aceitava desde que o órgão fosse protegido de ingerências políticas.

Se o NUTEC conseguiu marcar presença na área da ciência e tecnologia deve-se à postura e firmeza de Virgílio Távora que tinha a consciência, como engenheiro, de que a pesquisa, o desenvolvimento tecnológico e a engenharia só sobrevivem em instituições protegidas do clientelismo e das politicagens, isto é, em instituições onde no seu quadro técnico prevaleçam os critérios do compromisso e da competência.

O respeito que ele tinha pelos pareceres técnicos era inabalável. Recordo-me que, durante o seu governo, o NUTEC era o órgão credenciado para emitir parecer técnico sobre as empresas industriais que diziam ter mudado o seu processo produtivo por introdução de moderna tecnologia. Tal parecer era

decisivo para fins de recebimento dos incentivos fiscais sobre o ICMS. Inúmeros foram os atestados do NUTEC negando tais incentivos, que foram por ele acatados, mesmo sabendo das pressões que iria receber.

A sua sensibilidade pela tecnologia beneficiou órgãos que, direta ou indiretamente, lidavam com a engenharia. São exemplos: trouxe a energia de Paulo Afonso (CHESF), melhorou o PORTO DO MUCURIPE, deu dimensão ao NUTEC, promoveu o programa de BIOMASSAS, lançou nacionalmente o PRODIESEL - hoje BIODIESEL, revitalizou a EPACE, criou a CEMINAS, implantou DISTRITOS INDUSTRIAIS, fortaleceu diferentes setores de engenharia do seu governo e integrou a universidade com o setor produtivo. A sua sensibilidade pela tecnologia e engenharia era notória.

Já como Senador foi presença marcante na luta pelos quatro grandes projetos de engenharia iniciada em 1984 pelo NUTEC, UFC e FIEC: Refinaria, Itataia, Laminação e Gás Natural.

Participou da implantação da Frente em Defesa dos Projetos do Ceará- FIC, instalada em 1985 em solenidade na Federação das Indústrias do Ceará.

Ainda em 1985, quando a Universidade Federal do Ceará convidou os políticos para discutirem no auditório Castelo Branco as estratégias da luta pela Refinaria, somente o Senador Virgílio Távora se fez presente, enfrentando inclusive todas as críticas dispensadas na ocasião à classe política, considerada ausente do processo.

Quando com ele, debatendo esses projetos no programa Arnaldo Santos na Rádio Assunção, perguntei se haveria algum constrangimento em sentar-se à mesa com o Governador Gonzaga Mota, respondeu-me: “doutorzinho, estão em jogo

projetos de interesse do Ceará, por isso, divergências à parte, nenhum constrangimento".

Virgílio, antes de político, era um engenheiro com profunda visão dos problemas sociais que buscava na engenharia a solução dos problemas de infraestrutura do Ceará. Ele dizia que o Brasil precisava de mais engenharia e menos economia.

Meu último contato com Virgílio se deu um pouco antes da solenidade de entrega da Medalha Albaniza Sarasate. Ao seu lado, falei-lhe de uma razão mais forte para conquistarmos a Refinaria: ela poderia resolver o problema de energia elétrica do Ceará.

Para minha surpresa, num trecho do seu discurso, ele assim se expressou:

> *"os resíduos ultra viscosos de uma refinaria de 120.000 barris / dia dariam para gerar, numa usina térmica, energia elétrica suficiente para suprir a demanda do Ceará. Mais uma razão para lutarmos por ela".*

Esse era o Virgílio que conheci e convivi. Um engenheiro com visão prospectiva das demandas do Ceará, que exercia a política com ética e determinação.

ARIOSTO HOLANDA
Engenheiro Civil, professor Universitário (UFC e UNIFOR). Deputado Federal, um dos Idealizadores do NUTEC, no Governo Virgílio Távora (1978 - 1982).

AVANÇADO GOVERNANTE DO CEARÁ

Qualidade fundamental de um bom governante é sua visão de futuro.

Essa visão de futuro pressupõe a identificação objetiva de programas e projetos necessários para a realização de mudanças e transformações econômicas e sociais, que resultarão em ganhos futuros e permanentes para toda a comunidade, fixando, além disso, um compromisso com a ampliação do bem-estar de seus cidadãos.

Assim, a prioridade, definida em função dos ganhos permanentes da sociedade, distancia-se do modelo conservador de atendimento, por parte do governante, dos pleitos contumazes e imediatistas, muitas vezes de interesse pessoal de grande parte de seus apoiadores políticos.

Sabe-se, porém, que a eleição do governante depende do apoio de lideranças numerosas, construídas, muitas vezes, com votações ditadas por interesses imediatos, fator relevante que deve ser também considerado, como visão do presente.

Como conciliar, então, uma governança com visão de futuro, com a conflitante política de atendimento imediato de necessidades eleitoreiras, em um Estado, como o Ceará, marcado, secularmente, pelos estigmas da pobreza rural, pelo atraso cultural, técnico e científico?

Há de reconhecer-se, historicamente, o surgimento do governante com visão no futuro, no Ceará, há 55 anos, no primeiro mandato do líder político Virgílio de Morais Fernandes Távora, que governou o Estado de 1963 a 1966.

Esse foi um período de modernização ampla da máquina governamental do Estado, com vistas ao acompanhamento das transformações que se intensificavam na Região, iniciando-se com maior ênfase em Pernambuco e na Bahia, pioneiros na implantação de Distritos Industriais e na mobilização de novas indústrias nacionais e internacionais.

Sabe-se que o início da década de 60, do século passado, foi assinalado por forte influência desenvolvimentista, introduzida no Nordeste pelo Banco do Nordeste e pela SUDENE.

A decadência econômica e social da região, particularmente do Ceará, agravada pela seca de 1958, começou a transformar-se, em função de nova visão regional, na busca de objetivos concretos para o crescimento social e econômico.

O planejamento regional foi introduzido. Fixaram-se metas concretas de crescimento dos setores de infraestrutura, na geração de energia, ampliação de estradas, levantamentos e pesquisas do potencial agrícola para irrigação, modernização das indústrias tradicionais de têxteis e confecções e estímulo à implantação de indústrias dinâmicas.

Consequência imediata desse planejamento regional foi o aprimoramento de recursos humanos, com a ampliação do treinamento voltado para o desenvolvimento, também com a expansão do ensino universitário, exigindo-se até o surgimento e diversificação de novas disciplinas.

O Governador Virgílio Távora partiu imediatamente para a modernização da máquina estatal, adaptando-a ao novo cenário administrativo.

Foi, então, criada a Secretária de Planejamento para coordenar as novas ações governamentais, instituindo o

PLAMEG – PLANO DE METAS DO GOVERNO, instalando a SUDEC – Superintendência de Desenvolvimento do Ceará, posteriormente o BANDECE Mucuripe, valioso instrumento para a modernização de todo o sistema rodoviário cearense.

Ainda em 1964 criou o I Distrito Industrial de Fortaleza.

Em seu segundo mandato governamental – 1979 a 1982 – criou o Fundo de Desenvolvimento Industrial, implementando a política de atração de investimentos, tendo avançado também na criação do Distrito Industrial de Maracanaú, iniciativa altamente meritória e de consequências muito positivas, seja na oferta de conjunto residencial para operários, seja na consolidação de novo polo industrial para o Estado. Em complementação a esse esforço desenvolvimentista, foi instalada também a CEMINAS – Companhia Cearense de Mineração.

A modernização e a larga ampliação e diversificação do setor industrial do Ceará, incluindo a criação do Distrito Industrial de Sobral, contribuiu para o fortalecimento da economia do Ceará.

Embora em seu segundo mandato, tenha enfrentado o longo período de secas que afetou a economia de toda a região Nordeste, (1979 a 1984), sua estreita articulação com a SUDENE, com o DNOCS, com o BNB e também diretamente com o Ministério do Interior, proporcionou ao Estado eficaz assistência, em termos de assistência às famílias de flagelados, seja com a contratação de mão de obra rural, seja em termos de abastecimento de água e alimentos para as populações afetadas. Cumpre ressaltar até a iniciativa de construção de armazéns, em cidades afetadas pela seca, como forma de prevenção contra futuro desabastecimento.

Não se pode omitir uma referência à sua participação exemplar no Conselho Deliberativo da SUDENE, a qual exercia grande influência em todos os programas de desenvolvimento regional e recebia, mensalmente, em suas reuniões tanto os 10 governadores do Nordeste, como também Ministros e altas autoridades da República.

Em todas as reuniões, o Governador Virgílio Távora levava à apreciação do Conselhos assuntos relevantes para apreciação e discussão, com os demais conselheiros, expondo ao público, com repercussão regional e, até, nacional, seu ponto de vista, enfatizando as consequências para a economia do Ceará.

Com justiça, era considerada exemplar e até admirada pelos outros governadores, a participação do Governador Virgílio Távora, pela diversidade das sugestões por ele apresentadas, pela busca de solução de problemas no Ministério do Interior e também em outras áreas ministeriais.

Empenhava-se, com zelo, também pelo acompanhamento de cada projeto industrial ou de agropecuária a instalar-se no Ceará, em andamento na SUDENE, na busca de aprovação e implantação, no menor prazo possível, com vistas ao fortalecimento da economia de seu Estado.

Uma avaliação objetiva da eficácia dos mandatos governamentais de Virgílio Távora, para o desenvolvimento social e econômico do Estado do Ceará, isenta-se de conotações ideológicas, ou de comprometimento com correntes políticas contrárias, há de concluir pelo seu grande mérito, não apenas na modernização da economia do Estado, mas pela inserção do Ceará na rota definitiva do desenvolvimento social e de aumento do bem-estar de sua população, como verdadeiro exemplo de político a ser seguido.

Em síntese, há três razões para fundamentar a avaliação de Virgílio Távora como avançado governante do Ceará:

1ª – A adoção, na administração pública do Ceará, por Virgílio, Governador do Estado, já nos inícios da década de 60, da inovadora política de desenvolvimento social e econômico, absorvendo o novo modelo, disseminado pelo Banco do Nordeste e pela SUDENE, já em andamento na Bahia e Pernambuco, introduzindo, em caráter definitivo, no Estado, essa política de desenvolvimento, que permanece como desafio para os sucessivos governantes;

2ª – Dedicação constante e empenho intransigente na modernização e expansão dos setores produtivos da agropecuária e das médias e grandes empresas industriais, inclusive de siderurgia, no Estado, tendo como resultado a modernização e implantação de centenas de novos empreendimentos, geradores de emprego e renda, e até projetando mais de um setor, como os de confecções e têxteis com destaque, no cenário nacional;

3ª – Respeito escrupuloso na arrecadação e utilização das receitas públicas, também nos períodos eleitorais, a ponto de recorrer ao patrimônio imobiliário da família Távora nos gastos de suas campanhas eleitorais.

Esses três fatores sempre acompanhados e avaliados, em função da minha aproximação profissional e do frequente relacionamento técnico com Virgílio Távora, seja como diretor do Banco do Nordeste, seja como Diretor e Superintendente da SUDENE, induzem-me à confirmação do avançado Governante do Ceará.

VALFRIDO SALMITO FILHO
Advogado com especialização em Economia. Superintendente da SUDENE (12.07.1978 a 24.09.194).

RELEMBRANDO O POLÍTICO

Quando conheci Távora, de pertinho, confesso que tive certas surpresas. É que, antes de ser jornalista, o tal sobrenome, forte como o nome, só me inspiravam informações nada simpáticas, no profundo sentido do termo. Era uma "patente" e um donatário da chamada capitania hereditária cearense, repartida entre mais dois coronéis. Aquilo era, por assim dizer, chocante para quem nutria rejeição por figuras ligadas às chamadas ditaduras. No entanto, nas convivências dos salões, dos bastidores políticos, nas reuniões em que ele sempre e, sobretudo por força do carisma, cintilava, pintou a curiosidade de observá-lo com outros olhos. V.T. era, afinal, um dos deuses da paisagem política do Estado. E, pouco a pouco, desmanchei antigas impressões e daí para uma admiração incondicional foi um passo. Adorava ouvi-lo, sobretudo depois que o descobri como ex-professor de História, um amante da música clássica, da etiqueta social espontânea e das artes. Um "gentleman". Numa edição da Fenit, em Sampa, participei de grupo que, a seu convite, fora brindar, no restô do Maksoud, a euforia das grifes cearenses no Anhembi. Todas as personagens femininas à mesa puderam ver um governador de Estado mostrar, apenas, seu lado de cavalheiro. Sugerindo pratos da cozinha, tipo de bebidas para acompanhá-los, leve e solto deixou a política de lado para falar de assuntos leves e deslumbrantes. Deu lições de música e desenhou

confidências. Reportou-se a Dolores Durand e de como "A Noite do Meu Bem" o transpunha para um mágico mundo. E foi tão cativante aquele papo que, à hora da despedida, cada convidada formava uma nova lista de suas admiradoras. Tereza Borges, que já era sua amiga de muito tempo, ria-se de minha surpresa no conhecer a outra face do político. Eu nem lembro ao certo quem formava toda a roda, a não ser da Ângela Marinho, que por ele já nutria uma ternura antiga. De lá para cá, a nova impressão não mais se diluiu, sequer quando ele apoiou Maluf. De forma convicta, aberta, por ser homem de partido, também. Aliás, as poucas perdas políticas de Távora foram, por ele, simplesmente arquivadas. Nisso se revelou, sempre, um cartesiano. Era consciente da própria fibra, antes de mais nada. Sabia que, em política, um tem que ganhar, o outro tem que perder. Mas, certamente, sofreu com os erros que cometeu... O mais crasso de todos: ensaiar experiência laboratorial que resultou no jogo da criatura contra o criador. Se isso o abateu muito, moralmente, poucos o sabem. Em política, há que se observar o "pra frente é que se anda". Mas até tropeçando, o notável homem público, cujo currículo é vasto e rico e, mais que isso, de benefícios para sua terra, não teve nenhuma posição amaldiçoada por ninguém, tal e qual seu "debut" na Nova República como o político que não apoiou Tancredo Neves (velho amigo, a nível pessoal) e seu fatídico vice, que acabou na "pole position". Os desenganos com tal escolha estão aí para provar que o brasileiro estava, no mínimo, sem opção, ao torcer por um "promissor" pleito indireto.

SÔNIA PINHEIRO
Jornalista, amiga da família Távora.

VIRGÍLIO EMBLEMÁTICO

– Doutorzinho!

A expressão “doutorzinho” normalmente era uma exclamação de acolhimento, mas, excepcionalmente, poderia ser uma repreensão ou mesmo uma carga de reticências.

Pronunciada com a voz discretamente metalizada, era esta uma das marcas registradas do governador Virgílio Távora. A despeito disso, seu uso comedido era uma distinção ao interlocutor. Virgílio Távora, o influente governador do Ceará em uma conjuntura de transição entre o solene e o publicizado, fez seu percurso de homem público nos limites estritos da dignidade e da honradez.

Tive a oportunidade de encontrar o governador VT algumas poucas vezes. A primeira delas foi no final de 1980 em um jantar estilo americano - cada um com seu prato na mão - na casa do jornalista Teobaldo Landim. Era um encontro com alguns estudantes do Curso de Comunicação da Universidade Federal do Ceará, dentre eles Gilson Barbosa e Marluce Aires, todos na faixa dos 22, 23 anos.

O motivo era minha premiação no Esso de Jornalismo devido a uma reportagem publicada no jornal O Povo. Uma outra vez foi na casa do governador, na rua deputado Moreira da Rocha. Portas sempre abertas e uísque generoso.

Virgílio governou sempre ao lado de sua mulher, dona Luíza Távora, de intensa presença pública. A simbiose entre os dois era visível. Se tratavam por “Luíza” e “Virgílio”. Dona Luíza foi uma das três primeiras damas cearenses de forte presença pública e personalidades marcantes. Influenciaram seus maridos e seus governos.

A primeira foi dona Albaniza Sarasate, a filha de Demócrito Rocha que casou com o deputado Paulo Sarasate, posteriormente governador. Depois, dona Olga Monte Barroso, a filha única do coronel Francisco de Almeida Monte que casou com o deputado e professor Parsifal Barroso, eleito, em 1958, governador do Ceará.

E aqui Virgílio e Parsifal se encontram em palanques opostos, em uma disputa acirrada e turbulenta. Parsifal, na tribuna do Senado, empreendeu uma acirrada polêmica com seu colega de bancada Fernandes Távora, pai de VT.

O mais fenomenal foi a costura da coligação União pelo Ceará, que derrubou a histórica dicotomia PSD-UDN, colocando históricos opositores em um mesmo palanque.

VT governador consolida seu DNA político, do tio Juarez e do pai Manuel Fernandes Távora. Infelizmente não deixou herdeiro político direto, a despeito de seu filho Carlos Virgílio, precocemente falecido, ter cumprido mandato de deputado federal.

Essa nova biografia de César Barreto Lima, em coautoria com Saulo Barreto, reforça a preocupação dos autores com o resgate de nossa memória. Ambos assinaram a isenta e completa biografia do padre José Palhano de Sabóia (Padre Palhano – Santo, Semideus ou Cavaleiro do Apocalipse) uma leitura saborosa em decorrência de uma narrativa rica de detalhes e de informações originais, frutos de laboriosa pesquisa.

Com a biografia da VT, a reconstrução do tecido social cearense levada a efeito pela dupla de pesquisadores se amplifica.

Virgílio, que aparece coadjuvantemente na biografia de Palhano, é agora a personagem central. Temos, portanto, mais um tijolo consistente na necessária construção de nossa historiografia com o sabor das minúcias que marcam o estilo dos autores.

LUIS SÉRGIO SANTOS
Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. Autor dos livros biográficos "Rui Facó, uma biografia: O homem e sua missão" (Fundação).

“ – DOIDIM, VOCÊ POR AQUI??? ”

Virgilista. No dicionário político do Estado do Ceará, este verbete significa o seguidor de um homem público que reunia três quesitos indispensáveis a um líder: probidade, brio e retidão de caráter.

Corria o ano de 1980. Recém-saído do curso de Comunicação Social da UFC, recebi um convite para assumir o cargo de discotecário na Rádio Cidade AM. Havia trabalhado na Rádio Iracema naquela função. Fui entrevistado pelo superintendente Afrânio Peixoto. Perguntou-me sobre conhecimentos básicos, roteiros musicais, meu gosto pessoal, as músicas que mais agradavam os ouvintes de modo geral etc. Passei no crivo. Mas eu não queria mais ser discotecário. Queria mesmo era atuar como jornalista. Fazer jus ao diploma. Foi quando surgiu a chance. A equipe de jornalismo da TV Cidade, então ligada à Rede Bandeirantes, estava precisando de um repórter para ficar no período da tarde, até o fechamento do jornal da Band, parte local, por volta das 7 da noite. Aí eu tive nova entrevista, com o editor-chefe Ciro Saraiva. Disputando a vaga, além de mim, o jornalista Luis Sérgio Santos, embora novinho também e bem mais capacitado. Escolheram a mim. Soube depois que foi uma decisão do próprio dono da emissora, o empresário Miguel Dias. Assim começou minha atuação naquela empresa e como eu cheguei a ter a bênção de conhecer de perto o coronel Virgílio

Távora, tema deste livro-homenagem, iniciativa do meu amigo de Colégio Sobralense, César Barreto, gáudio e honra.

Daí por diante, começaram a agir meu anjo da guarda e as preces da minha mãe. Acho que logo na primeira pauta tinha uma entrevista com o Governador sobre uma ameaça de greve de professores do ensino público. "—Vixe. Pense num porre. Difícil arrancar uma palavra dele. Só diz sim ou não. E olha para você com olhar reprovador e inquisidor." Foi o que me advertiu um colega da redação. Creio que era noticiarista da rádio. Não lembro o nome. Fomos ao Palácio da Abolição na Kombi da TV. O repórter, o cinegrafista, o motorista e o "pau de luz" (as câmeras de então tinham pouco recurso. A iluminação era feita por um pequeno refletor que outro auxiliar segurava para o êxito da entrevista). O cinegrafista Stênio Saraiva também me meteu medo. "Jornalista se prepare. O Governador talvez nem nos receba. Mas se isso ocorrer, fique calmo, sorria. Porque ele vai lhe fuzilar logo com o olhar. Nada de fazer pergunta óbvia. Se ele estiver puto, aí sobra até prá nós...!!!"

Preparado para o pior, recuperei a coragem quando o Governador nos recebeu. Antes, o assessor especial da Secretaria de Comunicação, Sérgio Pires, indagou-me com delicadeza sobre a pauta e as perguntas que eu iria fazer. Inexperiente, mostrei logo a pauta redigida pelo Ciro Saraiva. Para conquistar confiança. Mas ao entrar no gabinete, tive talvez a maior surpresa da vida. O Governador se levantou da sua cadeira, foi ao meu encontro e realmente me perscrutou com um olhar invasivo. Mas não vi rudeza naqueles olhos azuis, por trás das lentes grossas do seus óculos característicos. Acho que foi com a minha cara. Porque fiquei sorrindo de tanto nervosismo. E ele não se irritou quando eu lhe perguntei se poderia perguntar o que quisesse. Nada disse, mas sorriu. Foi uma senha para eu partir para cima da "fera".

OS ANJOS CONSPIRARAM

Na terceira pergunta ocorreu o inesperado. Que poderia ter estragado tudo. Mas serviu para favorecer a empatia entre o homem forte e o inseguro repórter. A câmera deu um problema. Teríamos que retornar à televisão. Quebrar o clima. Nem tempo daria para editar a matéria para o jornal daquela noite. Foi quando o Stênio Saraiva teve uma ideia que salvou tudo. Ele gravaria o resto da entrevista numa câmera reserva acoplada a um gravador. Daria trabalho, mas ele montaria a peça. Nosso Governador topou. Na hora de gravar, eu teria de contar até três para servir de "deixa"(marcação de tempo na edição). Ao terminar a contagem de 1, 2, 3, ao invés de "gravando" eu disse: "FOGO !!!". Ai o homem me olhou com outro olhar e levantando a mão para proteger a visão da luz intensa disparou: "Um momento, meu caro rapazinho... É sua intenção me atingir com uma bala de pistola ou com uma bala de canhão?" Esperamos um instante para ver a reação dele. Como sorriu, nós todos também caímos na risada. A partir desse episódio, o Governador Virgílio Távora passou a dispensar uma atenção especial a mim. Na saída do Palácio, o cinegrafista disse: "Rapaz, o VT gostou demais de ti. O que foi que tu ficou falando com ele quando eu fui buscar a outra câmera no carro ?".

Sinceramente não me lembro de nada. Falei tanta besteira. Ele só fazia sorrir. Morri de medo de ele dar a entrevista por encerrada. Os nossos anjos protetores conspiraram para esse grande sucesso logo na minha primeira missão. Todos na tevê comentaram o episódio que o Stênio Saraiva fez questão de espalhar. O próprio Ciro Saraiva, que era sisudo, disse-me que a direção estava satisfeita com meu desempenho. Até o Patriolino Filho (excelente caráter e vice-presidente do grupo) me cumprimentou também ao me chamar ao seu gabinete e pedir para lhe narrar o fato. Patriolino fazia isso sempre. Foi a

pior coisa que nos aconteceu, o acidente que o vitimou. Não houve um só funcionário que não chorasse sua partida como se fora alguém da família. Bom, voltando ao governador Virgílio Távora e para finalizar: a partir dessa minha notável estreia, a maioria das matérias que envolviam VT eram sempre destinadas a mim e ao Stênio. E toda vida que nos encontrávamos com o Governador Virgílio Távora, ele quebrava o protocolo e assim se dirigia a minha pessoa (para estupefação de todos):

"DOIDIM, VOCÊ POR AQUI ???" E se desmanchava naquela risada gutural, que era só dele.

CAROLINO SOARES
Jornalista, repórter da TV Cidade – Jornal da Band (1980-1982).

UM ESTADISTA CARTESIANO

Falar sobre Virgílio Távora é resgatar a política feita com ética, com a seriedade reclamada pela moralidade pública, com elevação de propósito, típica dos grandes homens.

Tive o privilégio de conhecer Virgílio através de meu tio Moacir Aguiar, amigo-irmão do comandante de um novo tempo da história do nosso Estado.

Artífice da União pelo Ceará foi o escolhido para, em nome das maiores agremiações políticas, ser o candidato ao governo, mercê da confiança que inspirava e da seriedade dispensada aos compromissos assumidos.

Eleito governador, pacificou o Estado, retirou as cruzes dos caminhos, para fincar postes, eletrificando o Ceará, sonho que, para muitos, parecia difícil de se concretizar.

Estadista, cartesiano, agregava da formação militar o traçar objetivos, fazer do planejamento meio para consecução dos fins. Trazia da antevisão do amanhã a convicção da necessidade de se montar uma infraestrutura que possibilitasse o fortalecimento da economia, saindo do binômio boi - algodão. Assim pensando, somou ao êxito da implantação do processo de eletrificação o investir no setor de telecomunicações, a implantação de distritos industriais, a ampliação e modernização de portos.

Com estes objetivos partiu para deixar no passado o telegrama, substituindo o Código Morse pelo sistema SSB de comunicações, levando a palavra instantaneamente aos mais distantes rincões do Estado. Implantou o I Distrito Industrial do Ceará, em Maracanaú, ensejando a vinda de indústrias de outros estados. Através do Plano de Metas Governamentais iniciou o debate e as providências para a instalação de um Polo Metal Mecânico.

O amanhã era o seu hoje. Enxergou a diversificação da economia nas potencialidades que dispúnhamos no Turismo face à nossa proximidade com o continente europeu e norte-americano, na medida em que ampliássemos os sistemas portuário e aeroportuário.

Fez política com os insumos da ética e da moralidade administrativa. Teve no campo social o apoio abnegado e incansável de sua esposa, D. Luíza Távora, assistindo e ajudando os mais necessitados. Cito como exemplo o Conjunto Residencial Santa Cecília, na Av. Virgílio Távora – Aldeota, como um dos vários empreendimentos habitacionais executados para atendimento dos que não possuíam moradia.

Todas estas ações governamentais foram fruto de um planejamento executado, após sua vitoriosa campanha, por uma equipe de alto nível coordenada por Hélio Beltrão, consubstanciado no que veio a chamar-se PLAMEG – Plano de Metas Governamentais.

As placas indicavam um novo tempo, um novo modelo de governo que abolia a prática da improvisação, substituindo-a pelo planejamento das obras e serviços a serem executados.

Às críticas de alguns respondia com trabalho; à prática de se fazer política com a nomeação de afilhados para a Fazenda e a Polícia, respondeu publicamente dizendo: "Os cargos que cuidam do patrimônio e das liberdades individuais são insuscetíveis de acordos políticos. A Fazenda cuida dos impostos, fala do

patrimônio; a Polícia é responsável pelas garantias individuais, a liberdade".

Virgílio Távora marcou uma nova era na política cearense. Estilo inconfundível, alicerçado no respeito às instituições, no fiel cumprimento dos compromissos assumidos, administrador de larga visão, batalhador incansável na obtenção de recursos, assinalou na história do Ceará sua presença à frente dos destinos de nosso povo. Por tudo o que fez, o cearense sente orgulho de VT, o grande governador.

Homem de posições firmes, não tergiversava na tomada de posições. Relembro dos idos de 1965, em plena vigência da revolução militar, quando convocou seu secretariado para uma reunião, ocorrida no Palacinho, ocasião em que disse: todos estão convocados para a solenidade de inauguração da energia de Paulo Afonso, a ser realizada no dia seguinte, na Praça de Otávio Bonfim". Disse que o ato contaria com a presença do Senhor Presidente da República, Humberto de Alencar Castelo Branco. Ressaltou a importância do evento e que, para ele, seria um marco de afirmação política, uma vez que sairia do palanque preso ou fortalecido. Um clima de suspense estabeleceu-se entre os presentes, somente esclarecido durante seu histórico discurso, ao afirmar:

"Senhor Presidente, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, a obra que Vossa Excelência hoje inaugura impõe-me a consciência, por dever de justiça, proclamar que o Ceará muito deve ao seu antecessor, Presidente João Goulart, ao nos assegurar os meios necessários para sua execução". Um frio percorreu a espinha de todos nós e um orgulho em nossos corações ante a grandeza do gesto.

Poucos dias após, em plena madrugada, uma comissão de jovens oficiais, bateu à porta do vice-governador Figueiredo Correia, na rua Barão de Aracati, para convocá-lo a assumir o governo. Perplexo diante da proposta, Figueiredo Correia

indagou o que teria ocorrido com Virgílio, ao que os visitantes responderam: “Vamos pô-lo para fora”. Figueiredo então afirmou: “Nestas condições, também não assumo”. Tempos de homens de fibra, coragem e atitude.

Virgílio o homem, o amigo, o correligionário. A ele devo muito do que sou. Sua mão, sua palavra e seu apoio jamais me faltaram. Quando dissenti dos rumos da política nacional, em debate com a bancada estadual, fui aconselhado a falar com Virgílio acerca dos rumos a tomar. Dele recebi não só compreensão, mas a palavra amiga no enfrentamento dos dias vindouros. Tentaram nos separar. Não conseguiram. Nossa amizade estava alicerçada na admiração, no respeito ao político e, acima de tudo, na gratidão.

UBIRATAN DINIZ AGUIAR
Ex-Secretário da Educação do Ceará, Ex-Deputado Federal, Ministro do Tribunal de Contas do Estado e Presidente da Academia Cearense de Letras.

UM HOMEM PÚBLICO DIFERENCIADO

O GOVERNADOR VIRGÍLIO TÁVORA foi um autêntico servidor público, colocando os interesses do Estado acima de quaisquer outros. Como governante, implantou, pela primeira vez, o planejamento (PLAMEG I) no Ceará, cujas diretrizes e ações permitiram trazer a energia de Paulo Afonso para Fortaleza. VT estabeleceu ainda planos estaduais de rodovias, eletricidade, comunicações, abastecimentos de água de Fortaleza e, principalmente, impulsionou a política de industrialização, consolidada com o estabelecimento do Distrito Industrial, além de ampliar a educação pública, através da criação dos anexos do Liceu do Ceará. Tudo o que veio depois disto, com outros governos, construíram-se sobre essas bases lançadas por Virgílio.

Em seu segundo governo, VT consolidou o princípio da administração por resultados (PLAMEG II), acompanhando diariamente o andamento dos projetos através da "sala de situação", criada junto à sede do governo e coordenada pela professora Terezinha Xavier, da UFC. Mantinha, às segundas-feiras, reuniões com todo secretariado para análise das atividades governamentais; cada secretário despachava diretamente com o governador pelos menos uma vez por semana. Adotou ações inovadoras como o chamado "Projeto pronto" que possibilitou a construção de quarenta mil novas unidades habitacionais em todo o Estado, destacando-se os conjuntos Lagamar, Santa

Terezinha, Santa Cecília, São Miguel e Campo do América, em Fortaleza. Asfaltou 1.534km de rodovias estaduais; ligou todos os municípios do Estado à rede de telefonia fixa, bem com a de TV. Construiu o açude Jaburu, na Região da Ibiapaba, o que possibilitaria, posteriormente, o surgimento de atividades hortigranjeiras e de produção de flores na região. Instalou o Centro Administrativo do Estado, no Cambeba.

Na área do turismo, foi criado o Centro de Artesanato Luíza Távora, a internacionalização do Aeroporto Pinto Martins-Fortaleza; a duplicação da estrada asfaltada Crato-Juazeiro do Norte e a conclusão do Estádio Castelão. Na educação, foi duplicado o número de escolas, implantado o Programa de Educação Rural, o Estatuto do magistério Oficial do Ceará, elaborada e publicada a Cartilha da Ana e do Zé, construído o Centro de Treinamento de Professores e efetuou-se um levantamento de todas as escolas do Estado e dos municípios, relativamente às necessidades de pessoal, treinamento, equipamentos e instalações físicas. Infelizmente, as administrações posteriores não deram seguimento a este esforço.

Virgílio Távora era um administrador capaz de autocrítica, a ponto de dizer a seus auxiliares: “Se eu der uma ordem errada, alertem-me!”. Como secretário de seu segundo governo durante dois anos, muitas vezes o vi recuar, assumindo responsabilidade pessoal em relação a ações iniciadas. Por outro lado, havia oportunidades em que ele assinalava a importância social e econômica de um determinado projeto, por mais que implicasse em dificuldades políticas e resistências de determinados setores, sustentando integralmente a sua realização.

Decorridos mais de trinta anos de seu falecimento, vale lembrar que Virgílio Távora foi deputado federal, senador, governador do estado (por duas vezes) e ministro de estado. Terminou seus dias de vida tendo de vender os bens, inclusive a residência onde viveu. Nos dias atuais em que vemos políticos

e dirigentes colocarem seus interesses pessoais acima dos coletivos, é sempre bom lembrar homens como Virgílio Távora, verdadeiramente imprescindíveis.

ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE SOUSA FILHO
Engenheiro Agrônomo, Ex-Reitor da UFC e Secretário de Educação do Governo Virgílio Távora (1978-1982.

O POLÍTICO INOVADOR E EFICIENTE

A personalidade e a obra de Virgílio Távora permanecem indeléveis no coração e na mente de todos quantos tiveram o privilégio de conviver com aquele saudoso líder, que nos deixou um grande acervo de inúmeros feitos e realizações.

A sua profícua gestão administrativa está definitivamente ligada às grandes transformações ocorridas no nosso Estado, a partir do seu ingresso no nosso cenário político, herdeiro que foi das mais ricas e fascinantes tradições da família Távora, de relevantes e patrióticos serviços prestados à nossa pátria.

Imbuído do idealismo que prevalecera entre os "tenentes" reformistas do período compreendido entre 1922 e 1930, integrantes da geração anterior, a sua trajetória política inicia-se no começo dos anos cinquenta do século passado, quando tomou para si a tarefa de reestruturar os diretórios da UDN - União Democrática Nacional, até então liderada pelo seu inesquecível pai, Senador Fernandes Távora.

Convencido da necessidade de renovar os quadros partidários, injetando-lhe sangue novo, ganhou o interior do Ceará, buscando, com sucesso, em cada cidade, a adesão de jovens empresários, notadamente dos que se dedicavam ao cultivo e à industrialização do algodão, atraindo-os para a atividade política.

Agindo dessa forma, não só fortaleceu o seu partido, arejando as suas bases, como, principalmente, disseminou pelos municípios a renovação dos métodos administrativos, estimulando a participação de novas e vitoriosas lideranças.

Derrotado nas eleições de 1958, vítima da influência adversa das obras contra a seca, que assolava todo o nordeste, conquistaria, em 1962, o governo do estado, candidato que fora de uma poderosa coalizão de partidos, em torno da UNIÃO PELO CEARÁ, costurada com o apoio do Governador Parsifal Barroso.

Inicia-se, assim, o grande ciclo de transformações na gestão estadual, com o advento do seu PLAMEG I, que haveria de introduzir profundas mudanças no nosso sistema administrativo, iniciando-se, em paralelo, o nosso processo de industrialização, através de uma política de incentivos e oportunidades, que haveria de atrair grandes investimentos para o nosso estado.

Eleito, posteriormente, Senador da República teve destacada atuação no Congresso Nacional, quando se revelou um notável estudioso e conhecedor dos problemas nacionais, granjeando a estima e a admiração dos seus pares.

De volta ao governo estadual, em 1979, administrou sob a égide do PLAMEG II, dando continuidade ao trabalho dos seus antecessores e implementando novas medidas que concorreram, de forma decisiva, para a consolidação do nosso desenvolvimento.

Consagrado mais uma vez, em 1982, nas urnas pela vontade soberana do nosso povo, faleceu no ano de 1988, em pleno exercício do mandato de Senador, conservando-se, todavia, ainda vivo na memória de todos os seus conterrâneos, por ter se dedicado sempre a serviço do Ceará e da sua gente, com exemplar e patriótica determinação.

As comemorações pelo transcurso do centenário do seu nascimento nos dão a oportunidade de evocar a sua memória, prestando-lhe as homenagens que lhe são devidas, num preito

de saudade e de eterno reconhecimento, gratos que somos, todos os cearenses, pela sua devoção à causa política. O seu honrado nome haverá de perpetuar-se na lembrança das futuras gerações, como um exemplo edificante de um homem que doou a sua vida ao povo e à terra que lhe serviu de berço.

LEORNE BELÉM
Advogado, Ex-Deputado Estadual (1970-1978) e Ex-Deputado Federal (1979-1987).

O CORONEL VIRGÍLIO QUE CONHECI!

Nos idos ainda de 1963, deparei-me com a figura do eminente Cel. Virgílio Távora, quando governador do Ceará e eu, menino ainda, estudando no Colégio Cristo Rei, na Gonçalves Ledo, era companheiro de época de seu filho, Carlos Virgílio A. M. Távora. A partir daí, Carlos e eu caminhamos sempre juntos, dos bancos escolares aos estudos superiores, formando-nos juntos em Brasília, na gloriosa UNB e de quem praticamente tornei-me amigo-irmão. Nesta turma inclusive, tivemos a presença ilustre de outro amigo-irmão o nosso César Barreto, além do Carlos Benevides, filho do eterno Senador Mauro Benevides.

Pois bem, desde essa época, quando o carro oficial deixava o Carlos Virgílio no Colégio, sentíamos o peso e a presença marcante de um Homem formidável e de grande liderança.

Sobre o político Virgílio Távora, não tem-se o que falar, sua vida correta, digna e honrada, em favor do Estado do Ceará, foram biograficamente delineadas e edificadas por grandes estudiosos e historiadores.

Considero-o, um homem à frente de seu tempo, com visão de Mundo e Geopolítica, difíceis de serem encontradas em seres humanos normais.

Com seu "Plameg I" colocou o Estado do Ceará num novo patamar, planejando-o de maneira futura, antevendo o

desenvolvimento econômico-financeiro da região e projetando sempre uma busca de geração de emprego e renda para suavizar a situação adversa de nosso estado estar inserido no chamado "polígono das secas".

Exemplos como a energia de Paulo Afonso; visão futura de industrialização (inclusive com citações já à época de Usina Siderúrgica e Refinaria) e busca do perfil de desenvolvimento sustentável para o Estado do Ceará são suas marcas imorredouras e definitivas.

Quanto ao seu lado humano, familiar e de pai, posso dar um testemunho e depoimento de quem conviveu no seu habitar familiar e cultivou uma admiração incomensurável a este grande ser humano.

Por trás das atitudes firmes, seguras, corretas do homem público e cidadão, trazia consigo um coração grande, justo e de grandes atitudes.

Lembro-me, nos momentos íntimos de sua residência, que em várias situações, em trabalho de estudos que fazíamos com seu filho Carlos Virgílio, ele sentava-se, inteirava-se dos problemas e, em pouco tempo, dava-nos o caminho correto, técnico e preciso para resolver os problemas e dar a solução correta.

Lembro-me, ainda, o que pouca gente sabe, que o Cel. Virgílio Távora era um dos maiores conhecedores de economia do País. Várias e várias vezes, naqueles idos brilhantes econômicos do período militar, vi interlocutores como Delfim Netto, João Paulo dos Reis Veloso e outros, ligando diuturnamente para o Cel. Virgílio, pedindo suas impressões e pontos de vista sobre relevantes medidas tomadas ou a serem tomadas pelo Governo Federal.

Pai de família exemplar, junto com Dona Luíza, formavam um casal que beirava a perfeição, se ela existe. Amava profundamente seus filhos Carlos Virgílio e Tereza Maria, os dois de grande orgulho para eles com cidadãos e inteligência privilegiada nos estudos.

Uma de suas maiores alegrias de que me lembro, foi quando da formatura de seu filho Carlos Virgílio, em Engenharia na UNB, turma como disse acima, da qual fazíamos parte, juntamente com o Cesinha Barreto e Carlos Benevides. Sua alegria naquele dia era radiante: o homem sério de atitudes firmes tornou-se um menino, alegre e brincalhão. Fomos a um restaurante jantar e comemorar com nossos pais e amigos, dos quais guardamos as mais lindas e gratificantes lembranças, inclusive com um papel do restaurante, que até hoje guardo, contendo a assinatura do Cel. Virgílio, Dona Luíza, Carlos Virgílio, Cel. Nicodemos, Paulo Studart, dona Adelaide e César Barreto, dentre outros:

Finalizo dizendo que homens como o Cel. Virgílio Távora são os que fazem as transformações e mudanças no mundo.

HEITOR DE MENDONÇA STUDART
Engenheiro Civil, colega de formatura de Carlos Virgílio Távora (UNB-1981).

VIRGÍLIO É IMORTAL!

Uma conversa descontraída com o ex-governador do Estado, economista Luiz de Gonzaga Fonseca Mota, sobre o segundo Governo Virgílio Távora, no seu escritório na Rua Nunes Valente em Fortaleza.

Entre um gole de café e outro, um passeio pela História política do Ceará no início dos anos de 1980.

O Professor de Economia aposentado da UFC, ex-Deputado Federal e ex-Governador do Estado na época áurea da redemocratização, Totó, como é chamado carinhosamente pelos amigos, durante mais de quatro horas de conversação chegou a ficar emocionado tendo que controlar as lágrimas furtivas.

O Depoimento gravado nos dias 8 e 9 de fevereiro do ano de 2018, que vai fazer parte do livro em comemoração ao Centenário de nascimento do ex-Governador Virgílio Távora, conta fatos inéditos do relacionamento, na época, do Coordenador do II Plameg, o jovem economista do Banco do Nordeste, com o então Governador Virgílio Fernandes Távora.

No final o Poeta Gonzaga Mota, como gosta de ser chamado hoje, o ex-Governador do Estado, fez questão de reafirmar perante a História:

– "Dr. César, nosso Virgílio é Imortal"!

César Barreto: Vamos começar com a elaboração do II Plameg, o Plano de Metas do Segundo Governo Virgílio Távora. A história que a gente escuta é que a indicação do economista Gonzaga Mota para coordenar a elaboração do Plano de Metas do II Governo Virgílio Távora, Plameg II, foi feita pelo ex-Ministro do Planejamento Professor Mário Henrique Simonsen?

Gonzaga Mota: O ministro do Planejamento na época era o Professor Mário Henrique Simonsen, de quem eu tinha sido aluno nos anos de 1968 e 1969 na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. O Governador Virgílio Távora procurou o Ministro Simonsen para pedir uma indicação de um economista que pudesse coordenar o II Plameg, o Segundo Plano de Metas Governamentais. O primeiro, em 1962 foi coordenado pelo Dr. Hélio Beltrão.

César Barreto: O Governador tinha laços de amizade com o Ministro Mário Henrique Simonsen?

Gonzaga Mota: Sim, Virgílio era íntimo de Simonsen. Os dois se conheceram no Rio de Janeiro, no início dos anos de 1950.

No Governo do Presidente Geisel, o Coronel Virgílio, na época Senador da República, era uma espécie de porta-voz do Ministro no Senado Federal.

VT era quem fazia a defesa econômica do Governo Geisel. Era vice-líder para assuntos Econômicos no Senado. O nosso Virgílio era um estudioso dos problemas econômicos do Brasil. Conversava em pé de igualdade com o Professor Simonsen.

César Barreto: Você falou que a amizade do Governador Virgílio com o Ministro Simonsen vinha do início dos anos de 1950?

Gonzaga Mota: Sim, Virgílio chamava o Ministro de Mário. Enquanto todo mundo o chamava respeitosamente de Ministro ou Professor Mário Henrique Simonsen, VT o chamava na intimidade de Mário.

Vou contar, Cesinha, como o próprio Simonsen me contou:

O Coronel Virgílio entrou no gabinete do Ministro Mário Henrique Simonsen e falou:

"Mário, eu quero que tu me indiques uma pessoa para coordenar meu Plano de Governo".

O Ministro respondeu: "Virgílio tu tá ficando doido?"

O Coronel com a cara trancada perguntou: "Doido, Mário, por quê?

"Lá tu tem o Totó!

Por que tu não pega o Totó para coordenar esse plano de Governo?"

O então Senador Virgílio Távora perguntou: "Quem é Totó"?

O Ministro Mário Henrique Simonsen respondeu:

"Ele é um economista do Banco do Nordeste que foi meu aluno na Fundação Getúlio Vargas. Atualmente está como Assessor Especial do Presidente Nilson Holanda".

O Ministro Simonsen completou: "Virgílio, o Totó também é professor de Economia da UFC; melhor indicação não poderia fazer".

Na hora o Ministro de Planejamento ligou para o Presidente do Banco do Nordeste, Nilson Holanda, e disse: "Nilson, eu quero que você apresente o Totó para o Virgílio. Eu quero que você libere o Gonzaga Mota para fazer o Plano de Governo do Virgílio". Esse encontro do Governador Virgílio com o Ministro Simonsen aconteceu em Brasília, no final da tarde de uma quinta-feira do ano de 1978. O Ministro Simonsen era muito objetivo e foi logo determinando:

"Nilson, apresente o Totó ao Virgílio amanhã, sexta-feira às 15 horas".

César Barreto: Governador, você não estava sabendo nada dessa indicação?

Gonzaga Mota: Nada.

O Presidente Nilson Holanda ligou para mim e falou: "Totó, o Governador Virgílio quer conversar com você amanhã, no meu gabinete às 15 horas". Vá se preparando pois o Ministro Mário Henrique Simonsen o indicou para coordenador do Segundo Plano de Metas do Governador Virgílio Távora".

César Barreto: Vamos detalhar melhor esse primeiro encontro. No dia seguinte, sexta-feira, você foi apresentado ao Governador Virgílio Távora?

Gonzaga Mota: Cheguei ao Banco do Nordeste na hora marcada. O Governador já estava no gabinete do Presidente Nilson Holanda. Ele estendeu a mão e educadamente me cumprimentou: "Como vai?". Respondi um pouco nervoso: "Tudo bem, Senador"!

Aí o Nilson disse: "Totó eu recebi uma recomendação do Simonsen para você coordenar o Plano de Metas do Governador Virgílio Távora. Você vai aceitar, não é? Respondi ao Presidente do Banco do Nordeste:

"Olha, depende do senhor. Eu trabalho para o presidente do Banco, sou funcionário concursado. Se o Senhor disser sim, aceitarei a missão com a maior honra".

César Barreto: Qual a orientação do Governador Virgílio Távora depois que aceitou coordenar o II Plameg?

Gonzaga Mota: Eu perguntei: "Governador qual a orientação que o senhor gostaria de me dar para iniciar o trabalho? Minha equipe? O senhor tem alguma indicação"? Ele me olhou com aquela expressão revirando os olhos e respondeu "O problema é seu. Quero o plano pronto, se vire"!

César Barreto: Liberdade total para a coordenação?

Gonzaga Mota: Sim, convidei vários técnicos do Banco do Nordeste da UFC e da UECE. Chamei meu colega de banco, o Vladimir Spinelli, para secretariar os trabalhos. O custo do plano foi zero. O Governador Virgílio só deu uma recomendação final: "Só quero que você me entregue o trabalho antes de assumir o Governo".

César Barreto: Você lembra Totó quando foi essa reunião?

Gonzaga Mota: Foi em outubro de 1978. A posse do Governador seria em Março. Tive novembro, dezembro, janeiro, fevereiro e um pedaço de março, em torno de 5 meses, para a elaboração do plano. VT, encerrou a reunião me entregando uma pasta 007 antiga, que até hoje guardo como recordação. "Tu queres saber a orientação? Tá tudo aí na pasta"!

César Barreto: Governador a pasta estava cheia de documentos, recheada de relatórios técnicos?

Gonzaga Mota: Nada, Dr. César, eu também na hora pensei. Mas só tinha uma folha de papel com o número de 5 telefones. Dois do Senado Federal, um do apartamento em Brasília e dois da residência em Fortaleza. Nada mais, meu amigo César!

Tive total liberdade para a elaboração do Plano de Metas. Quinzenalmente o Governador me convocava para uma reunião técnica, para avaliação e acompanhamento do Plano de Metas. Além de VT, participava de todas as reuniões o Dr. Moacir Aguiar, amigo íntimo de Virgílio e futuro Secretário de Administração.

César Barreto: Totó, vamos para os finalmente. Como foi a entrega do plano de Governo? Você foi sozinho? Foi com a equipe?

Gonzaga Mota: Fui sozinho. Início de março de 1979. A posse seria no dia 15 de março. Levei tudo bonitinho. Tudo encadernado. Dr. Moacir mandou encadernar tudo na Imprensa Oficial.

O Governador recebeu os volumes encadernados e aí disse assim: “Doutorzinho, tu fizeste o plano, né”? Respondi: “Governador, eu apenas coordenei uma equipe conjunta da UFC e UECE, Banco do Nordeste, do Governo do Estado e técnicos do Governo Federal”. O Governador repetiu: “Já que fez e coordenou o plano, agora você vai executar”!

César Barreto: O Governador VT, o convidou na hora para ser o futuro Secretário de Planejamento?

Gonzaga Mota: Sim, Dr. César. De bate pronto! “Doutorzinho, já que fez o plano, vai executá-lo. No dia 15 esteja aqui para tomar posse na Secretária de Planejamento. PT”!

LUIZ DE GONZAGA FONSECA MOTA
Ex-secretário de Planejamento (1974-1982), Ex-Deputado Federal, Ex-Governador do Estado, Poeta e Contista.

O TOCADOR DE OBRAS

No início do ano de 1980, logo após assumir a chefia da residência da sede do DAER, no município de Quixeramobim, recebi um telefonema do Diretor Geral do Orgão, Engº Claúdio Nogueira Machado, em Fortaleza, comunicando a visita do Governador do Estado à cidade de Quixeramobim, no final de semana.

O chefe Geral do Departamento Autônomo de Estradas e Rodagens solicitou também, com urgência, uma estimativa de custos para a construção de uma ponte de 300 metros de comprimento por 7 metros de largura, ligando o centro do município de Quixeramobim a um novo bairro denominado de Maravilha.

No dia agendado, o chefe do Executivo Cearense acompanhado das lideranças políticas locais fez uma breve visita ao novo Bairro da Maravilha. Na Comitiva, além do Diretor Geral do DAER, Engº Claúdio Nogueira, o Prefeito Municipal Álvaro de Araújo Carneiro, Deputado Alfredo Machado, Presidente da Câmara de Vereadores, Acrisío Mendes de Oliveira e lideranças políticas dos municípios de Quixadá, Mombaça, Madalena, Piquet Carneiro e Senador Pompeu.

Fui apresentado como novo residente do Distrito de Quixeramobim ao Governador Virgílio Távora pelo Diretor Geral do DAER.

Sua Excelência realmente tirou meu mapa me olhando de cima para baixo:

– "Mas, Cláudio, é um meninão! Já é doutorzinho e engenheiro rodoviário"?

Fiquei vermelho de vergonha e não sabia onde colocava as mãos.

– "Menino, diga na ponta da língua, quanto custa para construir essa tão sonhada ponte ligando o centro de Quixeramobim ao Bairro da Maravilha".

Entreguei um envelope com uma planilha de custos ao Governador VT, que logo o abriu comentando:

– "Doutorzinho, você tá ficando doido! Gastar CR$ 300 mil cruzeiros. Essa ponte é de ouro! - Fica melhor o Alfredo levar a Igreja, as casas e a praça para o outro lado da cidade e construir um novo bairro. - Sai muito mais barato".

As lideranças locais, capitaneadas pelo Prefeito Álvaro Carneiro e pelo Deputado Estadual Alfredo Machado, insistiram junto ao Coronel Virgílio Távora sobre a importância da obra para a Cidade de Quixeramobim. A ponte, alegavam, além de ligar um novo Bairro ao Centro também daria acesso a um importante Centro produtor de leite bovino, a Fazenda Canhotinho do Grupo J. Macedo e aos Distritos de Lacerda, Encantado e o município de Senador Pompeu.

O Governador do Estado escutou pacientemente os reclamos dos correligionários e respondeu com sua enrolada, mas firme voz de mando:

– "Não posso deixar de atender meu bom amigo Prefeito Álvaro Carneiro e ao valente Deputado Alfredo Machado e, principalmente, ao valoroso povo de Quixeramobim. Diga doutorzinho quanto custa a metade da ponte"?

Surpreso, indaguei, meio sem jeito:

– "Como, a metade, Governador"?

– “Sim Doutorzinho, esqueceu a Tabuada? Não sabe fazer contas: “300 por 3,5 metros”.

Gaguejando, muito nervoso respondi:

– “Aproximadamente CR$ 150 mil cruzeiros senhor Governador”.

Sua Excelência chamou então o Diretor Geral do DAER e autorizou a imediata construção da Ponte da Maravilha.

Na saída, ao entrar no carro, o Governador Virgílio Távora segurou firme meu braço e comentou:

– “Doutorzinho, gostei de você. Vou dar um prazo para o Cláudio Nogueira resolver o problema da construção da estrada Acaraú – Itarema. Se não resolver já...já...vou levar você para a residência do DAER de Itapipoca”.

Dito e feito! Depois de 6 meses, com 90% da ponte da Maravilha concluída, fui transferido para a chefia da residência do DAER de Itapipoca, por determinação do Governador do Estado.

A ordem era iniciar de imediato o trecho da estrada Acaraú – Itarema com 26,5km de extensão. A obra de implantação em Tratamento Superficial Duplo – TSD, seria executada por administração direta pela equipe da residência de Itapipoca.

A obra estava praticamente paralisada há 6 meses.

O Governador, além de pesadas críticas na imprensa, enfrentava o desgaste político na população no vale do Acaraú.

Arregaçamos as mangas. Recuperamos as máquinas quebradas e passamos a trabalhar em 3 turnos no tão sonhado trecho.

Entregamos a estrada totalmente concluída no tempo recorde de 180 dias.

O Gabinete do senhor Governador agendou para o final de dezembro a tão esperada inauguração. “Era um sonho de mais de 50 anos”.

No dia finalmente programado para a festiva solenidade, o Diretor Geral do DAER, Engº. Cláudio Nogueira Machado, adoeceu acometido de um forte problema respiratório. Com febre alta e tosse estava impossibilitado de acompanhar o Governador na tão aguardada inauguração.

Como Engenheiro Residente de Itapipoca, fiquei com a incumbência de representar o Diretor Geral do DAER na solenidade.

O evento estava programado para as 10 horas. Era um sábado do mês de dezembro do ano de 1980.

Nervoso, dirigi-me ao Campo de Pouso acompanhado dos servidores da residência do DAER de Itapipoca, todos devidamente paramentados.

Sua Excelência desceu do bimotor Cessna 402-B, de 6 lugares, acompanhado da Primeira Dama Dona Luíza Távora, do Engenheiro e Assessor Especial José Lins de Albuquerque e dos Assessores Valmir Frota e Ademar Távora, o Ademarzinho.

O campo de Aviação estava lotado de populares. Faixas e a banda de música da cidade de Santana do Acaraú tocando dobrados, animando a população entusiasmada. Nos céus o pipocar do foguetório!!

Presentes o Prefeito de Acaraú, Manoel Duca da Silveira Neto, o Deputado Orzete Filomeno Gomes, o arquirrival dos Filomeno Gomes na política do Acaraú, o vigário de Itarema, Padre Aristides Sales, também conhecido como Santo Padre Aristides. Representações políticas das cidades de Marco, Morrinhos, Bela Cruz, Santana do Acaraú, Sobral e Itapipoca.

O Governador Virgílio Távora ao descer do avião comentou baixinho com o Coronel Orzete Ferreira Gomes:

– "Orzete eu falei várias vezes para o Cláudio Nogueira que o que estava faltando era gente com "C" forte para terminar essa obra. Fui buscar esse doutorzinho em Quixeramobim para

concluir essa tão encantada estrada".

O chefe do poder Executivo no palanque armado no início do trecho determinou:

– "Doutorzinho, você que está representando o Cláudio Nogueira vai ficar do meu lado direito, ao lado de Dona Luíza, e esses dois brigões raivosos, Prefeito Duquinha e Padre Aristides do meu lado esquerdo, junto com o Coronel Orzete".

– "Antes de iniciar o falatório em homenagem a este tão esperado dia, vamos assistir ao vivo, um aperto de mãos dos brigões, Padre Aristides Sales, Duquinha e Coronel Orzete Gomes".

Foi vivas!

E palmas! E o foguetório no mundo!

Após a fala do Coronel Orzete Ferreira Gomes, do Prefeito Manuel Duca de Acaraú, fez uso da palavra o vigário e líder político de Itarema, Padre Aristides Sales, o Santo Padre usando o microfone para desespero das autoridades e dos convidados presentes por quase uma hora.

Meia hora de elogios à primeira Dama Dona Luíza Távora. No final, presenteou a esposa do Governador com uma linda rede bordada em ouro com o nome:

"Virgílio e Luíza" e uma toalha de renda branca.

Finalmente, concluindo sua fala, o Santo Padre de Itarema aproveitou para fazer dois pedidozinhos ao casal Virgílio e Luíza Távora:

1º – A Construção de 50 casas populares para as famílias carentes de Itarema.

2º – A Construção de um novo Galpão para as bordadeiras da cidade de Acaraú.

O Governador Virgílio Távora, depois de escutar a fala do "Demóstene de Itarema", comentou ao ouvido do Assessor Especial, Eng.º Lins de Albuquerque:

– “Zé Lins, vamos “apressar o passo”, senão o Padre Aristides vai acabar pedindo para transferir a Sede do Governo do Estado para Itarema”.

Nem o coitado do Paulo Maluf, Governador do rico São Paulo, conseguiu saciar a fome de pedidos do Padre Aristides Sales (PT).

PAULO ROBERTO MARQUES
Engenheiro, Chefe da Residência do DAER nos municípios de Mombaça, Quixeramobim e Itapipoca no Governo Virgílio Távora (1978-1982).

VT – O HOMEM CORDIAL ESCONDIDO NO SEMBLANTE

Em boa hora o poeta, escritor e ex-deputado César Barreto Lima reverencia em livro, com depoimentos dos que tiveram o privilégio de conhecer um político cearense, espécie em extinção no Brasil de hoje, razão de seu acentuado espírito público, honradez e escrúpulo no trato do dinheiro público. Estou a referir-me a Virgílio de Morais Fernandes Távora. Quem fosse apresentado aquele homem, sem pestanejar, questionava-se como ele virou político, pois, oriundo da caserna e de semblante carrancudo, conversava só com diálogos monossilábicos, conseguiu sucessivos mandatos eletivos.

Em toda sua trajetória política, pessoalmente VT sofreu apenas uma derrota eleitoral: 1958, quando a sua UDN peitou o PSD de Chico Monte, de Sobral, o chamado vice-rei do Ceará, que já havia lançado Parsifal Barroso, seu genro e professor, candidato a governador do Ceará. Quatro anos depois, em 1962, ocorreu o único momento em que um governo elegeu seu sucessor no Ceará - até então havia alternância de poder entre UDN e PSD, os dois poderosos partidos políticos no Brasil - quando, sob as bênçãos do governador Parsifal Barroso, as duas agremiações, há décadas adversárias, coligaram-se para formar a chamada “União pelo Ceará” - coligação de direita das elites e cujo candidato foi exatamente Virgílio Távora. Saiu derrotado na

refrega eleitoral o advogado Adahil Barreto Cavalcante, combativo parlamentar, por sinal, candidato de meu pai em Maranguape e embora derrotado para o governo, Adahil elegeu-se deputado federal, porquanto, àquela época, a legislação eleitoral facultava ao candidato disputar cargos eletivos diferentes, no mesmo pleito.

Após esses comentários vou ater-me a discorrer sobre alguns episódios com VT para sepultar de vez a figura daquele casmurro que entre um gole e outro de uísque (a caubói) descontraía-se sem chegar a gargalhar.

Sua residência ficava na esquina das ruas José Lourenço com Deputado Moreira da Rocha e o escritório situava-se debaixo de frondosa mangueira à direita de quem adentrava na ampla casa. Recolhia-se, ali, para leituras seja de trabalho ou lazer e ouvir suas músicas prediletas. Preferia as eruditas, com predileção pelos clássicos: Mozart, Beethoven, Bach, Chopin e não dispensava o alemão Wagner, com suas óperas, sobretudo a famosa ópera Parsifal. Não duvido que sua discoteca contivesse todas as óperas não apenas de seu compositor predileto. Tive o privilégio de ouvir algumas em discos de vinil.

Era nos jardins de sua casa onde costumava receber jornalistas, seja para entrevistas e/ou em datas festivas: Natal, Ano Novo, Páscoa e aniversários como de Dona Luíza.

No Dia do Jornalista – 7 de abril - sempre às 17 horas, era o início do ágape. Questionado por nós porque tão cedo – pois ficávamos nas redações dos jornais até às 19/20 horas - quando do "fechamento das páginas" ele rebatia:

"Doutorzinho - tratamento dado ao interlocutor – é cedo porque às 22 horas vocês já estão bastante calibrados e tomam o rumo de vocês. Não sei se é o de casa. E deixarão "TEU" governador dormir". O adjetivo possessivo "TEU" com bastante ênfase no timbre de voz acentuado.

De outra feita, eu e o jornalista Newton Pedrosa chegamos, propositadamente, com bastante antecedência para privar da

conversa com o governador do qual tanto gostávamos pela sua erudição. Encontramos-nos, ainda nos afazeres governamentais. Ele, ao descer as escadas do seu gabinete, avistou-nos e ficamos a conversar no "hall" do Palácio da Abolição. Nesse ínterim aparece uma funcionária, dessas cujos dotes físicos é impossível homem algum deixar de perceber o quanto a natureza foi sábia e caprichou na elaboração de um corpo feminino - feito a cinzel. Vimos VT olhando de soslaio o "derrière" da personagem. Não me contive:

"Governador o senhor já foi muito bom nisso, não é mesmo"?

Resposta imediata e falando pausadamente como era típico nestas ocasiões:

"Doutorzinho, Teu governador ainda é... não tem é tempo"! Risos.

Quanto a Newton Pedrosa ele questionou severamente nota na coluna do meu colega de jornal "Tribuna do Ceará", onde ambos trabalhávamos - o famoso hebdomadário vespertino e depois matutino - de propriedade do saudoso empresário, ex-senador José Afonso Sancho que, coincidentemente, sucedeu VT no Senado face ao falecimento deste, no dia 3 de junho de 1988. A referida nota ironizava o lançamento da "Pedra Fundamental" do Distrito Industrial de Maracanaú, onde até então nenhuma fábrica fora instalada. Só havia mato, além de vacas pastando. Pedrosa, envaidecido porque descobriu que o governador lia diariamente sua coluna, não perdeu a oportunidade para provocar, em tom de satisfação e espanto.

"Governador, o senhor lê minha coluna"?

"Doutorzinho, teu governador lê até Almanaque Capivarol".

Em voos, seja a Brasília ou aviões de pequeno porte para o interior do Estado - com 4 a 8 passageiros, - não largava suas revistas de gibis.

Voltávamos de uma inauguração em Juazeiro do Norte: o governador, o Ajudante de Ordem Coronel Nicodemos e o jornalista Rangel Cavalcante, então Secretário de Comunicação Social.

Já nos procedimentos de descida o bimotor sobrevoava Pacatuba e aproximava-se do Pinto Martins – o aeroporto ainda situava-se no final da Av. Luciano Carneiro - um dos motores falha. Forte cheiro de óleo queimado, além de fumaça escura impregna a aeronave. Ante a pane técnica abate-se em todos a natural preocupação de morrer. Menos Virgílio. Continua impassível com sua leitura.

As habilidades do piloto e copiloto nos procedimentos a pedir à torre de comando a emergência de praxe, o pouso prestes a acontecer e um só motor a funcionar. Quanto ao principal passageiro, não se importava ou parecia nada perceber, provocando desespero atroz em seu Ajudante de Ordem, Cel. Nicodemos.

"Excelência! Excelência"! E nada de VT se manifestar. Ante a passividade do Chefe, Nicodemos pôs suavemente a mão no ombro do governador. Este, visivelmente incomodado com o atrevimento, indagou em tom quase grosseiro e em voz alta: "o que foooiii Nicodemos"?

"O motor Excelência, o motor Excelência"!

Até então, sem se afastar de sua leitura, VT inquiriu seu subordinado fitando-o com olhos de lince e indagou solenemente:

"Você é mecânico Nicodemos"?

"Não, senhor governador".

"Então deixa prá lá". Risos.

Continua sua leitura e o pouso ocorre. Na pista, carros dos bombeiros e ambulância estavam a postos. Ao descermos, Virgílio tranquilo, e sem pronunciar uma palavra sobre o incidente, brinda-nos com um amável convite. Irmos a sua casa

tomar uísque. Não fora o atrevimento de Nicodemos, talvez o governador não tivesse quebrado sua rotina para sorvermos um bom uísque e refazer-se da brusca interrupção de sua leitura.

Mas eu, pobre mortal, ainda com máquinas de datilografia, só pude ir após redigir a matéria para o jornal O Povo, onde naquela época trabalhava. Hoje a internet facilita a vida de todos nós, sobretudo jornalistas cujas matérias enviamos pelo celular, seja do ônibus, trem ou, principalmente, avião.

PEDRO GOMES DE MATOS NETO
Jornalista

TEMPOS FELIZES

Foram tempos felizes, aqueles que vivemos em Brasília, numa harmoniosa convivência com a família de Virgílio Távora. Desde que ganhamos a primeira concorrência na construção civil, em 1972, D. Luíza adotou-nos, a mim e a meus quatro filhos: Danielle, Emmanuel Filho, Daniel e Samuel. Não consigo ver Virgílio sem D. Luíza a seu lado, nem D. Luiza sem o apoio de Virgílio. Ele a ouvia e confiava em sua sensibilidade, ela o ajudava com seu extraordinário trabalho social. Acredito que nasceram um para o outro e ambos se completavam na vontade de engrandecerem o Ceará e o seu povo, sobretudo os mais desamparados. Virgílio, que sempre chamei de Senador, foi um marco na nossa vida, na minha e na do Emmanuel Arruda, meu marido.

A Mansão Ceará era o espaço para onde nos dirigíamos aos sábados e domingos. Aos sábados, eles costumavam receber políticos, ministros e diplomatas; aos domingos, os convidados eram aqueles que formavam a base de apoio cearense, Deputados Federais, Senadores e Prefeitos, além dos inúmeros amigos cearenses que residiam em Brasília. A partir desses encontros, começamos a nos introduzir no meio político e diplomático e pude, então, admirar de perto a cultura, a correção e o espírito público de Virgílio Távora, que foi, sem dúvida, um grande estadista.

D. Luíza passou a nos orientar em tudo de que precisávamos, era nosso guia perfeito, sempre pronta a nos indicar o melhor

pediatra, a instituição educacional mais conceituada e próxima de nossa residência e a nos oferecer importantes informações sobre a cidade. Foi através dela que encontramos o Colégio Santa Dorotéia, que deu excelente formação aos meninos. Assim, nossa amizade foi crescendo e D. Luíza, nos abrindo novas portas. Começamos a fazer parte das listas de chás, de jantares, de desfiles, de festas e a participar de homenagens aos amigos deles, que se tornaram nossos também.

Não poderia encerrar esse depoimento sem falar um pouco dos dois filhos amados do casal: Carlos Virgílio e Tereza Maria.

De temperamentos diferentes, os dois eram pessoas gentis, generosas e merecedoras do afeto daqueles que com eles conviviam. Tereza Maria, extremamente responsável, inteligente e estudiosa, jamais deixou de tirar a nota máxima (nota dez) em todas as disciplinas, desde o primeiro grau até a Universidade Federal do Ceará, onde cursou Engenharia Civil. Sua brilhante atuação, durante o curso, impressionou todo o corpo docente, inclusive meu marido, Emmanuel, que ministrava a disciplina Mecânica dos Solos, matéria árdua e difícil. Carlos Virgílio, menino doce e tímido, que conheci desde criança, era muito inteligente e um leitor contumaz. Fomos grandes amigos e sócios numa empreitada nos Emirados Árabes, onde residi por quase dois anos. Foi graças a ele que pude cumprir a promessa feita aos árabes: conseguir o último Stimulation Vessel que existia e estava no Brasil. A venda para o grupo árabe Al Otaiba foi realizada e saímos vitoriosos.

Carlos Virgílio partiu prematuramente, deixando-nos uma enorme saudade.

Se recordar é trazer de novo ao coração, essa família permanecerá para sempre comigo.

MÔNICA ARRUDA
Amiga de Virgílio e Luíza Távora.

DISCURSO DO VEREADOR CASIMIRO NETO: VIRGÍLIO TÁVORA UM MITO

Sr. Presidente,

Senhores e Senhoras Vereadores (as):

No dia 03 de junho de 1988, falecia em São Paulo o Senador VIRGÍLIO FERNANDES TÁVORA.

Naquele dia, o Brasil e, especialmente, o Ceará, perdiam um de seus líderes mais importantes e um político de compromisso sério e honesto com o País e com a vida pública.

Na História do Ceará a presença de VIRGÍLIO TÁVORA foi um marco definitivo na política, na economia e na promoção social, ao ponto dos estudiosos definirem a cronologia de nosso Estado em ANTES e DEPOIS de sua administração.

Elegeu-se a primeira vez em 1962, numa aliança política conhecida como a UNIÃO PELO CEARÁ, em que se juntaram num mesmo bloco os principais partidos, UDN e PSD, tradicionalmente adversários em todas as eleições.

O mais interessante nesse acordo histórico é que os inimigos do pleito anterior de 1958, Parsifal Barroso e Virgílio, estavam no mesmo palanque em 1962 para enfrentar Adahil Barreto e Carlos Jereissati.

O PRIMEIRO GOVERNO de Virgílio foi uma verdadeira revolução administrativa. Pela primeira vez em sua história o

Ceará conheceu um Plano de Governo, o famoso e eficiente PLAMEG – Plano de Metas Governamentais, destinado a, de modo racional e dinâmico, incrementar o desenvolvimento econômico, social e administrativo de nosso Estado.

O QUADRIÊNIO 1963-1966, dirigido por Virgílio, mudou o conceito de gestão até então conhecido, constituindo-se num modelo de administração para todo o País.

Poderíamos passar horas citando suas realizações no campo do Saneamento Básico (adutora do Acarape), da Agropecuária (Delegacias Regionais da Secretaria de Agricultura), da Educação e Cultura (criação de sete Superintendências Regionais de Ensino), do Crédito (criação do Banco do Estado do Ceará e da CODEC – Companhia de Desenvolvimento do Ceará), além da criação do Distrito Industrial e da inauguração da Luz de Paulo Afonso, que marcariam o grande salto desenvolvimentista do Ceará.

No intervalo entre seu Primeiro Governo e o Segundo, ocorrido no período 1979-1982, Virgílio Távora foi Senador da República. Era já um velho conhecido do Parlamento brasileiro, pois começara na vida pública como Deputado Federal, eleito em 1950.

Exercera dois mandatos na Câmara Federal:

1951 a 1959

e 1957 a 1971; fora ainda Ministro dos Trasportes (ou da Viação) entre 1961 e 1962.

Na segunda oportunidade, eleito por via indireta, repetiu, com mais experiência, a brilhante administração anterior.

No setor industrial obteve a consolidação, apoiando a iniciativa privada e carreando recursos da SUDENE para o Ceará.

Expandiu o apoio à Pequena e Média indústria.

Promoveu:

o Desenvolvimento do Polo Têxtil e de vestuário;

o Polo Metal-Mecânico;

a Expansão da Indústria Pesqueira;

a Integração da Indústria Coureira;

a Implantação do II Distrito Industrial;

a Criação da Companhia Cearense de Mineração;

a Criação do Centro de Artesanato de Fortaleza;

a Ampliação do Aeroporto de Fortaleza;

a Construção do Aeroporto do Cariri;

a Criação do Instituto de Terras do Cariri;

a Criação do sistema de abastecimento Pacoti-Riachão;

a Intensificação da eletrificação do interior;

o Aprimoramento do setor rodoviário, com cobertura asfáltica, em todo o estado;

a Conclusão dos estádios Plácido Castelo e Junco (de Sobral);

324 novas obras no setor de saúde, postos de atendimento, casas de parto e clínicas;

urbanização das favelas, através da PROAFA, coordenada pela Primeira Dama Luíza Távora, e inúmeras outras ações que foram incorporadas ao patrimônio econômico e social do Ceará e tiveram importância fundamental no nosso desenvolvimento.

Agora, decorridos 30 anos de sua morte, é fundamental que o Ceará não esqueça o papel que este homem ilustre exerceu em sua História.

E que as novas gerações conheçam o seu desempenho e as realizações que empreendeu.

Senhores Vereadores:

sinto-me profundamente emocionado ao relembrar a importância histórica e a figura humana desse ilustre cearense.

Minha família acompanhou de perto toda a trajetória política do coronel Virgílio Távora, seguindo-o fielmente em suas eleições, participando de suas campanhas.

Nosso deputado federal sempre foi o Dr. Flávio Marcílio, concunhado de Virgílio.

Nas eleições majoritárias, todo o nosso esforço era em prol dos objetivos eleitorais que o Coronel Virgílio indicava, porque sabíamos que estávamos apostando num político correto, competente e comprometido com o desenvolvimento do Ceará e o bem-estar de seu povo.

Mas nunca poderemos esquecer a importância que sua esposa, DONA LUÍZA TÁVORA, teve na história desse grande homem.

Dona Luíza era uma mulher dinâmica, sempre disposta a ajudar os mais carentes, assumindo a obra social dos governos de seu esposo.

Não é sem razão que Dona Luíza Távora ficou conhecida no Ceará como a "Mãe dos pobres".

Assim, queremos deixar registrado diante dos meus pares e nos anais da Câmara Municipal de Fortaleza a nossa admiração, o apreço pela vida e a grande saudade de VIRGÍLIO DE MORAES FERNANDES TÁVORA, que considero o maior político do Ceará de todos os tempos.

Que Deus o tenha num bom lugar e que a História do Ceará guarde a sua memória e perpetue suas realizações.

Muito obrigado.

CASIMIRO NETO
Vereador, líder do PMDB na Câmara Municipal de Fortaleza.

UMA AMIZADE ETERNA

Cel. Virgílio Távora!

Em uma noite que já vai longe o telefone toca e quase que automaticamente indago de quem atendeu a chamada: – Quem é?

– O Senador Virgílio!

Rindo, pensei no "elogio" que faria ao César Barreto, o único da turma (Ademar Távora, Fernandinho Távora, Armando Pinheiro, Carneirinho, Miltinho, Valdomiro Távora, Heitor Studart, Valdenor, Luiz Augusto, Júlio César e outros), que sempre ligava para minha casa usando o nome do Coronel.

Para minha surpresa, quem estava do outro lado da linha era o homem carismático, sério e amado por sua honradez e retidão por todos os cearenses, com exceções.

Foi a primeira e uma das poucas vezes que o Chefe me procurava por telefone.

Dona Luiza Távora!

Acredito que todos que conviveram um pouco com D. Luíza encontram dificuldades de falar sobre a sua pessoa.

Realmente não sei o que escrever!

Só registro que ela foi um Anjo na minha vida.

Cheguei ao seu Coração através do caminho mais fácil: Carlos Virgílio Távora.

No momento que Dona Luíza percebeu que existia uma amizade verdadeira entre seu filho e eu, ganhei um pouco do seu espírito.

Tereza e Jorge!

Não tinha muita ligação com o casal, entretanto era conhecedor do amor, do carinho e admiração que o Carlos tinha por sua única irmã e a amizade que dedicava ao Jorge!

Juliana e Carlos Virgílio!

Constantemente lembro, quero dizer, tenho saudades.

Votei no Carlos três vezes para Deputado Federal e ele fez muito por Massapê, prova é que tenho certeza absoluta que não terminarei meu atual mandato sem antes construir uma Obra que tenha o nome de Carlos Virgílio.

Uma edificação que fique registrado por anos e anos o bem que ele dedicou aos massapeenses!

Lembrarei sempre!

Quando o sistema de som do Hospital Albert Einstein solicitou a presença do Deputado Carlos Virgílio no apartamento em que se encontrava o Senador, nos abraçamos!

Juliana, Carlos e eu sabíamos o que representava o chamado!

A volta!

O Presidente José Sarney colocou o Avião Presidencial à disposição de Dona Luíza, familiares e amigos para o trajeto São Paulo – Brasília- Fortaleza!

Com certeza o Ceará perdia naquele dia o maior Cearense de todos os tempos!

Amém e Amém.

JOÃO JACQUES ALBUQUERQUE
Prefeito de Massapê, Virgilista Histórico. Amigo pessoal do Deputado Federal Carlos Virgílio Távora.

UM SENHOR ENGENHEIRO

Virgílio Távora (Virgílio de Moraes Fernandes Távora) foi um dos homens públicos mais honrados e importantes que figurou como um dos expoentes do Nordeste e com destaque expressivo no contexto político nacional.

Homenageado "in memoriam" pela Engenharia Cearense, a 1a edição do Troféu CREA-CE foi concedida a Virgílio Távora, em dezembro de 2013 no transcurso do Dia do Engenheiro (11 de Dezembro) pelos relevantes serviços prestados ao desenvolvimento do Ceará.

O referido troféu foi idealizado para homenagear exclusivamente os profissionais que se destacaram na vida pública, acadêmica e empresarial, promovendo de forma ética e inovadora o aprimoramento da engenharia e o desenvolvimento do estado do Ceará.

Segundo consta nos registros biográficos, o ex-governador cearense destacou-se como aluno da Escola Militar do Realengo e foi declarado aspirante a oficial da arma da Engenharia em dezembro de 1938. Por ter obtido o primeiro lugar de sua turma, recebeu o prêmio Duque de Caxias. Sua espada lhe veio pelas mãos do próprio Presidente da República.

No livro **Virgílio Távora: Sua Época**, o escritor Marcelo Linhares registra:

"Saído da Escola Militar, Virgílio foi classificado no 1º Batalhão de Ponteneiros, com sede em Itajubá, Minas Gerais, sendo promovido a 1º Tenente em dezembro de 1941. Nesse período exerceu diferentes cargos, tendo sido diretor da Escola Regimental, chefe do escritório técnico da rodovia Itajubá-Piquete e instrutor do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva. Dedicou-se, ainda nessa ocasião, à instrução da Companhia de Equipamentos e Pontes, da qual foi comandante. Data dessa quadra a sua audácia em modificar a Ponte Tarrow - fruto da mais avançada tecnologia francesa de então - e até hoje utilizada pelo Exército Brasileiro. Era um jovem tenente de 22 anos. O projeto da nova equipagem - B4A1 - foi feito por ele e pelo Capitão José Bentes Colares.

Virgílio não esquecia os amigos - os que tinham caráter e valor. Quando assumiu o Ministério da Viação e Obras Públicas nomeou Bentes Colares para Diretor do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS).

Em 1942 fez o curso da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e, logo após ser promovido a Capitão, em dezembro de 1944, ingressou no ano seguinte na Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME). Obteve o primeiro lugar em todos os cursos do Exército e, deixando a ECEME, em 1947, tornou-se um anos depois, instrutor da EsAO onde ministrou aulas de Tática Geral e, depois, de **Emprego Tático de Engenharia**.

Tudo fazia prognosticar uma belíssima carreira nas Forças Armadas. Os fatos, entretanto, o conduziram para outros campos onde iria demonstrar o seu valor e cultura, realizando um grande bem à sua terra natal ".

Já o escritor e historiador **Juarez Leitão** em sua publicação intitulada **Virgílio Távora e a transição para o desenvolvimento do Ceará** acrescenta: "Virgílio ingressou no Colégio Militar do Ceará. Depois, transferiu-se para o Colégio Militar do Rio

de Janeiro, matriculando-se, em seguida, na Escola Militar de Realengo, de onde saiu Aspirante, em 1938.

Prosseguindo a sua carreira militar foi promovido , sequencialmente a 2º tenente (1939), 1º Tenente (1941), Capitão (1944), Major (1950), Tenente-Coronel (1955), e Coronel (1960), em seguida passando para a reserva.

Formou-se em Engenharia e fez também o Curso de Estado Maior, Curso da Escola Superior de Guerra, Curso de Atualização de Comando e Estado Maior e o Curso de Técnico de Administração".

TRAJETÓRIA

Deputado Federal em 1954.

Membro do Conselho de Administração da NOVACAP em 1959.

Ministro de Viação e Obras Públicas em 1961.

Governador do Estado do Ceará, tomando posse em 25 de março de 1963, onde procurou implementar o PLAMEG- Plano de Metas Governamentais.

Seu governo teve base num planejamento elaborado por técnicos do Banco do Nordeste e Universidade Federal do Ceará. Estabeleceu uma série de medidas na área econômica e administrativa que objetivaram incrementar, sobretudo, a industrialização (energia, transportes e comunicações), além do financiamento ao empresário local e isenções fiscais para atrair indústrias do centro-sul do país.

Na sua administração criou a SUDEC – Superintendência do Desenvolvimento do Ceará; o BEC – Banco do Estado do Ceará; a CODEC – Companhia de Desenvolvimento do Ceará e a SEPLAG 2 – Secretaria de Planejamento do Estado do Ceará. Também contribuiu, decisivamente, para a criação da

Companhia Docas do Ceará, da Fábrica de Asfalto do Ceará, para a industrialização a partir da chegada da energia de Paulo Afonso e para a criação do Distrito Industrial.

Virgílio Távora foi muito engenhoso em tudo que fez na vida pública. Foi duas vezes Governador do Estado do Ceará , Deputado Federal e Senador da República, além de Ministro de Viação e Obras Públicas.

Implantou no Ceará a Cultura de governar a partir de uma meta planejada de forma técnica e estratégica, com obras e ações de infraestrutura que vieram a ser o grande vetor para o desenvolvimento do estado cearense.

Foi, realmente, um Senhor Engenheiro!

VICTOR FROTA PINTO
Engenheiro Civil, Presidente da ACE – Academia Cearense de Engenharia e ex-Presidente do CREA-CE.

VIRGÍLIO TÁVORA, O JOVEM

Estava demorando muito para eu colocar no papel minhas histórias, a pedido do meu amigo-irmão César Barreto, a fim de incluir a minha participação neste livro do centenário de nascimento do Coronel Virgílio.

Muito fácil lembrar nossas histórias, pois sempre estão na minha memória, porém é difícil transcrever o lado menino e conciso do Coronel Virgílio. Mas vamos lá!

Durante o primeiro Veterado, eu e Carlos Vigílio morávamos vizinhos na Avenida Barão de Studart. Meninos, nós ouvíamos os conselhos do Coronel, que eram aquiescidos pelo meu pai, José Aragão e Albuquerque, no sentido de que naquela época deveríamos fazer três coisas primordiais: aprender inglês, datilografia e judô. Eu acho que, guardadas as semelhanças, essas três coisas ainda estão bem atuais: segunda língua, informática e autodefesa.

Naquele tempo, após várias tentativas de lançar foguetes na Rua José Lourenço, Carlos Vigílio decidiu partir para um projeto mais audacioso: construir um avião! Diariamente, Vigílio passava pela oficina, via nosso trabalho, ria e perguntava como arranjaríamos um piloto louco. Com auxílio de todos, o comandante Caboclo-sete-Flexa conseguiu fazer voar a aeronave em uma praia da cidade. Isso nos fez crescer como futuros engenheiros e realizadores, fazendo muito gosto a Virgílio.

Sempre parceiro do nosso lado jovem, agradava-nos em tudo. Lembro de uma festa em Guaramiranga, onde fomos Carlos Vigílio, Juliana, Jorge, Teca, Cristina, outros amigos e primos. Barrados na portaria do Clube Serrano, voltamos tristes e desanimados. Ao nos ver, ele (então governador), na mesma hora s

e prontificou a nos acompanhar de volta ao clube.

Coronel Vigílio ria muito, adorava e apoiava todas nossas marmotas. Muitas no Palácio de Guaramiranga e na casa de praia do Icaraí, onde fazia questão de levar os primos e amigos dos filhos. Se exagerássemos um pouco, ele já vinha com sua frase: - "Meninos, juízo!". Mas sempre nos deixando bem à vontade e se misturando conosco. Carlos Vigílio e Teca eram tudo para ele e Dona Luíza.

Certo dia de réveillon, nós estávamos na piscina e o convidamos para ficar conosco. Ele respondeu: – "Fico com vocês se forem comigo agora para conhecer a Sala da Situação (sala de onde ele acompanhava o andamento dos projetos de seu governo)". Fomos e ele explanou tudinho, acho que para reverberarmos com outros jovens o que, com dona Luíza, fazia para a juventude e pelo Estado.

Coronel Vigílio tinha uma enorme distinção e bem-querer comigo e Cristina, minha mulher. Foi nosso padrinho de casamento e nunca deixava de estar presente em todos os meus momentos: o falecimento de meu pai e o nascimento de minha filha Carolina, por exemplo. Chegava com dona Luíza e adorava minhas brincadeiras, com exceção quando brincava e cantava a musica "A noite do meu bem", de Dolores Duran – de quem dona Luíza nutria ciúmes – e quando imitava sua voz, bem pausada ao telefone. Quando eu ligava pela manhã para sua residência e dizia: – "Coronel, o Carlos Vigílio está?". Após cinco minutos, ele dizia "está" e, após mais cinco minutos, concluía, "dormindo"!

Em um feriado de 7 de Setembro, eu e Cristina, Teca e Jorge, fomos a Brasília – Carlos Vigílio e Juliana estavam no Piauí – e ficamos hospedados no apartamento do Coronel. Pois bem, ele e dona Luíza nos acompanharam em todas as programações. Lembro bem na noite de sábado, em que fomos ao restaurante português "Cachopa", o favorito dele, e depois para a boate.

Lá, ele pediu um whisky (como de costume, um puro malte) e quando deu certa hora, disse: – "Meninos, eu e Luíza vamos nos recolher, mas fiquem e se divirtam à vontade". Ao pedir a conta, o maître disse que a mesma já estava paga. Ele não gostou e disse que só deixaria o lugar depois de paga. Foi um rebuliço, até um empresário amigo e cearense aparecer, dizendo ser o autor da tal proeza. Era Herbert Aragão, na época presidente do CDL, e levou a seguinte resposta: – "Doutorzinho, você manda no CDL do Ceará. Aqui, quem manda sou eu, p.t.". Tudo certo, questão resolvida, ele pagou e ficamos até de manhã.

São muito boas as nossas lembranças, como a primeira campanha política do Carlos Vigílio, com Cesinha e eu o assessorando. O início dos namoros, os casamentos, nascimentos dos netos, as viagens dos finais de semana, enfim, uma vida repleta de histórias compartilhadas.

Quando o Coronel nos via juntos – Carlos Vigílio, Cezinha, eu, Heitor, Bode(Aloísio Jr.) e outros amigos – ele chegava junto, tomava uma dose pura, conversava tudo, se atualizava, ria muito das besteiras e brincava sempre dizendo: – "Acho que quero ir com vocês!"

Sabia prestigiar os amigos dos filhos em todos os cargos que passou (Governo e Senado, na nossa época). Lembro que na campanha do José Lins Albuquerque para o Senado, passando em Sobral, eu estava em uma recepção na casa do "seu" Aurélio Ponte – pai de Elusa e futuro sogro de Totonho Laprovitera – e fui me apresentar a ele. Ao me ver, ele sorriu e falou: – "Aurélio, esse eu conheço muito bem. É criado lá em casa!" Esse foi o dia mais garboso de um jovem, filho de sobralense, no meio dos maiores, da Princesa do Norte.

Bem, acho ter contado algumas boas passagens desse jovem VT.

Obrigado, Cesinha.

UM HOMEM DE ESTADO MAIOR

A ideia do Eng. César Barreto Lima de resgatar, em livro, a memória de Virgílio Távora, traz à baila uma verdade histórica: Virgílio Távora era de fato um estadista. Um dos maiores brasileiros do seu tempo. Sua atuação ultrapassou em muito as fronteiras do prioritário Ceará. O nordeste inteiro em algum momento de seu processo de desenvolvimento deve à defesa intransigente de Virgílio Távora.

Sua capacidade de articulação e conhecimento da geopolítica garantiram, no parlamento, grandes avanços institucionais.

Um homem de Estado Maior. Não lhe sentava a carapuça de coronel de patente comprada, descrita em prosa e verso, para definir chefetes políticos poderosos do sertão nordestino. Era sim um Coronel na política, Grande oficial do Exército Brasileiro condecorado pelo Presidente da República com a espada de honra, como o mais brilhante da escola militar. Destacou-se por feitos próprios, sem depender dos parentes famosos, generais e marechais, heróis nacionais com sobrenome dos Távora.

A primeira vez que ouvi falar no nome de Virgílio, devia ter uns cinco anos de idade. Em um tempo que criança não se metia em conversa de adulto. Mas eventualmente ouvia, e formava seu juízo de valor. Geralmente de pouco juízo.

Na varanda da casa da família, na Ilha de Santa Isabel em Parnaíba, meu pai e os irmãos comentavam sobre a candidatura de Virgílio Távora a Governador do Ceará. Jovem Deputado Federal casado com uma prima-irmã deles, Luíza.

Na conversa meu pai destacava as qualidades dele que mais tarde constatei: "Se Virgílio ganhar a eleição, vai fazer uma revolução no Ceará. É um engenheiro brilhante, inteligente e muito corajoso". Continuou relatando um episódio que testemunhara na cidade mineira de Itajubá, onde o destino fez com que conhecesse Virgílio, muitos anos antes de vir trabalhar com ele no Ceará. Tendo partido ainda muito jovem de Parnaíba, de navio com destino ao Rio de Janeiro para estudar engenharia, meu pai, conhecera um grande mestre da escola, doutor em matemática, que embarcara com a família no Recife. Ao fazer amizade com um dos filhos que tinha sua idade, logo foi convidado pela família para fazer as refeições na mesma mesa. O grande mestre era Alberto Cardoso que havia sido convidado pelo Presidente Wenceslau Braz para compor o quadro de professores, juntamente com outros notáveis da engenharia, incluindo alemães e russos, para a Faculdade de Engenharia de Itajubá recém-criada por ele.

Encantado com os relatos do professor sobre os laboratórios e ensino, meu pai decidiu trocar o Rio de Janeiro pela nova escola em Itajubá. Já no final do curso, os jovens estudantes foram estimulados a fazer o CPOR, para contribuírem com o Exército Brasileiro, pois o país entrara com os aliados na Segunda Guerra Mundial. Lá conheceu o jovem comandante do CPOR, Virgílio Távora. A afinidade foi imediata, pois Virgílio vinha desenvolvendo equipamentos para o Exército, incluindo veículos de transporte de canhões e pontes retráteis, utilizadas pelo Exército, e que lhe renderam várias condecorações.

Durante esse período, aconteceu um incidente que ficou famoso na cidade. Um agricultor estacionou a charrete na

porta de uma loja, e desceu para pegar um material deixando o filho de cinco anos sentado nela. Ao ouvir a buzina de um carro, o cavalo assustou-se e disparou rumo a um abismo. Com as pessoas gritando o cavalo corria mais ainda, levando a criança a um grande perigo. Vendo a cena, Virgílio pulou uma cerca, rolou por uma ladeira cortando a frente do cavalo, e saltando em seu pescoço. Foi por ele arrastado e pisoteado, mas fazendo-o parar antes de chegar ao abismo. Sob os aplausos de quem assistiu a cena, com a clavícula quebrada e muitas escoriações na cabeça e no corpo, foi levado ao hospital. No hospital, ainda em recuperação, recebeu a visita do Comandante Militar Regional, um Coronel gaúcho de 2m de altura, temido pela valentia, rudeza e mau humor. Acompanhado de dois oficiais, entrou no quarto de Virgílio quase gritando: "Vim lhe trazer uma medalha por bravura, mas você merecia uma cadeia por deixar o CPOR sem comandante". Virgílio respondeu no mesmo tom: "Coronel, o Exército Brasileiro precisa é de homem, não é de medalha não". Os oficiais comentaram depois que poucos subalternos teriam coragem de falar com o Coronel naquele tom.

Ouvindo essa conversa imaginei Virgílio parecido com seu tio Juarez Távora. Alto e forte como na fotografia estampada na propaganda de candidato a Presidente da República.

Eleito Governador, Virgílio convocou meu pai, o engenheiro Alberto Silva, então Diretor da Estrada de Ferro Central do Piauí, para uma missão quase impossível no Estado do Ceará. Planejar e executar a eletrificação de todas as cidades do Estado, ainda no período de seu governo. Aceitou o desafio e nos mudamos para Fortaleza.

Fomos para uma vila onde morava toda a família, em Jacarecanga. Tia Esmerina, viúva do Dr. Luiz de Moraes Correa, vendera a casa onde moravam na Rua Francisco Sá para a União, onde passou a funcionar a primeira sede do DNOCS. Ficando

com parte do terreno e construindo várias casas para os filhos. De frente para a Praça do antigo Liceu do Ceará, morava Branca, casada com Raimundo Santiago, ela própria na casa do meio e na outra casa Milton de Moraes Correa. Na parte de trás, de frente para a vila, meu pai ocupava com a família a primeira casa, na segunda morava Cristina casada com o médico Livino Pinheiro, na terceira casa Nícia casada com Flávio Marcílio e na última Luíza, casada com Virgílio Távora, Governador eleito. Brincando com os primos perto à última casa, vi Virgílio pela primeira vez. E diferente do que imaginava, era baixo. No terraço de sua casa, estava na companhia de Alberto Silva, Flávio Marcílio, Alcimor Rocha, Moacir Aguiar e, creio que Marcelo Linhares. Falava sobre plano de governo e da pressa que tinha para implantá-lo. Todos em total silêncio, com grande atenção para o que dizia. Percebi que sua liderança era exercida pelo carisma e autoridade moral.

Alberto Silva recebera de Virgílio a missão como uma ordem militar: "Doutorzinho, o único com capacidade para executar esse plano é você. Tem carta branca, a confiança e total apoio do Governador. Não posso deixar a capital do meu Estado dependendo de petróleo importado, para ser usado na termoelétrica da CONEFOR. Tenho que trazer a energia de Paulo Afonso para cá. Também tenho que priorizar a energia elétrica de Sobral, para fazer funcionar a fábrica de cimento que José Ermírio de Moraes quer trazer para o Ceara".

Lembro-me da inquietação permanente de Alberto Silva para executar a missão. Com carta branca, conseguiu em Sobral o grupo gerador da antiga fábrica de tecido e fez funcionar uma pequena hidroelétrica no Açude Araras, montando uma linha radial e produzindo energia suficiente para a fábrica de cimento, para toda a cidade de Sobral e cidades vizinhas. Na inauguração o Senador José Ermírio de Moraes disse para o Governador Virgílio Távora que seu governo era o mais confiável de todo o nordeste, pois entregara o prometido com a metade do prazo

combinado. Virgílio respondeu apontando para Alberto Silva: "Graças à capacidade de trabalho desse Doutorzinho magrelo". Na verdade, graças à determinação do Governador Virgílio Távora para desenvolver seu Estado.

Daí para frente tive a grata satisfação de conviver muitos anos com VT. César Barreto, o autor do livro também. Seu pai, o Deputado Federal Cesário Barreto, era grande amigo de Virgílio e estavam sempre juntos. Em Brasília, em sua casa conhecida como "Mansão Ceará" Virgílio Távora reunia sempre, para o almoço de domingo, grandes lideranças nacionais. Parlamentares, Ministros, Generais e até Presidentes da República. Desses encontros saíram muitas decisões importantes, demonstrando o seu prestígio e sua capacidade de articulação. Presenciei um último ato de grandeza, coragem e determinação, em defesa do Ceará e do Nordeste, durante o processo da Assembleia Nacional Constituinte. Doente, com deslocamentos frequentes a São Paulo, para tratamento de um câncer, foi o mais importante guardião dos interesses do Nordeste, pois era quem tinha autoridade para fazê-lo. Presenciei várias dessas reuniões, pois na época exercia o mandato de Deputado federal pelo Piauí, e era Vice-líder de Mário Covas. Testemunhei sua autoridade e firmeza até mesmo na última semana antes de ir a São Paulo e não mais voltar ao Parlamento. Virgílio reuniu na Mansão Ceará os Senadores Mário Covas, Fernando Henrique e José Rocha. Carlos Virgílio, seu filho, meu primo, cunhado e compadre, e eu, que éramos deputados, também estávamos presentes, mas não nos metemos na conversa. Depois de quatro horas falando devagar, mas firme, pediu para servirem o almoço.

Na saída o Senador Mário Covas, meu amigo e correligionário disse: "Teu parente é homem sério. Tem argumentos irrefutáveis. Precisamos levar em consideração o que ele diz. É um grande brasileiro"!

Fiquei feliz de ouvir isso.

Foi a última vez que vi com vida, o grande Estadista Virgílio Távora.

PAULO SILVA
Ex-Deputado Federal pelo Estado do Piauí, filho do Ex-Senador e Ex-Governador Alberto Tavares Silva.

DISCURSO:
DEPUTADO LÚCIO ALCÂNTARA

O SR. LÚCIO ALCÂNTARA (PFL – CE) – Exmo. Sr. Deputado Ulysses Guimarães, Presidente da República, em exercício; Exmo. Sr. Senador Mauro Benevides, Presidente, em exercício, da Assembleia Nacional Constituinte; Exmo. Sr. Senador Humberto Lucena, Presidente do Senado Federal; demais integrantes da mesa; Exmº Srs. Ministros de Estado; Exmº Srs. Deputados Estaduais que representam a Assembleia Legislativa do Ceará; Srs. Constituintes; Deputado Carlos Virgílio, filho do homenageado, e Sua DD. Srª, Juliana Silva Távora; demais familiares de Virgílio Távora e amigos aqui presentes.

Pranteia esta Assembleia, em sessão solene, o desaparecimento do Senador Virgílio Távora a cujo empenho no desenrolar de seus trabalhos muito deve. Cabe-me, por delegação de meu Partido, fazer-lhe o elogio póstumo. Abstenho-me de comentar em minúcias a cronologia de sua vida pública pontilhada de êxitos no desempenho de sucessivos postos que ocupou, alguns reincidentemente, na administração federal, no Parlamento Nacional e no Executivo Estadual, por constarem de publicações diversas de fácil acesso e ampla circulação. Prefiro fixar-me na avaliação pessoal que pude fazer da importância que teve para a política cearense durante os longos anos em que se ocupou com paixão e entusiamo dessa atraente e incerta

atividade humana. É verdade que seu talento e perseverança fizeram-no também um líder de projeção nacional, fugindo ao destino apagado e vil a que se condenam os políticos dos pequenos Estados, no cenário do País. Foi, no entanto, ao Ceará, e ao Nordeste, que prestou os serviços mais relevantes e onde seu trabalho fecundo apresentou resultados mais visíveis. Chamado pelo pai o venerado Senador Fernandes Távora, em fins da década de 40 iniciava suas atividades políticas no Ceará, reorganizando a velha UDN no âmbito do Estado e assumindo a partir daí, incontestável liderança alicerçada nos princípios da lealdade aos amigos e correligionários, ousadia política, senso de autoridade, fidelidade aos compromissos assumidos e grande espírito público, características estas que o acompanharam até o fim de seus dias. O ingresso de Virgílio na política implicou na renúncia a uma promissora carreira militar que os primeiros sucessos profissionais antecipavam, conforme depoimento de contemporâneos. A nova opção decorria de uma vocação natural, e não como poderia parecer à primeira vista de um imperativo patriarcal próprio da estrutura política clânica, típica da época. Sua trajetória política foi uma sucessão de vitórias que o fizeram por duas vezes respectivamente Deputado Federal, Senador da República e Governador do Estado. Sempre com votações consagradoras. Dedicado exclusivamente à vida pública, modernizou o processo político no Ceará organizando Partidos, montando alianças, realizando acordos que fizeram dele um adversário temido e um ganhador de eleições. Dotado de enorme capacidade de trabalho e poder de recuperação, superou a derrota de 1958, seu único revés eleitoral, quando perdeu a eleição para o governo do Estado. Articulou com outras lideranças expressivas a maior composição de forças políticas cearenses que envolveu entre outros partidos a UDN e o PSD na denominada "União pelo Ceará". Inaugurava-se uma nova era na política estadual. A aliança entre os dois grandes Partidos do Estado punha termo a décadas de lutas insensatas, ódios, violências e mesquinharias

que dividiam cidades e famílias para alimentar disputas eleitorais que propiciavam ao vitorioso o direito de repartir o butim com os amigos em detrimento do interesse público. Guindado ao governo do Estado, amparado naquela formidável coalizão de forças, Virgílio Távora governou com austeridade e resolveu com energia e habilidade os conflitos que naturalmente irromperam no seio do Governo. Modernizou a administração pública estadual, fez o primeiro governo planejado no Ceará, criou novos instrumentos administrativos, realizou numerosas obras públicas e trouxe até Fortaleza a energia elétrica de Paulo Afonso, marco do novo Ceará. Não havia mais quinhão a repartir, coletores a nomear, professores a transferir, delegados de polícia a serem demitidos como era costume, segundo a tirania dos vencedores locais. Foi ele, sem dúvida, o primeiro homem público cearense a dar combate efetivo ao clientelismo político. Um dos traços mais marcantes da sua ação politica foi a disposição para aceitar novas ideias, aglutinar em torno de si colaboradores de valor, implantar novas práticas administrativas, conviver democraticamente com os opositores e lançar-se audaciosamente em busca do futuro como quem tivesse um encontro decisivo marcado com a História. Não obstante dedicar-se integralmente à política, galgando importantes cargos públicos ininterruptamente, foi um obstinado, não um sôfrego, sempre empenhado no cumprimento de suas tarefas aplicadamente não hesitando, por vezes, em embrenhar-se no estudo de matérias que lhe eram em princípio, estranhos, mas que acabou por dominar. O Legislativo não o frustrou, ainda que sendo homem de ação estivesse à vontade nas funções administrativas. Não passou pelo parlamento, como tantos, em regime de semi-ociosidade, contando tempo para investir-se em novas funções executivas. Foi bom Parlamentar e bom executivo. Sua atuação na Câmara dos Deputados e no Senado Federal na discussão de temas de grande alcance como energia elétrica, informática, energia nuclear e o desenvolvimento do Nordeste atestam a eficiência com que cumpriu seus vários

mandatos legislativos. Não bastasse isso, seu incansável trabalho na Assembleia Nacional Constituinte viria corroborar sua reconhecida disposição para o diálogo e a conciliação com vistas a atender o interesse nacional além das paixões partidárias e antagonismos ideológicos. O destino retirou-lhe a chance de apor seu nome como signatário da nova Constituição, mas todos sabemos o quanto contribuiu para superar impasses em certos momentos dados como intransponíveis. Nem a doença, que minava inapelavelmente suas forças, afastou-o de seus deveres. Seu exemplo deve nos servir de inspiração para que não cedamos passo aos críticos, que na contundência de suas recriminações imerecidas querem apresentar esta Assembleia à sociedade brasileira como uma reunião de leguleios perdidos em debates inúteis, para ao cabo responder às angústias do povo apenas com quimeras. A melhor forma de homenageá-lo, creio eu, será acelerar os trabalhos constituintes e concluir a transição para a democracia. Esta seria sua vontade. Os resultados das últimas eleições cearenses sugeriam que era chegada a hora do ostracismo político do velho Senador, condenado a cumprir melancolicamente o seu mandato. Como sabemos, a história foi bem outra. Sua atuação na Assembleia Nacional Constituinte consagrou-o diante de todos e contribuiu decisivamente para aproximar correntes ideológicas divergentes em torno de soluções comuns. Ajudou-o na tarefa o baixo teor ideológico que impregnava sua ação política. Foi sobretudo um realista, um pragmático, exímio na arte de acumular poder e conservar-se no centro dos acontecimentos. É certo que "para servir à Pátria, e não dela se servir", na expressão de D. Aloísio Lorscheider, em homilia proferida na missa de corpo presente rezada no Palácio da Abolição, em Fortaleza. Dono de grande sensibilidade política, movia-se mais levado pelas ações práticas que pelas ideias. Não que não as possuísse. Tinha grande cultura humanística e era bom conhecedor de música. Sob aparência sisuda guardava um coração solidário e generoso, provado em

episódios sobejamente conhecidos. Sem guardar rancores, ou amargurar-se, conviveu com as infidelidades e as incompreensões aceitas como decorrências inevitáveis da condição humana e da vida pública.

Virgílio Távora morre em momento singular da vida nacional. Há dificuldades enormes a serem superadas, tanto no plano político como no plano econômico e no social. A sociedade agita-se na busca da sua realização política e da descoberta de um novo projeto nacional. O País vive como escreveu, há poucos dias, em bem-lançado artigo, o jornalista José Castello, no suplemento "IDEIAS" do Jornal do Brasil, de 21 de maio último, "sob o signo de quatro atributos detestáveis que compõem nosso perfil cultural: o cinismo, a violência, a delinquência e o narcisismo". É de se ver que situação assim tão grave está a exigir das elites brasileiras posturas éticas que correspondam aos anseios da opinião pública. Nesse quadro de descrença geral o primeiro a ser atingido é o político, mercê da natureza de suas funções e dos equívocos em que muitos incorrem. Nessa hora de apatia e desconfiança geral, urge recuperar o político para liderar o processo de transformação da sociedade e das instituições. É neste contexto que desejo evocar a memória do homenageado como exemplo de um político probo e atuante, capaz de se impor ao respeito de todos, inclusive dos que dele discordavam.

A convivência próxima que tive com o Senador Virgílio Távora como seu amigo e auxiliar, permitiu-me conhecê-lo melhor e dar este depoimento que está aquém de seu merecimento, mas tem a virtude de ser espontâneo e veraz. Devo-lhe parte significativa de meu sucesso na vida pública. Prefeito de Fortaleza, recebi dele o apoio e o estímulo que me proporcionaram condições para realizar uma obra administrativa elogiada por quantos a conheceram. Ela foi seguramente precioso aval para meu futuro político. Se é verdade, como disse Victor Hugo, que "os mortos não estão ausentes, mas sim invisíveis", é justo esperarmos que não nos falte nunca com suas lições e seu exemplo.

Nenhum homem poderia ter sido o que foi, e feito o que fez Virgílio, não tivesse em torno de si uma família unida e bem constituída. Ela foi, sem dúvida, o alicerce sobre o qual pôde construir sua obra. Sua esposa Luíza foi a maior incentivadora de seu trabalho e o apoio firme nas horas de angústia que afligem indistintamente todos os homens públicos. Teresa Maria e Carlos Virgílio são os filhos queridos que prolongam sua existência entre nós. A este último, colega e amigo, está reservada a missão espinhosa e nobre de manter vivo o idealismo que animou a vida de seu pai até o sofrimento final que suportou com a dignidade e o silêncio próprio dos estoicos.

O grande Gilberto Amado afirmou certa feita que "a vida perdoa raramente aqueles que não a vivem bastante". Mil vezes a vida perdoou Virgílio Távora que a viveu intensamente, não tanto para si, mas sobretudo para os outros.

LÚCIO ALCÂNTARA
Ex-Governador do Estado, ex-Prefeito de Fortaleza, Deputado Federal, Senador da República e Membro da Academia Cearense de Letras.

VIRGÍLIO TÁVORA E A TRANSIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO CEARÁ

Virgílio Távora foi um dos mais importantes homens públicos nordestinos, com destaque expressivo no cenário político nacional.

De personalidade forte e aparência austera cresceu, primeiramente, entre os seus correligionários pela fidelidade aos compromissos, requisito fundamental entre o chefe e seus seguidores. Alguns o acompanharam pela vida toda, formando, no Ceará, a "corrente virgilista", que registrou uma rara longevidade na oscilante atividade política brasileira.

Consta que, na intimidade, era descontraído e brincalhão, permitindo-se tiradas de humor e atitudes de relaxamento, como tirar os sapatos e pôr os pés sobre a mesa e, até mesmo, quando em ambiente confiável e de boa prosa, sorver uma ou duas doses de uísque.

Embora fosse um político de raciocínio lógico que sabia muito bem onde pisava, confessava-se um passional, admitindo que são as paixões e não os interesses que movem o mundo.

Perceber a força grandiosa da paixão nos passos da aventura humana foi, por certo, uma das iluminações deste homem público que, por duas vezes, governou nosso estado, tendo sua atuação demarcado a transição do Ceará para o desenvolvimento.

Herdeiro de uma saga familiar permeada de revoluções e participação heroica na história republicana do Brasil, foi chamado, desde muito jovem, para o engajamento cívico e o franco exercício do ideal político.

Cresceu entre murmúrios dos agentes maiores da cena política cearense, onde seu pai, o doutor Fernandes Távora, era uma das mais expressivas lideranças.

Os Távora tinham duas vocações: o exército e a política. Em ambas atingiram destacados degraus. Do Vale do Jaguaribe o pequeno fazendeiro Joaquim Antônio do Nascimento e a sua mulher, Clara Fernandes Távora, soltaram seus filhos por este Brasil para liderar revoluções e galgar as mais altas patentes da carreira militar.

Virgílio, que seguiu o destino clânico, não atingiu, como os tios Juarez e Fernando, os galões de Marechal. Mas pela outra banda da vocação Távora, foi o maior político da família.

Apresentado à crônica recente de nossa história como um dos donos do Estado, um "coronel" por condição política que era também um coronel do exército brasileiro, não pode ser comparado a outros oligarcas regionais, como os que foram produzidos em Pernambuco, na Bahia, no Rio Grande do Sul e até mesmo aqui, na Era Aciolina. Nunca foi um soba, um régulo paroquial. Brilhou como estrela na cena nacional.

Não confiava nesta história de votos genéticos. Andava com suas próprias pernas. Disputou eleições e, numa delas, a de 1958, foi duramente derrotado. Não desistiu e reencontrou o caminho das urnas. Observa o cientista político Josênio Parente que "no Ceará, a singularidade importante que afetou a vida política local está no fato de que suas elites políticas possuem uma fragilidade estrutural facilmente reconhecida. A consequência desse fenômeno é a não formação de oligarquias fortes, como normalmente aconteceu com outros estados do Nordeste (aqueles associados ao cacau e ao açúcar). (...) A fragilidade das

elites políticas cearenses se revela com toda clareza no período da redemocratização, de 1945 a 1964, quando o padrão dominante foi, indubitavelmente, a recorrência oposicionista; isto é, a cada eleição, o governador não conseguia eleger o seu sucessor".

Virgílio foi quem quebrou esta regra. Competente administrador de conflitos, em 1962 foi o candidato de uma aliança política até então considerada impossível: o abraço dos dois ferrenhos adversários partidários, UDN e PSD, na inacreditável União Pelo Ceará. Pela primeira vez o Governador (no caso, o professor Parsifal Barroso) conseguia eleger seu sucessor. E o eleito, Virgílio, havia sido o adversário do Governador no pleito anterior.

Depois de escapar de ser expurgado da vida pública pelo Regime Militar, devido às estreitas relações com o deposto Presidente João, terminou sendo assimilado pelos novos donos do poder e até nomeado para governar uma segunda vez o Ceará.

No Primeiro Governo anunciou um Plano de Metas, PLAMEG, com a intenção de fazer uma administração que, ao invés de se perder nas velhas futricas da politicalha provinciana, se propusesse a promover o desenvolvimento.

É claro que encontrou resistências, como afirmou, tempos depois, numa entrevista: "Para a obtenção de resultados, teríamos de resistir a todas as formas de pressão, de enfrentar incompreensões e interesses, até mesmo de pessoas caras à nossa estima, de combater o tráfico de influências comprometedoras, de vencer ultimatos ameaçadores do clássico sistema político-partidário imoderado na afirmação do poder pelo desrespeito dos preceitos legais."

A atuação de Virgílio Távora encaminhou o Ceará para a posição de Terceiro Polo Industrial do Nordeste, condição que haveria de se potencializar com o seu retorno à direção do Estado em 1979, indicado pelo General Geisel.

A história de Virgílio Távora começa no velho e cinzento casarão da rua Visconde de Sabóia, ao lado da Praça dos

Leões, onde nasceu, no dia 29 de setembro de 1919. Seus pais eram o Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora e Dona Carlota Augusta de Moraes. Ele, um prócer político da maior envergadura, militante do Movimento Tenentista do final da República Velha e da Revolução de 30, Interventor do Ceará e Senador; ela, descendente dos Moraes da Zona Norte e Sertão Central e dos Caracas, plantadores de café do Maciço de Baturité.

Maria Adelaide Flexa Daltro Barreto, no livro Luíza Távora, Uma Legenda, publicado em 2000, fala sobre Dona Carlota: "Era uma mulher de extraordinária educação social. Estudou na Europa, aprimorando-se em vários idiomas, o que era raro na educação das mulheres naquela época. Sua fidalguia fazia-se notar pelas atitudes que tomava quando circulava, discretamente, pelas reuniões que comparecia e, especialmente, pelos salões da sociedade fortalezense. Sua cultura muito sólida era dividida com o marido, ambos somando seus conhecimentos na educação dos três filhos: Amílcar, Virgílio e Moema."

Uma vez, no começo dos anos 60, passava eu pela rua Sena Madureira com o meu tio e tutor Padre Leitão, quando ele me apontou aquele sobrado austero da esquina com a Visconde de Sabóia e falou: "Este é o solar dos Távora! Aí mora o Dr. Fernandes Távora, pai do Governador." Como eu só vira a palavra solar nos romances do século XIX, olhei com admiração e curiosidade o casarão fechado, certo de que aquela construção severa encerrava muita história e tradição.

A saga da família Távora tem origem na Europa medieval, na luta dos cristãos pela reconquista da Península Ibérica, ocupada desde o século oitavo pelos árabes.

Como se houvessem destacado no combate aos mouros, os irmãos Rauzemundo e Thedão receberam, no século XI, do rei de Leão, um feudo nas margens do rio Távora, na Lusitânia, futuro Reino de Portugal.

Muitos anos se passaram desde esse ingresso honroso na nobreza ibérica até os lamentáveis episódios que provocariam a expulsão dos Távora de Portugal.

No século XVIII, quando reinava D. José I, os Távora foram acusados de conspirar contra o rei. Dona Leonor, a resoluta e altiva Marquesa de Távora, era adversária do Marquês de Pombal, Primeiro Ministro do reino e urdidor da injustificada acusação.

Na noite de 3 de novembro de 1758 o rei sofreu um atentado. Foi atacado a tiros de bacamarte por desconhecidos. O atentado, que quase provoca a morte de D. José I, foi mantido em segredo por Pombal, enquanto armava um arrazoado de culpa contra os Távora e seus parentes, o Duque de Aveiro e o Conde de Atouguia.

O Processo dos Távora, tramitado de forma irregular e sem provas documentais ou testemunhais, levou um grupo de nobres à condenação máxima e muitos outros ao desterro. Criou-se um Tribunal de Alta Traição que terminou incriminando também os padres jesuítas e provocando sua expulsão de Portugal e das colônias. Dona Leonor, a Marquesa de Távora, foi condenada à morte sem ser interrogada e sem nenhum direito de defesa. Seu marido, filho e genros também foram executados. Três dias depois da execução dos Távora seus bens e os da Companhia de Jesus eram confiscados. Expulsos, em seguida, os Távora, temendo novas perseguições, deixaram de usar o nome familiar. Os que vieram para o Brasil adotaram os sobrenomes Silva e Fernandes. Um clérigo da família, o Monsenhor Fernandes, nos meados do século XIX, é que remontou as origens fidalgas de seus ancestrais e a denominação Távora voltou.

A vinda dos Távora para o Ceará ocorre no princípio do século XIX, situando-se no maciço de Baturité e, principalmente, na região jaguaribana. É ali, numa fazenda, em Jaguaribe-Mirim, que nascem aqueles que iriam marcar presença firme

nos principais acontecimentos políticos brasileiros a partir da segunda década do século XX, os irmãos Manuel, Joaquim, Juarez e Fernando Távora.

Virgílio Távora viveu sua infância entre conversas políticas e sobressaltos de revoluções. Uma tarde, ouviu a notícia de que seu tio Joaquim Távora fora morto em São Paulo, quando participava da Revolta Tenentista de 1924.

O nome de seu tio Juarez ecoava por todo o país como um dos líderes da Revolução de 30 quando Virgílio ingressou no Colégio Militar do Ceará. Depois, transferiu-se para o Colégio Militar do Rio de Janeiro, matriculando-se, em seguida, na Escola Militar de Realengo, de onde saiu Aspirante, em 1938.

Prosseguindo na carreira militar foi promovido, sequencialmente, a 2º Tenente (1939), 1º Tenente (1941), Capitão (1944), Major (1950), Tenente-Coronel (1955) e Coronel (1960), quando foi para a reserva.

Formou-se em Engenharia e fez também o Curso de Estado Maior, Curso da Escola Superior de Guerra, Curso de Atualização de Comando e Estado Maior e o Curso de Técnico de Administração.

"Em 1947 – rememora Virgílio Távora numa entrevista – meu projeto de vida era concluir o meu Curso de Estado Maior e servir como Observador Militar da ONU, na quota do Brasil. Alguns acontecimentos, porém, mudariam minha vida levando-me para a política."

O mais importante depoimento de Virgílio Távora sobre sua vida foi feito ao jornalista Jorge Henrique Cartaxo na célebre entrevista publicada pelo jornal O Povo, em 30 de abril de 1988, poucos dias antes de sua morte.

Nesse documento fundamental para a recente história do Ceará ele explica, com riqueza de detalhes, as circunstâncias que o induziram à atividade político-partidária:

“No início de 1947 minha avó materna, Ana Cândido, adoeceu gravemente. Na ocasião, eu cursava o último ano da Escola de Estado Maior e me foi concedida uma licença de trinta dias pelo comandante da Escola, o cearense General Tristão de Alencar Araripe, para que pudesse acompanhar a luta de minha avó de 84 anos contra a morte.

O país vivia a época da redemocratização com a queda de Getúlio Vargas e o fim do Estado Novo. Mas os Estados continuavam a ser governados por interventores, enquanto as eleições estaduais eram preparadas, nomeados pelo presidente recém eleito, General Gaspar Dutra.

No Ceará os interesses inconciliáveis entre o PSD de Menezes Pimentel e o PR dos irmãos Moreira da Rocha levaram ao Palácio da Luz o coronel de Engenharia José Machado Lopes, que depois viria a ter papel destacado, já como General de Exército, na chamada Campanha da Legalidade em 1961, visando a posse de João Goulart na Presidência da República face à renúncia de Jânio Quadros.

Machado Lopes e eu éramos amigos [...] e quando soube de minha presença em Fortaleza me convidou para um uísque-amigo em Palácio. Não foi possível negar os laços de amizade que me prendiam ao Interventor, para o desespero e decepção do PSD e do PR, aos quais ele dava pouca atenção. Assim, involuntariamente, me transformei no condutor de todas as reclamações da UDN junto ao Governo, quanto às arbitrariedades e abuso de autoridade praticados no interior do Estado. A bem da verdade, é preciso que se diga que Machado Lopes nunca compactuou com qualquer espécie de violência.

Desempenhando essa função, passei a ter um contato frequente com os líderes Tavoristas e Saboystas – as duas correntes em que se dividia a UDN. Na corrente ligada ao meu pai, verificava-se o surgimento de uma nova geração política que, inevitavelmente, viria substituir a anterior, formada por José de

Borba, Miguel Gurgel, Torres de Melo, João Bezerra e Alfredo Barreira, dentre outros. Na nova geração, basicamente agrupada em torno do Movimento Estudantil, pontificavam Aquiles Peres Mota, Alberto Nunes Leal, Luciano Magalhães, Ernando Uchoa Lima, Leorne Belém, José Maria Barros Pinho e tantos outros, no chamado Departamento Estudantil da UDN. Destacavam-se também no movimento de renovação dentro da UDN as lideranças de Manoel de Castro, José Napoleão de Araújo, Edval Távora e Moacir Aguiar.

As eleições em curso para o Governo do Estado ocorreram naquele período. Faustino de Albuquerque disputava pela coligação UDN-PR-PSP e o general Onofre Gomes, comandante da 10ª Região Militar, era o candidato do PSD. Faustino ganhou as eleições e, uma semana depois, eu já preparava o meu retorno para o Rio de Janeiro, onde deveria concluir o meu Curso de Estado Maior.

Foi quando recebi o primeiro e caloroso apelo dos tavoristas para ingressar na política, face às gestões exitosas a que procedera junto ao Governo do Estado, como também junto aos próprios adversários. Walter de Sá Cavalcante era de há muito meu conhecido.

Ainda que satisfeito por ter sido útil ao meu pai e aos seus amigos, o meu projeto estava voltado para a carreira militar. Por isso recusei."

Mas em 1948, ao falecer sua mãe, Dona Carlota, Virgílio, que se preparava para embarcar numa missão da ONU no Oriente, recebeu a convocação peremptória de seu pai para que não viajasse e viesse, imediatamente, assumir a liderança do grupo tavorista, sob pena de se perder todo o patrimônio político da família no Ceará. E ele veio. Passaria a servir na 10ª Região Militar.

Recebido com muito entusiasmo pelos correligionários, já em 1950 se elegia Deputado Federal pela UDN. Sua capacidade de articulação surpreendia até às velhas raposas da representação

parlamentar do Ceará. Logo no primeiro mandato, conseguiu ser escolhido o Secretário Geral da Executiva Nacional da UDN, entrando para o primeiro time dos políticos do país. Iniciou por esse tempo a luta pela vinda da energia de Paulo Afonso para o Ceará.

Em 1954 foi reeleito Deputado, virou Vice-Presidente de seu partido e, em 1960, foi nomeado Coordenador Geral da campanha de Jânio Quadros à Presidência da República.

Em 1959 foi indicado pela UDN para o Conselho de Administração da NOVACAP e ali foi Diretor. Nesse mesmo ano, foi escolhido para o CONSELHO NACIONAL DO SERVIÇO SOCIAL RURAL.

Em 1961 Virgílio Távora era Ministro de Viação e Obras Públicas do Primeiro Gabinete Parlamentarista.

A primeira vez que se candidatou ao Governo do Estado não logrou êxito. A eleição de 1958 foi vencida pelo Professor Parsifal Barroso.

Segundo Marcelo Linhares, "Virgílio saiu da campanha de 1958 liquidado: além de estar devendo 30 milhões de cruzeiros ao Banco União, ainda teria que se apresentar, de acordo com o regulamento do Exército, até 31 de janeiro de 1959. O Marechal Lott, ainda Ministro da Guerra e que por ele não morria de amores, seguramente o enviaria para um posto não muito confortável."

Construtor de bons relacionamentos, consegue Virgílio escapar de todas as redes lançadas contra ele. Magalhães Pinto, o banqueiro político, empresta-lhe o dinheiro necessário para pagar as dívidas e mais um pouco até para que viaje com a esposa Luíza à Europa, a fim de esfriar a cabeça. Quanto às obrigações militares, obtém aquela nomeação para a NOVACAP, na nascente Brasília, e fica em trajes civis por mais uns tempos.

Em 1962 planejava voltar à Câmara Federal e se pôs em campanha, articulando-se com um elenco de candidatos a Deputados Estaduais.

De repente, as coisas começam a convergir para ele. O Governador Parsifal, rompido com os cardeais da coligação que o elegera, tem um plano para fazer seu sucessor. O plano consistia em promover a aliança dos grandes partidos rivais, UDN e PSD, na formação do que denominaram de UNIÃO PELO CEARÁ.

Apesar das restrições que Parsifal tinha ao nome de Virgílio, seu adversário na eleição passada, foi obrigado a aceitá-lo porque era o que preenchia as melhores condições de confiança e aceitação popular.

Enfrentando seu ex-correligionário Adahil Barreto, saiu vencedor, com uma maioria superior a 200 mil votos.

Tomando posse no dia 25 de março de 1963, procurou aplicar o PLAMEG, Plano de Metas Governamentais.

Pela primeira vez uma administração apresentava um plano global de governo com projeção para todo o quadriênio.

Até a chegada de Virgílio Távora ao governo, os administradores do Ceará não adotavam nenhum planejamento de governo.

O PLAMEG era inspirado no Plano de Metas do governo de Juscelino Kubistchek e no Plano Trienal de João Goulart, ambos filiados à Teoria do Desenvolvimentismo, segundo a qual, para se desenvolver uma região e superar os atrasos sociais, o caminho era a industrialização.

O PLAMEG – como bem ressalta Airton de Farias - foi elaborado pelo economista Hélio Beltrão, oriundo da Fundação Getúlio Vargas e da Secretaria de Planejamento do Estado da Guanabara, auxiliado por técnicos do Banco do Nordeste e da Universidade Federal do Ceará.

Estabelecia uma série de medidas de cunho econômico e administrativo que objetivavam, sobretudo, a industrialização cearense, através da criação pelo Estado de obras de infraestrutura (energia, transportes e comunicações), além do financiamento

ao empresariado local e isenções fiscais para atrair indústrias do Centro-Sul do país. Para alcançar essas metas, Virgílio contaria também com verbas e apoio técnico de instituições e programas internacionais, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e a Aliança para o Progresso (programa de ajuda norte-americano visando barrar o avanço das esquerdas na América Latina), afora a SUDENE e o BNB.

Estas entidades foram responsáveis pela liberação de capitais, por incentivos fiscais em benefício do Ceará, pela formulação de diagnósticos, pela elaboração e condução de projetos para as obras de infraestrutura.

Na administração local, Virgílio Távora criou a Superintendência do Desenvolvimento do Ceará (SUDEC), a Companhia de Desenvolvimento do Ceará (CODEC), o Banco do Estado do Ceará (BEC) e a Secretaria de Planejamento do Estado (SEPLAN). Na área de transportes, para melhor escoar a produção, o governo Virgílio Távora promoveu a criação da Companhia Docas do Ceará e da Fábrica de Asfaltos, a pavimentação de muitas rodovias, a ampliação e aparelhamento do porto do Mucuripe.

Sua grande obra, porém, aquela que é considerada o divisor de águas entre o Ceará Agrícola e o Ceará Moderno, foi a construção da linha de transmissão que possibilitou chegar até Fortaleza a energia da Usina de Paulo Afonso, criando as condições para a implantação do Distrito Industrial.

Segundo Aroldo Mota, o Primeiro Governo de Virgílio Távora "deu ênfase ao que chamou de ajuda de fora, sem a qual nenhuma administração nos Estados do Polígono das Secas poderá cogitar, seriamente, de investimentos de base."

Como vimos, o PLAMEG visava como principais vetores de desenvolvimento as ações que incrementassem a instalação de indústrias, a ampliação portuária, a melhoria da malha rodoviária e o incentivo à agropecuária. Todos esses itens estariam interligados,

atuando em conjunto para gerar emprego e renda, melhorar a circulação da produção interna e multiplicar as exportações.

Tudo isso deveria ser desenvolvido sem prejuízo das tarefas comuns e corriqueiras da administração nos setores de Educação, Cultura, Saúde e Segurança Pública.

Secretariado foi formado com nomes indicados pelos partidos que compunham a coligação vitoriosa. O Governador, porém, reservou-se o direito de se assessorar de técnicos e fazer algumas indicações pessoais, dentre elas as de dois militares, que teriam papel importante na administração e, depois, no episódio da tentativa de destituição de Virgílio, logo depois do Golpe Militar. Eram eles, o coronel Clóvis Alexandrino, para a Secretaria de Polícia e Segurança Pública, e o general Edson Ramalho, para a Secretaria da Fazenda.

Na Secretaria de Educação, dirigida por Hugo Gouveia, o Coronel Virgílio exigiu que fossem convocados aqueles que considerava "as melhores cabeças do setor", mesmo sabendo que alguns desses nomes eram reconhecidos militantes de esquerda, o que, para os conservadores tratava-se de uma loucura e, para os progressistas, um avanço da mentalidade do governo estadual. Assim, da equipe da Secretaria de Educação, passaram a fazer parte Luiza Teodoro, Lauro Oliveira Lima, os irmãos Linhares (Evaristo e Edgar), Luís Edgar Cartaxo de Arruda e Iracema Santos, dentre outros.

Em 1964, os governadores que tinham algum tipo de ligação com Jango estavam sendo apeados do poder e presos. Isto aconteceu, por exemplo, em Pernambuco com o governador Miguel Arraes.

Virgílio Távora era amigo de Jango há muito tempo. Com ele conseguira, de fato, que a energia de Paulo Afonso fosse estendida até Fortaleza e não apenas cobrisse a Região Sul do Estado, como estava inicialmente decidido. Alguns coronéis "linha dura" da 10ª Região Militar planejavam invadir a sede do

Governo e de lá simplesmente desalojar "aquele coronelzinho amigo do comunista deposto".

O coronel Alexandrino e o general Ramalho souberam dos boatos e tomaram imediatas providências. Depois das devidas identificações, avisaram aos pretensos derrubadores do Governador que, se eles se metessem a bestas, iriam ter problemas, pois seriam recebidos à bala.

Isso bastou. Lá por cima, nos altos escalões, a rede de amigos gerenciou outras demandas para salvar a pele do Governador VT. E conseguiu.

É importante destacar a atitude de nobreza política e lealdade praticada pelo Vice-Governador Figueiredo Correia que, convidado a se preparar para assumir o governo, logo que Virgílio fosse derrubado, recusou-se a compactuar com os golpistas. E disse claramente que, caso o Governador Virgílio fosse desalojado do Palácio da Luz, ele renunciaria imediatamente. Virgílio costumava citar esse gesto altaneiro de seu Vice-Governador que, quando foi instalado o bipartidarismo, haveria de ficar no MDB, portanto na legenda adversária do situacionismo.

Clima tenso aconteceu também quando da inauguração da linha de transmissão Milagres-Banabuiú-Fortaleza da energia de Paulo Afonso. Por uma questão de justiça, o Governador tinha de fazer referência à ajuda que recebera de Jango. Isto certamente iria constranger o Presidente Castelo Branco, presente ao ato de inauguração e hóspede do casal Távora. Virgílio, entre praticar a ingratidão e arriscar ser mal compreendido pelo homem forte do novo regime, preferiu ficar com sua consciência. Fernando Távora Filho, primo dele e testemunha ocular da cena, disse-me que o Governador, a certa altura de seu discurso, pronunciou estas exatas palavras: "Manda a justiça e impõe a história que eu declare neste momento e neste ato que esta obra se deve, em grande parte, à vontade política do ex-Presidente João Belchior Marques Goulart!!!"

Segundo Marcelo Linhares, “a partir daí, Castelo, que ficara chocado com o inusitado, nunca mais se hospedou na residência oficial do governador. Os entendimentos políticos entre a Presidência da República e o Ceará passaram a receber como interlocutor o então deputado Paulo Sarasate.”

Em 1966, no dia 15 de setembro, renunciou ao mandato, passando o Governo ao deputado Franklin Chaves, Presidente da Assembleia Legislativa. Concorreu, pela Arena, à Câmara Federal, sendo eleito com a maior votação.

Em 1970 candidata-se ao Senado. Ganhou mais uma vez e, no Congresso, foi escolhido Vice-Líder do Governo.

No final dos anos 70 torna-se novamente Governador, desta vez indicado para a votação indireta por um General-Presidente.

Josênio Parente comenta o desempenho administrativo de Virgílio Távora: “Távora plantou em seu primeiro momento (1963-1966), quando trouxe a energia de Paulo Afonso, as bases desse processo que culminará numa industrialização mais intensa. No seu retorno ao governo (1979-1982) toma um conjunto de iniciativas que consolidaria o processo de industrialização”.

O PLAMEG 2 - que teve como principal elaborador o economista Luiz de Gonzaga Fonseca Mota, futuro governador do Estado - consolidou a infraestrutura de transporte, habitação e comunicação. E promoveu a instalação do Distrito Industrial em Maracanaú, transferindo-se a maioria das indústrias das avenidas Luciano Carneiro e Francisco Sá para aquele distrito de Maranguape, hoje município. Enquanto isso, empenhava-se pessoalmente, usando de seu prestígio político, para a aprovação de projetos privados da Sudene, no sentido de viabilizar o projeto desenvolvimentista do Ceará.

Em 5 de maio de 1953, Virgílio Távora casou-se com Luíza Moraes Correia Távora, com quem teve Carlos Virgílio e Tereza Maria.

A esposa Luíza foi o grande sustentáculo emocional de Vírgílio. O casal era um exemplo de paixão, idealismo e admiração recíproca.

Vejamos esta amorosa declaração de Virgílio sobre sua mulher:

“Luíza foi a melhor coisa de minha vida. Conheci-a ainda muito criança após a morte de seu pai, o doutor Luís Moraes Correia, em 1934. Passados 15 anos de distanciamento, o destino me fez encontrá-la de novo, já moça, quando de minha volta ao Ceará em 1948. Em meio de tanta gente desconhecida em Fortaleza, as conversas com Luíza eram como um refúgio para mim, então capitão e depois major do Exército.

Linda, arredia, com aquela visão crítica que os órfãos prematuros possuem acerca das coisas e das pessoas, persuadi-la ao casamento levou quatro anos.”

Casamento pomposo, realizado no Rio de Janeiro, com a presença de ministros, embaixadores, deputados e muitos figurões da República.

E a vida de Virgílio mudou: “O casamento com Luíza constituiu-se um marco importantíssimo para mim. Antes, morava em “repúblicas”, das quais a mais referenciada foi a da Urca, onde tinha como companheiros jovens que depois viriam a ocupar importantes posições no país. Agora, com Luíza, tudo ganhou equilíbrio e maior distinção social. Ela, mulher muito expansiva, espirituosa, com hábitos morigerados e de sólida formação cristã, imediatamente conquistou a confiança e o afeto das senhoras de meus colegas da Câmara dos Deputados. O apartamento 301 no nº 166 da Av. Princesa Isabel, em Copacabana, tornou-se um centro social e político da bancada do Ceará e da UDN nacional.”

Companheira de todas as etapas da vida de Virgílio Távora, das apoteoses retumbantes às horas amargas das decepções, Luíza se fez mulher sublime e altaneira.

Entregava-se à assistência social com devotamento e sem reservas. Parecia gostar muito dessa tarefa esplêndida de levar o apoio, a esperança, o carinho, a luz e o pão aos deserdados da sorte, circulando entre eles, afável e bonachona, nas periferias miseráveis e nas favelas.

E quando criticavam esse assistencialismo sob o argumento de que ele não promove o ser humano, ela respondia com mais trabalho e mais dedicação social.

A história de amor de Luíza e Virgílio durou trinta e cinco anos.

O câncer de próstata levaria o Senador em 3 de junho de 1988. A esposa, com falência renal, morreria quatro anos depois, em 13 de fevereiro de 1992.

Concluindo, poderíamos dizer que Virgílio Távora é um dos mais importantes e produtivos personagem da história contemporânea do Ceará.

Humanista cartesiano, sabia como ninguém pôr um pé no batente da realidade e o outro no umbral metafísico. Conhecia a virtude do silêncio e o momento vital da palavra. Intervinha como um cirurgião no ponto nervoso das crises e delas retirava o entrave, o corpo estranho, o mondrongo desagregador.

Não perseguia o aplauso fácil e desconfiava das unanimidades. Entendia as filigranas da natureza humana e respeitava os nobres sentimentos.

Sabia distinguir as razões substantivas dos fatos e a sinuosidade das circunstâncias.

Político de verdadeira vocação, entregava-se ao seu ofício como um trabalhador braçal. Trabalhava arduamente pela coisa pública. Até a morte, como aconteceu na Constituinte, onde foi nome de proa. Doente, tomado pelo câncer, extenuava-se noite adentro em reuniões e ainda levava para casa documentos e sugestões para estudar. Trabalhou até consumir as últimas energias.

Seu amor pelo Ceará e pelo destino do país pode ser comprovado em toda a sua trajetória política. Nas lutas que empreendeu justificou seu compromisso com o desenvolvimento de nossa terra e o engrandecimento nacional.

Classificado ideologicamente como um conservador, era, com certeza, um político dinâmico. E para responder por esta afirmação só é preciso ver a história do Estado, dividida entre Ceará Antigo e Ceará Moderno. E a referência de transição, o marco fronteiriço, é o desempenho gestor de Virgílio Távora, com a energia de Paulo Afonso e a instalação das indústrias.

Deputado Federal, Ministro, Governador duas vezes e Senador da República, Virgílio Távora cumpriu seu rumo filosófico: foi um apaixonado em tudo o que produziu e sonhou. Seu amor pelo Ceará virou sua razão política, seu mandamento cívico, seu destino de vida.

Navegou nas águas da certeza porque, de fato, os interesses são apetites individuais sem dimensão eterna; mas as paixões, só as grandes paixões, geram as grandezas perenes e ajudam a construir o mundo.

Conferência proferida no Instituto do Ceará em 20 de junho de 2013.

JUAREZ LEITÃO
Poeta, Historiador, Membro efetivo da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará, professor de História do Brasil e ex-vereador de Fortaleza.

O AGENTE DA MODERNIDADE

O jornalista Jorge Henrique Cartaxo não exagera quando chama Virgílio Távora de "a maior expressão política do Ceará deste século". Ou de "o homem público mais completo que o Ceará produziu neste século". Não só por ter sido duas vezes governador do Ceará, duas vezes senador, deputado federal e ministro de Estado, mas, entre outras coisas, por ter sido o grande articulador da política cearense durante cerca de 40 anos. Vindo de uma família marcada pela liderança política, Virgílio presenciou ativamente as grandes transformações da política cearense e brasileira durante toda a sua carreira. Das articulações que derrubam o presidente Getúlio Vargas à Constituinte de 1988. Do golpe militar de 1964 ao início do processo de industrialização pelo qual o Ceará atravessou durante o seu Governo. Pois foi este personagem a quem O POVO dedicou páginas de jornal. Sem querer, O POVO guardou para si o mérito de realizar a última grande entrevista do então senador da República. Na reedição de hoje, as oito páginas de entrevista tiveram de ser reduzidas a estas duas. Mas já é uma boa medida para um passeio pela memória do histórico Virgílio.

Na tarde de 19 de junho de 1924, na ala direita do segundo andar do majestoso casarão da rua Visconde de Sabóia, esquina com a rua São Paulo, o médico e diretor do jornal "A Tribuna" - um diário que combatia o Governo de Artur Bernardes e pregava

a revolução que viria acontecer em 1930 – se dedicava aos seus estudos diários em sua escrivaninha, enquanto o seu filho mais tagarela, então uma criança de cinco anos, dava voltas em sua cadeira tentando disputar com o pai, usando suas mãos ágeis e alegres, espaços e objetos que estavam sobre a mesa. O homem de 47 anos, com os cabelos prematuramente embranquecidos, era o dr. Manuel Fernandes do Nascimento Távora, cuja presença e o porte elegante marcariam a vida política do Ceará durante os 96 anos em que viveu. A criança tagarela daquela tarde bucólica em Fortaleza é hoje o senador Virgílio Fernandes Távora, que traz na memória a cena daquele dia da década de vinte como a lembrança do seu primeiro contato com o mundo e a realidade.

– Filhinho, o Quizinho morreu.

A notícia trazida por dona Ana Cândida, sogra do dr. Távora, rompeu a calma familiar do casarão da Visconde de Sabóia. "Quizinho" era a forma carinhosa como a família se referia ao jovem Joaquim Távora, que falecera naquele dia, no hospital da Força Pública de São Paulo, ao ser ferido comandando a Revolta de 1924. Depois de contemplar a expressão de angústia e tristeza estampada no rosto de seu pai, o menino Virgílio olhou para o retrato que adornava a parede em frente à escrivaninha do dr. Távora. Ali, numa ampla fotografia, estava a feição grave do tio Joaquim que jamais viria a conhecer. A cena de dor que marcara para sempre a memória da criança tagarela do solar dos Távoras era também uma cena política. Era um dos riscos da opção que o seu pai e tios haviam feito: a luta apelo poder, pela imposição das ideias através da generosa arte da política. Curiosamente, a mesma arte a que o homem Virgílio Távora viria a se dedicar e que o transformaria na maior expressão política do Ceará deste século.

Hoje, com 69 anos, depois de ter sido deputado federal, senador por duas vezes, governador também por duas vezes e Ministro de Estado, Virgílio Távora, nessa entrevista, faz uma

viagem na memória e fala de toda a sua vida política, vida que o consagrou como o homem público mais completo que o Ceará produziu neste século.

CARTAXO – Senador, o senhor teve uma formação basicamente militar, passou parte da sua juventude e início da maturidade no Rio de Janeiro como estudante no Colégio Militar, na Escola de Cadete e depois como oficial do Exército. Como o sr. iniciou a sua vida político-partidária?

VT – Após terminar o Curso da Escola Militar de Realengo, em 1938, meus contatos com Fortaleza, que já eram raros, praticamente se interromperam. Naquela época, envolvido que estava com a minha carreira militar, eu não tinha como objetivo retornar ao Ceará. Entretanto, um problema familiar me fez ir a Fortaleza, para uma temporada mais longa. No início de 1947, minha avó materna, Ana Cândida, que, com tia Alice, havia sido a presença constante em minha infância, diante dos exílios de meu pai, adoeceu gravemente. Na ocasião, cursava o último ano de Escola de Estado Maior e me foi concedida uma licença de 30 dias pelo comandante da Escola, General Tristão de Alencar Araripe, também um cearense, para que eu pudesse acompanhar a luta de minha avó, então aos 84 anos, contra a morte. O País vivia a época da redemocratização com a queda de interventores, enquanto as eleições estaduais eram preparadas, nomeados pelo presidente recém-eleito, General Gaspar Dutra. No Ceará, os interesses inconciliáveis entre o PSD de Menezes Pimentel e o PR dos irmãos Moreira da Rocha (Acrísio, Crisanto e Péricles) levaram ao Palácio da Luz o coronel de Engenharia José Machado Lopes que depois viria a ter papel destacado, já como general de Exército, na chamada Companhia da Legalidade em 1961, visando à posse de João Goulart na presidência da República face à renúncia de Jânio Quadros. Machado Lopes e eu éramos amigos. Pertencíamos à mesma Arma, Engenharia, e dentro do Exército defendíamos uma revisão na Doutrina de Guerra então vigente na época. A nossa luta havia sido inglória, no primeiro

Estado Maior vimos os nossos ideais triunfarem. Quando soube da minha presença em Fortaleza, Machado Lopes me convidou para um uísque-amigo em Palácio. Não me foi possível negar os laços de amizade que me prendiam ao Interventor, para o desespero e decepção do PSD e do PR, aos quais dava ele pouca atenção. Assim, involuntariamente, me transformei no condutor de todas as reclamações da UDN junto ao Palácio da Luz, quanto às arbitrariedades e abusos de autoridade praticados no Interior do Estado. A bem da verdade, é preciso que se diga que Machado Lopes nunca compactuou com qualquer espécie de violência. Desempenhando essa função, passei a ter um contato frequente com os líderes Tavoristas e Saboystas – as duas correntes em que se dividia a UDN no Ceará. Na corrente ligada ao meu pai, verificava-se o surgimento de uma nova geração política que, inevitavelmente, viria substituir a anterior formada por José de Borba, Miguel Gurgel, Torres de Melo, João Bezerra, Alfredo Barreira, dentre outros. Na nova geração, basicamente agrupada em torno do Movimento Estudantil Eduardo Gomes, pontificavam Aquiles Peres Mota, Alberto Nunes Leal, Luciano Magalhães e tantos outros. Destacavam-se também no movimento de renovação dentro da UDN as lideranças de Manoel de Castro, José Napoleão de Araújo, Edval Távora e Moacir de Aguiar. Fiz uma grande amizade que varou os anos com esses líderes.

CARTAXO – Como foi o seu ingresso nas atividades políticas no plano nacional?

VT – Se a política estadual estava conturbada, não menos se apresentava a nacional. Devastada na eleição presidencial de 1950, havendo perdido paralelamente governos dos Estados cuja chefia detinha – Minas Gerais, Bahia, Ceará, Paraíba e Piauí, a UDN se lançou numa oposição sem tréguas a Vargas, apesar de ter no Ministério da Agricultura um dos seus chefes mais destacados, João Cleofas de Oliveira. Foi a época áurea da chamada "Banda de Música da UDN", chefiada por Carlos Lacerda e integrada, entre outros, por Adauto Lúcio Cardoso, Aliomar Baleiro, Bilac

Pinto, Mário Martins, todos grandes tribunos mas com pouca ou quase nenhuma responsabilidade eleitoral. Uma parte do partido reagiu a este estilo criando o chamado bloco "Realista" no qual me integrei, que via como alvo básico não Getúlio Vargas, que em breve passaria, mas o PSD que, com Agamenon Magalhães, Nereu Ramos, Juscelino Kubstischek, Antônio Balbino, Pedro Ludovico e Vitorino Freire, caminhava celeremente para o domínio absoluto do País, só tendo como obstáculo temporário o PTB. Os trabalhistas estavam, entretanto, ligados ao destino de Vargas e Jango. Integravam o bloco realista Gabriel Passos e Magalhães Pinto, de Minas Gerais; Juracy Magalhães, da Bahia; Ruy Palmeira, de Alagoas; Leandro Maciel, de Sergipe; Dinarte Mariz, do Rio Grande do Norte; Dulcídio Monteiro, do Espírito Santo; Ireneu Bornhausen, de Santa Catarina; Vilas Boas, de Mato Grosso; João Cleofas, de Pernambuco; José Cândido Ferraz, do Piauí; Artur Santos, do Paraná; e eu, do Ceará. Este grupo representava 80% do eleitorado da UDN. Foi uma convivência difícil com a "Banda de Música", mas nas horas de votação o partido se pronunciava unido, dando uma prova de que acima dos interesses regionais estavam os do Brasil e os da UDN. Sem exagero, pode-se afirmar que o "Bloco Realista" permitiu a sobrevivência do partido e abriu caminho para a deposição de Vargas em 1954.

CARTAXO – Naquele momento o senhor participou também da criação da Petrobrás e, se não me engano, iniciou a sua luta pela eletrificação do Ceará.

VT – Foram duas atividades que muito me gratificaram. Em relação à criação da Petrobrás, tive que assumir uma posição muito difícil. Juarez Távora, meu tio e amigo, que fora alvo de uma campanha injusta e ensandecida, fruto do sectarismo ideológico que empolgara o País, defendia o monopólio da comercialização para a iniciativa privada. A minha posição era diferente. Estava a favor do monopólio estatal do petróleo em todos os setores, com exceção da distribuição. Para tornar mais complexa a situação, o

projeto de lei 1.516/52, originário da Presidência da República, que propunha a criação da Petrobrás, não atribuía caráter monopolista e na formação de seu capital era intolerância, o falecido deputado Amando Fontes e eu, apresentamos a emenda 63, que rejeitado em várias Comissões na Câmara veio depois a ser aprovado graças à visão do deputado Antônio Balbino, último relator da matéria naquela Casa e o articulador de um acordo geral para a aprovação do Projeto, que viria constituir-se no art. 1º da Lei 2.004, criadora da Petrobrás. Após tantas idas e vindas do Poder Executivo, a sanção do Projeto do Legislativo foi uma festa nacional e motivo de grande satisfação para mim, que vi bem-sucedida minha primeira ação parlamentar de vulto. Foi também nesse momento que iniciei a campanha pela eletrificação do Ceará, que o destino me levaria a concretizar, já como Governador do Ceará, em 1965. Em 3 de outubro de 1945, dia comemorativo do décimo quinto aniversário da Revolução de 1930, o presidente Getúlio Vargas assinou dois atos que significaram a constituição da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), com a metade do capital, 400 milhões de cruzeiros, subscrita pelo Governo Federal. Simultaneamente foi expedido o Decreto 19.706, de outorga da concessão, pelo prazo de 50 anos, do aproveitamento progressivo da força hidráulica do Rio São Francisco, no trecho entre Juazeiro e Piranhas, com a finalidade de fornecer energia em alta-tensão aos concessionários do serviço público na área compreendida por uma circunferência de 450 quilômetros de raio, centralizada na cachoeira de Paulo Afonso. Assim, estavam compreendidas na área de concessão da CHESF cerca de 34 municípios cearenses, do Sul do Estado.

CARTAXO – Senador, data também desta época o seu casamento com dona Luíza…

VT – Esta foi a melhor coisa da minha vida. Conheci Luíza ainda muito criança, após a morte de seu pai, dr. Luiz Moraes Correia, em 1934. Passados 15 anos de distanciamento, o destino me fez encontrá-la de novo, já moça, quando de minha volta

ao Ceará em 1948. Em meio a tanta gente desconhecida em Fortaleza, as conversas com Luíza eram como um refúgio para mim, então capitão e depois major do Exército. Linda, arredia, com a visão crítica que as órfãs prematuras possuem acerca das coisas e das pessoas, persuadi-la a casamento levou quatro anos. O casamento civil foi no apartamento do deputado Edilberto de Castro, à avenida Atlântica, acompanhado no dia seguinte, 5 de maio, do religioso. Chovia a cântaros. A solenidade se deu no majestoso Palácio São Joaquim, no Rio. O oficiante foi dom José Távora, bispo auxiliar do Cardeal do Rio e meu primo. Os padrinhos: José Magalhães Pinto, presidente do Banco Nacional depois Governador de Minas Gerais; o Ministro da Agricultura, João Cleofas de Oliveira; o Ministro da Fazenda, Oswaldo Aranha; o senador Olavo Oliveira, chefe do PSP do Ceará, meu adversário, porém amigo; o general Juarez Távora, que conduziu a noiva ao altar, entre outros. Representou o Presidente da República, Getúlio Vargas, seu chefe da Casa Civil, Lourival Fontes. Estavam presentes também o governador Raul Barbosa, toda a bancada federal do Ceará, o brigadeiro Eduardo Gomes, a Executiva da UDN, a maioria dos seus representantes na Câmara e no Senado e toda a Escola Superior de Guerra. Compreenda-se esse comparecimento em massa. Em disputa acesa entre a "Banda de Música" e "Realista da UDN", eu havia sido eleito, no mês anterior, Secretário-Geral da Executiva Nacional do meu partido e por outro lado cursava, junto com Ranieri Mazzili, Fernando Melo Viana e outros políticos que a memória não me socorre, a ESG. Tendo ainda como companheiros ilustres o general Henrique Teixeira Lott, futuro Ministro da Guerra de Juscelino; os almirantes Penaboto e Ernesto Araújo, que tanto marcaram a História do Brasil nos idos de 1955; os coronéis Ernesto Geisel e Golbery do Couto e Silva; o capitão-de-mar-e-guerra Basílio, futuro Ministro da Marinha; o brigadeiro Márcio, futuro Ministro da Aeronaútica, só para citar alguns dos muitos da elite das Forças Armadas que Getúlio, com engenhosidade "congelava"

no que chamava zombeteiramente de "Sorbonne". O casamento constituiu-se num marco importantíssimo para mim. Até então, com a vida de solteiro, sem maiores preocupações que não os da política, morava em "Repúblicas" das quais a mais recente e de maior duração foi a da Urca, que dividia com Mauro Moreira, futuro diretor da Eletrobrás; Euclides Triches, futuro deputado e posteriormente governador do Rio Grande do Sul; Adavio Sabino, já falecido, e Franklin Nestor Lima Serrano, herói da FEB. No andar térreo da nossa "República" morava o Grande Otelo. Luíza, mulher muito expansiva, espirituosa, com hábitos morigerados e de sólida formação cristã, imediatamente conquistou a confiança e o afeto das senhoras dos meus colegas de Câmara dos Deputados. O apartamento 301 do nº 166 da Av. Princesa Isabel, em Copacabana – Leme, tornou-se um centro social e político, seja para a bancada do Ceará, seja para a da UDN Nacional.

CARTAXO – A morte de Getúlio gerou um quadro muito confuso na política nacional. O senhor naquele momento tentou reeditar no plano nacional o mesmo acordo que teve sucesso no Ceará, com a UDN e o PTB...

VT – O presidente Café Filho assumiu o Governo em 1954, apoiado apenas por parte do seu partido, o PSP, além do suporte militar da marinha, Aeronáutica e parte do Exército. Café Filho, por indicação de Juarez Távora, havia nomeado o general Henrique Teixeira Lott como Ministro da Guerra. Lott representava exatamente todas as ideias, DENTRO DO Exército, daqueles que não haviam encampado a queda de Vargas. O Palácio do Catete era uma Babel. As únicas salas de trabalho ordeiro eram justamente do general Juarez Távora, chefe do Gabinete Militar. Afilhado de Oswaldo Aranha, amigo pessoal de João Goulart e Secretário-Geral da UDN, fiz o humanamente possível para reeditar, na esfera federal, a aliança UDN-PTB cearense. Realizei várias reuniões no apartamento do deputado Edilberto Ribeiro Castro com Artur Santos, presidente nacional da UDN, e João Goulart. Com grande raiva da "Banda de Música" da UDN e sob

as mais severas críticas de Carlos Lacerda, através da "Tribuna da Imprensa", desloquei-me duas vezes ao Rio Grande do Sul, a fim de ajustar os entendimentos e, ao mesmo tempo, como amigo, retirar Goulart de um isolamento odioso em que se encontrava. O plano, que para felicidade de Juscelino falhou, consistia em um pequeno partido lançar para presidente o nome de Oswaldo Aranha ou Juracy Magalhães. O PTB e a UDN, separadamente, o apoiariam, cada qual com seu candidato a vice próprio. Tive uma grande desilusão. Com receio da imprensa e da "Banda de Música", o comando da UDN, a começar por seu presidente, se negou ao acordo. Somava-se a isso a ideia, de parte da UDN, de lançar a quimérica candidatura de Etelvino Lins, que não tinha nenhuma receptividade na opinião pública e cujo esvaziamento era evidente. Falhos os entendimentos, Jango se sente desobrigado de se atrelar à candidatura de Juscelino. Etelvino renuncia, e Juarez torna-se o candidato pela UDN-PDC. Tem início a campanha presidencial e o predomínio de movimentos militares de não conformidade com uma possível vitória de Juscelino e do Varguismo. Em várias oportunidades alertei Eduardo Gomes e Juarez que, se a aritmética vigorasse, a eleição presidencial estava perdida e de duas uma: ou concordavam em entregar o Poder ou preparassem seriamente um movimento armado. O que não se podia, principalmente o Brigadeiro Eduardo Gomes, era jogar toda uma juventude idealista em um princípio tipo 1935 às avessas. Juscelino, como esperávamos, ganhou o clímax. Chamado a me pronunciar pelos colegas de farda, solicitei aos responsáveis pela reação militar uma definição: reconhece-se a vitória que era o mais certo e justo, ou então se entrava com uma ação aérea fulminante, com base no aeroporto de Vitória, Espirito Santo, "fechando tempo". Diz-me a consciência que sempre me filiei pela primeira alternativa: "ganhou, levou".

CARTAXO – Depois da campanha pela eletrificação o senhor enfrentou uma outra, esta bem mais dura, que foi a sua primeira disputa pelo Governo do Ceará.

VT – Sem dúvida bem mais difícil. Em 1958, bem no início do ano, o coronel Chico Monte nos procurou para discutir a sucessão de Sarasate, e foi feito um acordo em que eu seria o candidato ao Governo, representando a UDN, Olavo Oliveira, do PSP, seria senador e o PTB indicaria o vice, que nós acreditávamos seria Marcelo Sanford. Estávamos tentando reproduzir o mesmo acordo feito para a eleição de Paulo Sarasate. Carlos Jereissati, quando soube do entendimento, ficou uma fera. Ele achava que o acordo não daria certo. Dona Olga Barroso, esposa de Parsifal, então Ministro do Trabalho e genro do coronel Chico Monte, sempre me dizia: "Virgílio, o meu pai fez esse acordo com você, mas lembre-se que há muita pressão dentro do PTB para que o Parsifal saia candidato". Advertência à parte, aquela era a saída que tínhamos. Tudo corria bem, até que veio a seca. Uma das maiores da nossa história e onde maior foi a corrupção. Muito diferente dos tempos de atendimento no meu primeiro Governo. No meu tempo, pode ter havido reclamações esporádicas de um ou outro, mas naquela época não: havia não só discriminação, mas sim perseguição. Isto é, o cidadão não rezava na cartilha do chefe político local do DNOCS, estava nas mãos do PSD em torno da candidatura de Parsifal. Do PTB, apenas o dr. Flávio Marcílio, então vice-governador, honrou o compromisso. Foi uma campanha tremenda. Orgia de recursos e uma terrível pressão do Governo federal, então nas mãos do PSD e do PTB. Por outro lado, Sarasate, já com a saúde precária, não tinha muita disposição para responder na mesma moeda. O vice da minha chapa era o então Prefeito de Fortaleza, Acrísio Moreira da Rocha, e o vice-Governador que assumiria com a desincompatibilização do Sarasate, Flávio Marcílio, se candidatou a Prefeito de Fortaleza. De um lado, um mundo de recursos e de dinheiro, vindo das mais diferentes fontes. O prestígio do ex- Ministro do Trabalho, a quem os empresários eram devedores de favores e atenção. A repercussão, ainda negativa, da campanha pela eletrificação que havia causado um efeito devastador no Cariri e que em Fortaleza

em nada ajudava. O trabalhismo em ascensão e com grande aceitação nas camadas mais pobres da capital. Tudo isso tornava muito difícil a situação da minha candidatura. Entretanto, em junho de 1958, numa festa social nos jardins da Universidade Federal, antiga residência de José Gentil, foi tentado um acordo, talvez o embrião da "União pelo Ceará", que aconteceria em 1962. Diante da situação calamitosa em que se encontrava o Estado, o candidato ao Governo seria o dr. Waldemar de Alcântara, a UDN ficaria com o vice e a senatoria do dr. Olavo Oliveira seria respeitada. Mas os entendimentos não frutificaram porque o PSD não abria mão da sua senatoria. Acordo entre cavalheiros, poucas pessoas disso souberam. Colocado o dilema de prosseguir a minha campanha, apelei para um empréstimo no Banco União. Mesmo assim, o dr. Parsifal foi o vitorioso.

CARTAXO – E a sua passagem pelo ministério…

VT – Foi rápida. O gabinete não durou muito. Mas pude fazer algumas coisas. As ideias iniciais para a autorização do DNOCS, da criação da Petrobrás, o Programa Nacional de Transportes...Para o Ceará foi uma época muito boa. As grandes verbas que possibilitaram, no ano de 1963, a construção da linha de Paulo Afonso para Fortaleza e a extensão da Rio-Bahia até Fortaleza foram colocadas por mim no orçamento do Ministério. Da mesma forma, as necessárias para a construção do Porto de Fortaleza. Quando dr. Tancredo resolveu renunciar para se candidatar a deputado federal por Minas, eu disse a ele que, com aquele gesto, o parlamentarismo estaria acabado. Mas, mesmo assim, ele o fez. E deu no que deu.

CARTAXO – Após a campanha de Jânio e o seu período com o Ministro de Viação e Obras Públicas, do gabinete parlamentar, veio a sua vitoriosa campanha de 1962...Como o senhor encontrou o Ceará quando assumiu o Governo em 1962?

VT – O Ceará era muito pobre. Vivíamos de uma agricultura primitiva, sujeita a secas. Quando foi criada a Sudene, em 1959,

havia projetos industriais para todo o Nordeste, menos para o Ceará. Ninguém queria aplicar o seu 34/18 – o desconto no imposto de renda – numa cidade em que a indústria, além do custo das instalações produtivas, tinha que arcar com as despesas para a construção de uma casa de força para gerar energia. E mais: nós não tínhamos um banco estadual, não tínhamos um distrito industrial. Não tínhamos um posto digno deste nome. Em síntese: governar o Ceará se resumia a demitir, nomear e transferir o funcionalismo. E não estou falando mal dos meus antecessores, estou apenas descrevendo a realidade de então. O próprio Raul Barbosa, que fez um grande governo, lutou desesperadamente para romper esse cerco, mas carecia de instrumentos políticos para tal...A nossa riqueza era basicamente o algodão, que podia faltar a qualquer momento, face a uma seca, e uma incipiente indústria em Fortaleza, como a fábrica do Thomaz Pompeu, a do Audísio Pinheiro, e o Filomeno Gomes, têxteis. Mas eram empresas que sobreviviam quase que às custas da complacência do Governo. Simplesmente porque a cidade não tinha uma estrutura. O nosso porto tinha apenas 130 metros com 3 de calado. O navio ficava próximo da bacia de evolução. Havia então o transbordo, através de guindaste a lenha, do cais para a Alvarenga, uma grande barcaça que levava as mercadorias para o navio. Assim, o tempo e o custo da Alvarengagem quase que inviabilizavam qualquer exportação. Água, praticamente, só existia no Centro da cidade. Então, pouco tempo antes da eleição, praticamente assegurada a nossa vitória, fui ao Rio procurar o Hélio Beltrão e o Aldo Olvero, este subsecretário de Planejamento do Lacerda, e pedi a eles um plano de Governo. Eu queria levantar o meu Estado e não apenas melhorar a minha biografia. Surgiu daí o Plameg I. Hélio e Aldo estiveram várias vezes em Fortaleza. O plano, já pronto, indicava uma série de medidas jurídicas preparatórias para a sua aplicação. Nesse momento tenho que fazer justiça ao dr. Parsifal Barroso. Foi extremamente correto e atendeu a todos os nossos pedidos.

CARTAXO – E os empresários, senador?

VT – Era uma dificuldade. Falar em planejamento, em governo planificado equivalia a fazer catequese. Fui à Associação Comercial, à Federação das Indústrias, à Facic para poder despertar esta nova mentalidade junto aos empresários.

CARTAXO – Senador, no meio de tudo isso o senhor viveu o golpe de 1964. Como foi a sua participação em tudo isso?

VT – Havia um clima muito difícil no Nordeste. As reuniões da Sudene eram muito tensas. O próprio Celso Furtado, nós sentíamos, estava sendo ultrapassado pelas esquerdas, cujo representante maior na Sudene era o Juarez Andrade, que tomava conta do Departamento de Agricultura. Era uma cabeça, mas esquerda. Houve o levante dos sargentos em 1963. Amigo de João Goulart, na primeira vez que o encontrei falei sobre o assunto: "Presidente, isso é um péssimo exemplo. Algo está lhe fugindo das mãos". Com o jeito que ele tinha, responde: "Isso não foi nada, Virgílio. Apenas uma quartelada. O Assis Brasil tem o dispositivo militar na mão". Em outras oportunidades fui ao Laranjeiras. Voltei a dizer ao presidente que não via as coisas caminharem bem. Até que um dia sou abordado pelo Magalhães Pinto, Governador de Minas, que me esclareceu que nós caminhávamos para um confronto militar. Eu lhe disse que estava vendo tudo isso, mas que achava um quadro extremamente penoso. Afinal eu havia sido Ministro de Jango e ele estava sendo muito importante para a sobrevivência do Ceará como unidade. Logo depois desse meu encontro com o Magalhães, houve a revolta dos marinheiros e o famoso jantar do Automóvel Clube. Depois desses acontecimentos, no meu primeiro encontro com o Presidente, voltei a colocar o problema. Disse a ele que a situação era insustentável e que nós tínhamos que nos separar. Íamos para o confronto. Recordo-me que enquanto eu fazia as minhas ponderações, ele me interrompeu e disse: "Olha, Assis, o que é que o teu colega Virgílio está dizendo". No dia 25 de março, no

dia do primeiro aniversário do meu Governo e da implantação do primeiro poste da linha Fortaleza-Milagre que iria levar a energia elétrica para a Capital, fiz uma carta ao Presidente, onde agradecia o seu apoio ao meu Governo, mas voltei a destacar, mais uma vez, os problemas políticos que nos separavam. É bem verdade que, dias antes do carnaval, o Castelo Branco passou por Fortaleza e com ele tive uma longa conversa. Eu já sabia que o movimento estava marcado para o dia 1º de junho. Eu estava em casa quando recebi um telefonema dele. O Castelo tinha ido a uma conferência muito difícil com o general Almério de Castro Neves, então Comandante da 10º Região Militar, que era legalista e foi fiel ao dr. Goulart. Um grande soldado! Castelo me chamou para uma conversa. Ele estava hospedado na casa do dr. Otávio Ponte, e, para lá me dirigi de táxi. Expliquei claramente ao Castelo o que estava acontecendo, ao general, que a situação militar em Fortaleza poderia ficar delicada. O Comandante da Região era um legalista, o GO estava sem comando, portanto, o oficial que deveria assumir o comando das forças decisórias seria o major Egmont Bastos Gonçalves, com quem eu não tinha nenhuma relação pessoal ou qualquer condição de diálogo. Havia uma autonomia grande com colegas e todos eles sabiam que eu tinha sido ministro do Gabinete parlamentarista. Castelo me tranquilizou: "Não tem problema, eu quero saber se você fica conosco".

CARTAXO – E o famoso "comando civil revolucionário" do Ceará...

VT – Eu sabia que as elites estavam se reunindo. Mas eu nunca tive nenhum contato com elas para isso. Primeiro, porque eu parto do princípio de que revolução se faz com a força, naturalmente precedida de uma preparação psicológica e de direcionamento da opinião pública. Eles que cuidassem disso. O meu papel era garantir a ordem e dar força para apoiar o movimento. Em suma, desempenhar a função que havia acertado com Castelo.

CARTAXO – Como o senhor soube do movimento no dia 31 de março?

VT – No dia 31 estava havendo um jantar no Palácio. Toda a Assembleia e todo o secretariado estavam reunidos na residência oficial para uma comemoração do primeiro aniversário do Governo. Quando recebo um telefonema do dr. Magalhães. As ligações eram muito ruins e não consegui falar com ele naquele primeiro momento. Logo percebi que alguma coisa havia acontecido no sul do país. Algum tempo depois recebo, via rádio, confirmação da revolução. Não foram fáceis os primeiros dias. Eles queriam que eu lançasse uma proclamação atacando rudemente o dr. Goulart. Neguei-me absolutamente, eu não faria uma coisa daquelas. Passei um telegrama ao general Castelo Branco, dizendo-lhe que havia cumprido o compromisso.

CARTAXO – E depois do seu Governo?

VT – Embora não tenha tido participação decisiva na minha sucessão, saí altamente recompensado do esforço feito em prol da nossa terra. Inútil também enfatizar, de todos conhecida que é, a imensa obra social desenvolvida por Luíza. Por 15 dias ininterruptos despedimo-nos (ela e eu) do Governo inaugurando obras em todos os quadrantes do Estado. Candidatei-me, forçado, a deputado federal já que não me fora posto à disposição lugar para disputar uma Senatoria. De longe, o mais votado, eleito apenas só com votos da Capital. Amigo de José Bonifácio (Presidente da Câmara) e Gilberto Marinho (Presidente do Senado), ex-chefe do Cel. Manso Neto, Chefe de Gabinete do General Garrastazu Médici (Ministro-Chefe do SNI), dediquei toda minha atividade em clarear as nuvens que se erguiam entre Congresso e Planalto e que deram origem à edição do AI-5. Baixado este, diz-me a consciência que minhas relações com Rondon Pacheco e Gen. Jaime Portela foram valiosas, no sentido de evitar algumas cassações injustas.

CARTAXO – Como continuou, após 16 anos, a obra do seu primeiro Governo?

VT – No primeiro Governo, como disse, lancei a base para o desenvolvimento do Estado. No segundo, lutei indormidamente para tornar realidade tal objetivo, tendo como metas: mudança do perfil da economia cearense; promoção social das comunidades, grupos e pessoas carentes; reestruturação administrativa. Constitui-se o Ceará no grande polo têxtil de todo Nordeste e um dos maiores do Brasil; entrou nossa terra no grupo dos estados siderúrgicos com a instalação de aços planos, quintuplicando-se o abastecimento de água da Capital; deu-se vida ao Distrito Industrial (hoje Maracanaú). O Ceará chegou a ter a segunda rede rodoviária asfaltada do País; todos municípios foram ligados a Fortaleza por telefonia e servidos de sinal de televisão. O Centro Administrativo foi implantado. Os programas sociais, a cargo de Dona Luíza – cargo de abnegação sem par, serviram de exemplo a outros Estados. Longa seria a enumeração.

JORGE HENRIQUE CARTAXO
Jornalista.

O EXECUTIVO E O POLÍTICO

Entrevista com o Senador Virgílio Távora, dia 14 de julho de 1976 para o programa de História Oral, produto do convênio da Universidade Federal do Ceará com o Arquivo Nacional no Rio de Janeiro

Luciara Frota – O senhor poderia fazer um breve resumo de sua vida pessoal filiação, nome completo, data de nascimento, enfim, dados que servissem à construção de uma biografia sua no futuro?

Virgílio Távora – Nasci a 29 de setembro de 1919, Fortaleza. Pais cearenses ele médico e político desde muitos anos. Primeiros passos escolares, curso primário, em um estabelecimento célebre aqui em Fortaleza, Nossa Senhora das Vitórias da professora Corina, uma das instituições da terra. Colégio Militar basilou a caminhada pelo curso secundário. Último ano, mercê das atividades do genitor, cursei-o no Rio de Janeiro. Escola Militar, 1936 a 1938; especialidade militar, engenharia. Cursos, pondo em modéstia à parte com primeiro lugar. A carreira militar tivemos ocasião de prestar aperfeiçoamento de nossas atividades em 1945 a 1947 na Escola de Estado-Maior, do qual somos também laureados com muitos bens. Em 1953, Escola Superior de Guerra, posteriormente, nesta mesma Escola fizemos curso de atualização e de informações internacionais. A Escola de Estado-Maior, embora já fora do Exército, também em 1967,

submetemos ao curso de atualização. Passamos 14 anos fora do Estado, de 1935 a início de 1949, com pequenas interrupções, talvez dias, que vimos ver parentes, nunca tivemos em mente seguir a carreira política. Falecimento súbito de praticamente toda a família do lado de minha genitora, fez que viesse à terra após tantos anos dar auxílio com forte apoio a meu pai. Aí, 1949, 1º de abril, aliás um dia que dá para recordar, trocamos praticamente a carreira militar pela carreira política. Deputado Federal três vezes; Ministro de Viação a Obras públicas, no 1º Gabinete Parlamentarista; Governador do Estado de 1963 a 1966; responsável pela direção da NOVACAP quando da construção de Brasília de 1959 a 1961. Esta, praticamente, a síntese da vida.

Luciara Frota – O senhor poderia nomear o nome da esposa, dos filhos, o nome dos seus pais, algum detalhe interessante acontecido na sua infância, algum episódio que o senhor gostasse de deixar nomeado?

Virgílio Távora – Meu pai era o mais velho de uma irmandade de 15 membros. Senhora minha mãe, de família reduzida: três apenas. Nome dele: Manoel do Nascimento Fernandes Távora, por coincidência governou também este Estado, foi Deputado Federal e Senador. Senhora mãe: Carlota Augusta de Morais Fernandes Távora, morreu relativamente jovem e o senhor meu pai um centenário, 97 anos. Dois filhos: Tereza Maria e Carlos Virgílio Augusto, este com vinte e aquela com quatorze anos. Que me lembre da infância, nada de especial a infância de menino de cidade pequena como Fortaleza naquele tempo era, cujos lazeres era muito diferentes dos de hoje, as oportunidades da juventude de hoje, é até acassiano afirmar, são outras que não aquelas que usufruímos naquele tempo. Pergunta-me coisas que tenho basilado na vida. Sim, toda pessoa que se dedica à profissão de engenharia, deve ter um ideal como tinha na vida, seria Ministro de Viação e Obras Públicas, ser por esta pessoa ocupado. Realmente, fomos Ministro de Viação e Obras

Públicas numa época muito difícil do país, como primeiro Gabinete Parlamentarista. Em segundo passo, governar seu Estado. Todo homem público tem, pelo menos, o desejo de prestar serviço à sua terra, e realmente nisso fomos felizes e conseguimos fazer. Naquele tempo era muito difícil, difícil mesmo, se falar em organização, em planejamento. A mente humana é muito sujeita a lapsos, quando hoje se fala comumente em projetos, em planos, programações, isso já é corriqueiro, mas quando assumimos o governo deste Estado em 1963, pela primeira vez no Brasil, um responsável pelo destino do Estado, fazia com um plano de governo já debaixo do braço. Vender a ideia de PLAMEG foi algo dificílimo, algo ralativamente quase que superior às forças, era o descrédito, era a aceitação benévola, mas não tendo atrás de si nenhum sintoma de credibilidade, que víamos sempre que nos dirigíamos a todos estes suportes da economia, qual seja as classes produtoras, os intelectuais, vivemos numa verdadeira pregação do que seria o governo planificado; e hoje quando vimos a facilidade com que as ideias do planejamento é aceita em todos os encontros do nosso país e do nosso Estado e até já por prefeituras do interior, felicitamo-nos em ter desbravado esse terreno cá. Fortaleza foi uma cidade órfã, inclusive dos primeiros projetos da Chesf-Paulo Afonso. A dificuldade imensa de se pensar em montar uma indústria na terra resultava de um fato: não tínhamos energia, e essa companhia atrás citada, a Hidrelétrica do São Francisco, não incluía nos seus planos, ou mais precisamente, se opunha que fosse incluído nos seus planos, a extensão dessa energia até Fortaleza. Recordando o passado, achamos até engraçado, proclamar que o Cariri não aceitou absolutamente a nossa ideia da eletrificação total do Estado, mercê de uma campanha que deturpava os fatos e que nos mostrava como usurpadores de uma energia que cuidavam eles, em vindo à capital, lhes escaparia. E Fortaleza, seus habitantes, completamente insensíveis à ideia. O destino nos foi muito piedoso depois de muitos anos de incompreensão. Como

Ministro de Viação, no tempo atrás citado, tivemos a chance de vir inaugurar nesta própria região de tantos agraves havíamos recebido a chegada de energia de Paulo Afonso. Assim como quando governador tivemos por orgulho nosso e para redenção de nossa terra, a felicidade de em convênio como governo Federal, enfrentando a opinião adversa de todos até a capital. Para se ter uma ideia do que foi esta luta, tornou-se conhecida na terra a declaração que era um desafio de um Deputado, hoje já morto, não vamos citar-lhe o nome por isso, respeitando a sua memória, de que no dia que chegasse essa energia a Fortaleza, ele se sentava numa cadeira elétrica e podiam-lhe acionar o botão na Praça do Ferreira, nossa principal praça. Por esta simples afirmação, veja como apaixonada estava a opinião pública de parte do Estado contra aquilo que hoje em dia se mostrou com a redenção desse, do torrão natal. O que seria o Ceará sem energia de Paulo Afonso, se toda a circunvizinhança, se os demais Estados nordestinos tivessem beneficiados por essa grande hidrelétrica, e nós não tivéssemos a menor chance de poder montar aqui uma indústria? A situação nessa terra era de tal maneira grave, porque até as indústrias além de terem que montar a sua casa de força própria, quer dizer, seu motor próprio, à noite ainda vendiam energia para a cidade. Nós vivíamos em meio "blackout", ora uma região, ora outra, ora um bairro, ora outro. Pergunta-me você, fatos da nossa vida – então diríamos também: ter sido um dos construtores de Brasília, também disto muito nos orgulhamos. Uma luta muito grande, com muita incompreensão, mas uma luta absolutamente certa. Pertencíamos aquele tempo à U.D.N., por lei um terço das posições desta campanha urbanizadora da nossa capital federal – sigla NOCAP seria preenchido por elemento de oposição, fomos distinguidos por nosso partido para ocuparmos esse lugar, e tivemos uma longa provação, já que, partido de líderes, antiga agremiação brigadeirista era por algumas das suas figuras mais expressivas, radicalmente contra a construção da nova capital, basta consultar os jornais da época para ver o que dizia Carlos

Lacerda, Odilon Braga, Bilac Pinto, Adauto Lúcio Cardoso, para só citar alguns. O que representou Brasília para o Brasil hoje em desenvolvimento, em interiorização do nosso progresso é decipiendo falar. Outra grande experiência que tivemos da vida e que nos é aqui solicitado dar depoimento.

Luciara Frota – A ideia de Planejamento governamental do senhor surgiu de quem?

Virgílio Távora – Simples: desde cedo na vida militar fui conhecido como planejador, e sendo engenheiro militar a tendência se manifestava de uma maneira inequívoca em desfecho para a vida civil, aqueles mesmos pendores que tinha na vida militar. O Plameg, assim chamado naquele tempo, uma heresia, foi feito por uma equipe da escola de Economia. Esta equipe chefiada por duas grandes expressões nacionais: Hélio Beltrão, que depois foi Ministro do Planejamento de Costa e Silva; Aldo Olivério, que era o Secretário de Planejamento justamente do governador Carlos Lacerda. Agora, tivemos o prazer de ver a contribuição cearense coordenada, óbvio, por homens desse valor citado, ser por eles praticamente toda aceita. Falar hoje que a Escola de Economia, aliás era a Faculdade de Economia, esta contribuição não tem nada demais, mas naquele tempo, os próprios integrantes desse estabelecimento de ensino tomaram um susto quando convidados para, uma vez nós eleitos, participar da confecção deste plano que foi realizado entre a nossa eleição e a nossa assunção de cá.

Luciara Frota – Coronel, e esse planejamento envolveu alguma previsão de surgimento de seca no Ceará, algum planejamento ligado ao combate às secas, porque me parece que o senhor ao receber o governo do professor Parsifal Barroso, este teve durante o seu período esses problemas, e durante o período governamental do senhor, me parece também ter havido ao tempo do superintendente João Gonçalves uma ameaça de seca não é? O que o senhor teria a nos dizer sobre isso?

Virgílio Távora – Todo planejamento cearense e sua economia, se não levar em conta os fenômenos climáticos cíclicos que sobre ele se abate, principalmente a seca, às vezes por ironia do destino temos enchentes, seria falho. Levou em conta justamente sempre com os pés no chão que a responsabilidade maior pela forma de recursos envolvidos caberia ao governo federal. Ao governo estadual, a coordenação dentro da sua área daquelas medidas complementares.

Luciara Frota – E a aplicação desses recursos do governo federal, como o senhor acha que ela foi feita? O senhor poderia nos fazer uma apreciação sobre o assunto, indicar alguma medida relativa ao combate à seca, ou falar da relação Sudene-Governo do Estado a nível estadual, nível regional?

Virgílio Távora – Poderemos dizer que nisso fomos felizes, porque até 64, substituído o Dr. Celso Furtado interinamente pelo General Expedito Sampaio, e logo em seguida pelo Dr. João Gonçalves encontrou o Governo do Estado na pessoa do seu dirigente um velho amigo e um cearense e conterrâneo, homem de capacidade que justamente deu tudo de si, tudo que necessário para amenizar as agruras porque passamos no ano de 1966 e, nos honramos, com que orgulho dizemos, que foi a primeira seca parcial no Ceará, a qual não teve a mancha de ser imputada a nenhum dos responsáveis pelo seu combate qualquer eiva partidária ou de colocação de recursos.

Luciara Frota – E as medidas propriamente ditas do superintendente da Sudene e a esse relacionamento, e isto seria importante para nós sabermos, entre o trabalho da Sudene em relação ao Governo do Estado, nesse relacionamento.

Virgílio Távora – Inicialmente, fomos recebidos com dificuldades na Sudene, nós representávamos o Centro da Sudene em 1962, e fazemos uma referência toda especial ao seu superintendente Celso Furtado, que ao contrário do que muitos dizem, não era comunista, quando muito podemos dizer

tinha ideias socializantes, era cercado, isso sim, de adeptos de ideologias bem estranhas à terra. Então, os primeiros contatos do governador em 1966 com aquele órgão, apesar da amizade que unia ao superintendente, hoje professor de Sorbonne, Celso Furtado, foram muito difíceis, mas vencemos. Após vitorioso o movimento de 64, tornou-se mais fácil de um lado o entendimento, e de outro o recebimento de recursos, e perguntará por que o que justamente entrou no Brasil, àquela época, numa fase de extrema austeridade, assim sendo, era muito difícil obter recursos da Sudene – quando vemos hoje um governador de Estado receber fundos mais diversos, que sabem entre parenteses vocês, que Estado nordestino faz investimento praticamente à base de recursos federais. Nós recordamos do tempo em que esses investimentos todos haviam que ser feitos em mais de 90% do seu valor, com os próprios recursos locais que pelo conhecimento de todos era muito pouco. Tivemos realmente um grande e bom relacionamento com a Sudene e nos orgulhamos de dizer que realmente a Sudene representa sem sombra de dúvida para o Nordeste, uma das alavancas maiores de seu progresso, com seus enganos, com seus senões, mas sempre nós dizemos: o que seria do Nordeste se não houvesse a Sudene, se não houvesse o Banco do Nordeste?

Luciara Frota – O senhor que é um homem que de fato conhece o seu Estado, tem experiências de visitas pessoais ao interior, conhece os problemas regionais, poderia nos dizer se considera existir relação entre o problema das secas e política, melhor dizendo, relação entre eleições e política local, ou falar um pouco sobre os problemas que as secas causam à época das eleições?

Virgílio Távora – Eu não gostaria de tocar no assunto, porque em 1958 fui um dos denunciantes maiores quando o governo federal montou uma máquina colossal disposta a nada mais nada menos que esmagar um candidato ao governo que lhe era adversário, no caso nós. Então, esse assunto para nós é até um

pouco forbírio, proibido. Não gostamos de tocar. Se tínhamos razão ou não, dirão as dezenas e dezenas de demissões havidas após 1964 no órgão em questão, o DNOCS, por má utilização dos dinheiros públicos à época das secas, máximo da seca de 58. Mas podemos dar um testemunho que de 64 para cá, política e seca tem sido campos completamente estanques. Disto o governo revolucionário pode ser orgulhar. A influência imensa que teve o socorro, o combate às secas antes de 1964 em que o dono da seca ganhava eleições, isto terminou. Mas terminou e de uma maneira absoluta e total. Mais ainda: os governos de Estado fazem questão de que as providências sejam todas federais, coordenadas pelo governo federal, e quando chegadas obras às suas responsabilidades, eu digo – e aqui me referindo não só ao governo do Ceará, como de todo o Nordeste – tem agido de uma maneira absolutamente escrupulosa. Vê você que, locais em que duras, bem duras são as condições políticas, como por exemplo, Pernambuco, de luta muito acirrada e sujeito em grande parte à seca do momento, não viu até o momento nada que pudesse dizer o contrário.

Luciara Frota – Senador, quando há problemas de seca no Ceará, como é que se dá essa repercussão na Câmara: ela é feita a nível, vamos dizer. Claramente, exploratório, de fato. O assunto é tratado buscando-se uma solução, as soluções tradicionais são criticados, o que se poderia nos dizer a respeito?

Virgílio Távora – De acordo com o temperamento dos representantes, o assunto é tratado racional ou irracionalmente, com paixão, com justiça, ou muitas vezes até com má-fé. É fácil se criticar, o difícil é apresentar soluções, e essas soluções hão de ser construtivas. O nosso modo de agir, pensamos nós, foi sempre nessa direção não adianta achar que algo está errado se não apresentamos a necessária contrapartida da solução alvitrada. O Senado, ao qual pertencemos, é mais calmo quando da discussão destes problemas que afligem periodicamente as populações nordestinas. A Câmara já é mais exaltada. Mas

algo nós podemos dizer: não é senão a muito longo prazo que se poderá na zona semiárida, uma das áreas que se compõe o Nordeste, ter uma solução que realmente minimize os eleitos desse fenômeno climático.

Luciara Frota – Senador, seria possível fazer um depoimento do que o senhor considera importante para solucionar o problema climático, para minimizar os problemas, que soluções daríamos para tornar o Ceará um Estado mais desenvolvido, um Estado onde se pudesse pelo menos apagar um pouco desta imagem de estado de fome, de Estado sujeito às secas com ele é vendido no sul do País, por exemplo. Poderemos falar ainda das medidas que o governo federal tende a tomar nesse momento, com relação a minimização do problema da seca no Ceará?

Virgílio Távora – O Ceará realmente é um Estado de economia difícil, mesmo em época em que não há seca. Atribuir a nossa fraqueza econômica ao fenômeno climático é de um primarismo a toda prova – isto nós dizemos uma, duas, dez vezes lá no Senado. Isto é, a seca agrava a fragilidade da nossa economia, a nossa economia baseada no boi, no algodão tem alicerces muito fracos: o algodão de rentabilidade muito baixa, e o boi, pelas condições climáticas com incapacidade de competitivamente, se apresentar rentável ao pecuarista que se dedica à sua criação. Veja o exemplo: temos um colega goiano, senador Benedito Ferreira, que possui em Araguaiana, lá no norte de Goiás um grande frigorífico, abatedor. A carne enviada pelo parlamentar, um grande empresário, para Fortaleza, chega mais barato depois de toda essa viagem, da necessidade de amortização, de todos os gastos que lhe são expressa essas instalações, inclusive com os locais, de frota de caminhão, etc., necessárias ao transporte desse pessoal, do que a carne local. Não é que o boi do sul seja, como nós dizemos aqui, o boi gigante de Minas como acham, não: o nosso boi é que pelas condições climáticas, é atrofiado. Mas se nós temos esse clima, se nós temos esse solo, não podemos mudá-lo, temos é que nos adaptar a ele. Os projetos de irrigação

de um lado, e agora esse Projeto Sertanejo, fruto da inteligência de um homem de escol, que é o Dr. José Lins de Albuquerque, hoje superintendente da Sudene, que o Presidente da República deve inaugurar, deve anunciar nesses próximos dias, e do qual já fizemos uma antecipação por autorização presidencial ao Senado e através daquela tribuna, ao País, ser desenvolvido em termos adequados às nossas necessidades, isto é, se em vez de ficar resumido a cinco, dez bilhões de cruzeiros, passar para vinte, trinta num futuro, naturalmente mudará a face da economia dessa zona semiárida na qual praticamente está todo o território cearense incluído.

Luciara Frota – Eu já ouvi falar de que o Virgílio Távora político é um, e o Virgílio Távora executivo é outro. Até que ponto o senhor concorda com essa maneira de pensar de algumas pessoas a seu respeito?

Virgílio Távora – Pensamos que há uma interpretação errônea a respeito. Somos dos que julgam que uma pessoa só pode ter uma natureza. Se nós somos bons administradores, se nós precedemos corretamente em termos administrativos, temos que fazê-lo em termos políticos, e se não procedemos corretamente em termos políticos não teríamos sobrevivido a todas as crises há 28 anos que estamos na vida política, a maior parte na oposição, declarada ou consentida.

Luciara Frota – Houve na realidade no seu governo composição e equilíbrio de forças políticas, e um anulamento inicial de uma oposição que se iniciaria? O que o senhor nos diria sobre esse assunto?

Virgílio Távora – Em nosso governo houve no Ceará foi algo inédito, ante a ameaça comunizante que varria o Nordeste àquela época. Partidos que se degladiavam há mais de 50 anos, com nomes sob designações diferentes, se reuniram formando a chamada União pelo Ceará. Para surpresa geral, esta União pelo Ceará, tendo como candidato um dos chefes de uma das

agremiações, apresentou como consequência um resultado eleitoral em Fortaleza que assombrou os mais céticos. Esta cidade, cujas tradições libertárias são conhecidas, deu-nos uma vitória bem expressiva que somada àquela outra do interior, nos apresentou um governador eleito quase plebiscitariamente. Não houve anulação de oposição dentro da própria União pelo Ceará, nós tínhamos opositores quando do governo, porque nos honramos de ter acabado à época do seu delegado, da minha professora, do meu coletor. Delegado, responsabilidade secretário de segurança pública, que por sua vez perante mim respondia por toda a segurança do interior, perante nós aliás. Coletor, escolha do senhor Secretário da Fazenda, responsável por todos recursos para poder ministrar. Professora, rigorosa ordem de classificação – estamos conversados.

Luciara Frota – Nos dias atuais o senhor aceita ser responsável pela eleição do senador Mauro Benevides?

Virgílio Távora – Não senhorita. O responsável pela eleição do senador Mauro Benevides foi a péssima escolha do seu antagonista. Não gostaríamos de abordar comentários, por ser inimigo pessoal do candidato. Mas como a escolha do Candidato não ficou muito de acordo com o nosso caráter, uma vez escolhido, fomos à Sua Excelência o Presidente da República e dissemos clarissimamente e os jornais assim o anunciaram, que não tinha condições éticas, morais e políticas de subir a um palanque e pedir votos para o escolhido por Sua Excelência. Não cometeria, como não cometi a indignidade de mandar votar no candidato adverso, aliás, meu particular amigo. Senhorita, quem chefia 27 anos uma política em termos difíceis com a cearense e faz uma declaração pública dessa, e pega um navio e vai para o Japão, deixa bem claro, sem sombra de dúvida a seus correligionários, que se desejarem eleger, ou se desejassem eleger o escolhido pelo poder maior da República, que não contavam com seu trabalho, e isso não dobramos caminho em dizer.

Luciara Frota – O senhor acredita no surgimento de novas agremiações políticas? Se isso acontecesse o senhor ficaria em qual delas?

Virgílio Távora – Inicialmente não acredito. Segunda parte, prejudicante, numa hipótese remotíssima, talvez, que não acreditamos, vamos repetir: ficaríamos no partido que representasse aquilo que achamos a defesa do atual modelo econômico brasileiro.

Luciara Frota – Quando o senhor foi governador do Estado, poderia lembrar agora, nomear o seu secretariado?

Virgílio Távora – Eu tenho boa memória: Secretário da Fazenda, inicialmente, o General Ramalho, que fez uma verdadeira revolução e é até hoje lembrado nesse Estado. Posteriormente, por moléstia aquele se afastou, veio a falecer, o General Assis Bezerra por coincidência o mesmo Secretário da Fazenda do atual governador. Secretário de administração, Dr. Moacir Aguiar, a quem devo muitíssimo e hoje por coincidência também, é o Secretário de Administração do atual governo, com funções diferentes, claro. Secretário de Polícia, o Coronel Clóvis Alexandrino Nogueira, hoje General e presidente da Teleceará. Secretário de Viação e Obras Públicas, o eminente homem público e superintendente da Sudene José Lins de Albuquerque; Secretário de Planejamento, o Dr. Aécio de Borba, e posteriormente, o Dr. José Lins de Albuquerque, que por sua vez substituído da Secretaria de Obras Públicas pelo Dr. Vicente Fialho, por ironia do destino, depois prefeito do governador César Cals. Secretário de Educação, Dr. Hugo Gouveia, após Ministro do Tribunal de Contas, posteriormente, Secretário de Justiça do governo Adauto Bezerra, substituído pelo Dr. Jader Figueiredo Correia, irmão do Dr. Joaquim de Figueiredo Correia, hoje deputado pelo M.D.B, e àquela época, vice-governador do Estado. Secretário do Trabalho, inicialmente, o atual, não, o antigo líder do M.D.B., Dr. Francisco Chagas

Vasconcelos, substituído quando deixou pelo Dr. Abelardo Costa Lima.

Luciara Frota – Senador, e no presente algum plano, algum projeto especial está prendendo as suas atenções?

Virgílio Távora – Menina, fui muito feliz quando lutei na vida pública pela eletrificação do Estado antes, posteriormente já Ministro, pela criação da Portobrás, na luta de 11 anos que o governo Geisel encampou e tornou realidade, depois pela energização nuclear do país. Lutamos muito contra a ciência, contra a ignorância, fomos bem-sucedidos. No plano estadual, tivemos uma guerra muito acesa, inclusive com detentores do poder local, e conseguimos, General Médici, então Presidente da República considerar Fortaleza como terceiro polo de desenvolvimento do Nordeste, para ela carrear recursos, daí um dos grandes impulsos tomados por esta capital, o polo têxtil, na sua configuração inicial se deve ao General Médici, antecessor do atual presidente. No momento estamos lutando muito pelo projeto Sertanejo a que nos referimos, estamos bem conhecidos, e setorialmente por vários outros, inclusive pela construção do Jaburu, que você está lendo aí no jornal. Mas não atribuímos, claro, ao Jaburu, a importância desses outros projetos.

Luciara Frota – Mas, Coronel, como isto vai ser registrado para o futuro, o senhor gostaria de dizer alguma coisa sobre o projeto Jaburu?

Virgílio Távora – O Projeto Jaburu, a nosso ver, mais do que um criador, uma nova fonte de energia numa região, em que está não é abundante, nós temos como fonte energética cá: o São Francisco, em menor escala o Parnaíba, em todo o Nordeste são os aproveitamentos que se vê com mais destaque, atribuímos a esse projeto a função irrigatória, as funções secundárias de uma barragem que também tem primordialmente esse sentido energético. É uma longa, sentida e velha aspiração do povo Ibiapabense. Quinta-feira se você ainda estiver aqui, a evolução

do tratamento do problema, você terá ocasião de ouvir, moça, lá na Facic.

Luciara Frota – Coronel, como plano imediato para o futuro, algum sonho por realizar?

Virgílio Távora – A implantação do acordo nuclear já assinado entre Brasil e Alemanha, é um dos grandes. Segundo: o corte dos gargalos do nosso desenvolvimento, mercê de uma auto-suficiência brasileira em insumos básicos e bens de capitais; e se o povo assim me julgar merecedor, continuar no Senado a lutar pelo Brasil, pelo Ceará.

Luciara Frota – E que é que o Senhor pensa, em continuar senador ou aceitaria sua indicação para um outro posto, como de Ministro, por exemplo?

Virgílio Távora – Ministro não impede ser senador, não são colidentes.

Luciara Frota – Alguma coisa a mais que o senhor pudesse acrescentar?

Virgílio Távora – O prazer de ter sido entrevistado com tanta inteligência, com tanta delicadeza, com tanta pertinência.

Luciara Frota – Muito obrigado, senador.

LUCIARA SILVEIRA DE ARAGÃO E FROTA
Professora – Em nome do Programa de História Oral, da Universidade Federal do Ceará, em convênio com o Arquivo Nacional, agradecemos ao Coronel Senador Virgílio Távora e aqui encerramos esta entrevista.

ERA ASSIM O MEU CORONEL...

Fiquei muito feliz quado recebi o telefonema de Tereza Maria para escrever alguma coisa sobre o "Coronel", como eu o tratava, principalmente no livro de César Barreto, filho de seu grande amigo Césario Barreto, em cuja Fazenda "Lagoinha" estive com o Coronel, numa de suas idas a Sobral.

O conheci em 1962, eu então com 19 anos na campanha da União pelo Ceará, pois meu tio Gal. Murillo Borges, candidato a Prefeito de Fortaleza e muito seu amigo, pois egressos do Exército e da antiga UDN, ambos foram eleitos.

Tio Murillo na época estava passando uma temporada na casa de minha mãe, ele às vezes passava lá com Moacir Aguiar, Dr. Milton Morais Corrêa e algum outro correligionário. Quando resolvi me candidatar a deputado federal em 1978, foi com seu aval e total apoio.

Logo tivemos uma amizade sólida e duradoura, frequentando muito a sua casa e ouvindo seus conselhos, que sempre começavam com seu famoso "Doutorzinho...". Tenho várias passagens com ele e Dona Luíza, uma das figuras mais notáveis que já conheci.

Como o espaço é curto, citarei alguns "causos" de quando morávamos em Brasília.

Lembro com muitas saudades da Mansão, como chamávamos sua chácara em Brasília. Lá, todo domingo, ele e Dona Luíza recebiam para agradável domingueira, a bancada cearense, independentemente de partidos políticos ou antagônicos, pois não se falava de assuntos políticos, mas sim de amenidades.

Lembro que havia um sino que Dona Luíza badalava às 14h30, pontualmente para servir sua tradicional paçoca com baião de dois, e outras guloseimas, era um dia maravilhoso.

Escrevo sobre a "Mansão" muito saudoso, lembro que ele sempre me telefonava aos domingos, lá pelas nove da manhã e dizia, "Doutorzinho" já acordou? Pois passe aqui em casa pra irmos para a Mansão, 'Loíza' vai mais tarde."

Tv lá ia o degas aqui, como diz o Lúcio Brasileiro, todo feliz buscar o Coronel.

O interessante é que no caminho para a Mansão, que ficava aproximadamente a 40 minutos do Distrito Federal, ficava a churrascaria do Júlio, muito famosa na época, cujo proprietário era amigo dele.

Descíamos e o sr. Júlio ia recebê-lo com muita alegria, logo vinha ele com uma garrafa de "Buchanan's" na mão dizendo que era especial e que somente servia ao Coronel, ele então colocava a dose do precioso líquido para nós, e ali batíamos o "centro" do domingo, principalmente à época fria, eram só duas doses e seguíamos para a Mansão.

Esse é o lado humano do melhor governador que o Ceará já teve: simples, pai e marido extremoso, amigo incondicional dos amigos. Quando escrevo sobre ele me vem à mente seus antigos amigos: Marconi, Marcelo Linhares, Leorne, "Nego Manuel", como ele tratava o Manuel de Castro,

Césario Barreto, Humberto Macário, Moacir Aguiar, Adauto Bezerra, pois eram muitos amigos apesar de passageiras divergências políticas, entre tantos outros.

Deus quis levá-lo quando ainda tinha muito a dar e realizar pelo Ceará, ficou uma grande saudade dele, de Dona Luíza e do Carlos Virgílio, que ele nos tirou cedo demais.

Era assim o meu Coronel….

CLÁUDIO MOREIRA FILOMENO GOMES
Empresário, Deputado Federal (1979-1987)

CARTA DE VIRGÍLIO À AÉCIO DE BORBA

Em carta dirigida ao Secretário Aécio de Borba, o Governador Virgílio Távora enalteceu o trabalho por ele realizado durante o seu Governo à frente da Coordenação de Assessorias Especiais, destacando que o sucesso alcançado por sua administração muito se deve à colaboração de Aécio. O Governador diz que não se surpreendeu com o dinamismo e a operosidade de seu ex-auxiliar, porquanto, à época em que governou o Estado, pela primeira vez, Aécio já deu uma cabal demonstração de seu talento administrativo.

É a seguinte a carta dirigida pelo Governador Virgílio Távora ao Sr. Aécio de Borba:

Aécio:

Os razoáveis motivos apresentados em sua carta levaram-me a aceitar a sua exoneração das elevadas funções por você desempenhadas em meu Governo.

Para mim, que tenho ventura de privar de sua amizade, desde quando ainda éramos jovens, não posso esconder a emoção que acabo de experimentar.

Proclamo, e o enfatizo por indeclinável dever de justiça, que o sucesso alcançado por minha Administração, devo-o principalmente à sua valiosa colaboração. Sem medir sacrifícios,

você se constituiu, sem nenhum favor, numa das alavancas propulsoras do novo Ceará.

Aliás, não me surpreendi com seu dinamismo e operosidade, porquanto, à época em que governei o Estado pela primeira vez, foi você quem, como Secretário de Planejamento, contribuiu decisivamente para que se implantasse, na estrutura organizacional do Estado, uma Administração em bases nacionais e técnicas, fato que se tornou irreversível na História Administração do Ceará.

Sempre me chamou a atenção – e isto ressalto amiúde, ser uma das pessoas mais organizadas e capazes que hei conhecido em minha vida, de quem sempre me tenho valido em nossa longa e fraternal convivência.

Com meus agradecimentos, receba o abraço do amigo Virgílio."

VIRGÍLIO TÁVORA
Militar e político brasileiro, ex-deputado federal, Governador e Senador do Ceará por dois mandatos alternados, Ministro dos Transportes, falecido aos 68 anos, em 1988.

O VIRGÍLIO TÁVORA QUE EU CONHECI E COM QUEM CONVIVI

Falar sobre Virgílio Távora é uma tarefa fácil pra mim. A ligação entre Virgílio e meu pai remonta desde os anos de 1930, por volta de 1938, quando juntos estudaram no Colégio Militar e em seguida foram servir em Itajubá, no sul de Minas Gerais, no início da carreira de ambos.

Em Itajubá, o papai conheceu e se casou com minha mãe, Dona Judith. O Cel. Virgílio, então tenente, foi o padrinho do casamento. Aliás acontecimentos que minha mãe jamais esqueceu. Passado alguns muitos anos, quando Governador do Estado do Ceará pela primeira vez, o Cel. Virgílio convidou meu pai para assumir o cargo de seu Secretário de Polícia e Segurança Pública do Estado.

Mas passei a conhecer muito de perto o Cel. Virgílio Távora mesmo foi quando tive a oportunidade de participar ativamente da sua segunda administração, a de 15/03/1979 à 14/03/1983, período em que eu muito jovem ocupei o cargo de Diretor Geral do DAER. Passado esta fase, que gerou em mim profunda admiração pelo homem, pelo político e pelo estadista que era o VT, foi criada uma sólida amizade pessoal, mantida em minhas lembranças mais gratas, interrompida, temporariamente, somente pela sua morte, sempre lamentada.

Embora eu possa parecer suspeito, dou o testemunho de que durante toda a minha administração do DAER, Departamento Autônomo de Estradas e Rodagem, nunca recebi do Cel. Virgílio qualquer pedido, ordem, recomendação, ou o quer que seja, para contratar ou admitir alguém ou para praticar ato contra a ética.

Muito pelo contrário. Quando do nosso primeiro despacho administrativo, levei à sua consideração alguns documentos tratando de pedidos que havia recebido de políticos que o apoiavam, para contratar funcionários e/ou a indicação de pessoas para nomeação em diversos cargos em comissão. O Cel. Virgílio foi muito incisivo quando disse que eu, como Diretor Geral, era o responsável por problemas internos do órgão e como tal não gostaria de tratar desse tipo de assunto. Naquele dia estava definido como deveríamos tratar de assuntos relacionados direta ou indiretamente com o programa de obras do seu governo e com assuntos estratégicos da instituição.

Era exatamente o que eu esperava e queria ouvir de um homem que primava pela objetividade e firmeza. Minha admiração aumentou!

Na época em que ocorreu o fato narrado a seguir, era 1980 e estava eu exercendo a Direção Geral do DAER. O nosso Departamento publicava mensalmente o seu Boletim Informativo, no qual divulgávamos gerais sobre o órgão para que todos os servidores pudessem acompanhar de perto as tais como Leis, Decretos, Portarias, etc. O que hoje chamam de "transparência".

O jornalista Pedro Gomes de Matos era o responsável pela publicação do Boletim, cuja impressão se fazia mediante prévia licitação e contrato, em uma gráfica pertencente ao Dorian Sampaio, onde era também impresso o JD, Jornal do Dorian, extremamente oposicionista em relação à Administração Estadual. Estava tudo correndo muito bem, quando o Governador Virgílio emitiu uma circular "recomendando" para todos os órgãos estaduais que as suas publicações fossem impressas

exclusivamente na IOCE, a Imprensa Oficial do Ceará. Esta decisão do Governador era puramente administrativa e visava tão somente tentar melhorar a situação financeira e operacional da IOCE; era uma medida de ordem geral e nada tinha específico quanto ao nosso Boletim.

Continuamos pois, a imprimir o nosso Boletim segundo a mesma rotina anterior. Na primeira oportunidade, contei ao Governador que o nosso jornalzinho estava sendo impresso pelo Dorian e ao mesmo tempo ponderei as razões de qualidade e pontualidade que justificavam plenamente que o Boletim Informativo continuasse sendo confeccionado até o final do contrato naquela gráfica, se não me engano chamada "Stylus".

O Governador com a sua maneira inconfundível de ser, respondeu:

"Sim, Continue". Em seguida perguntou-me: "Eu soube que a empresa dele não está muito bem, atravessa dificuldades. Pessoalmente gosto dele. Porque será que ele ataca tanto o meu governo? Ajude-o".

Efetivamente, na época o JD, o Jornal do Dorian, era o único veículo impresso de oposição ao Governo do Estado. Julgando-me doutor em VT, entendi que a pergunta do Governador era muito mais um desabafo e como tal sequer tentei esboçar uma resposta.

Se antes deste episódio, aparentemente insignificante, eu já admirava o Administrador, o chefe e o Estadista Nato, a partir deste dia, fiquei possuído de profundo respeito pelo homem VT. O sim de Virgílio Távora realçou as qualidades de uma pessoa sem ódio, sem rancores, sem a mesquinhez do desejo de vingança ou de outros sentimentos menores. O "sim" do Cel. Virgílio

simplesmente mostrou uma realidade que os "outdoors" e a propaganda eletrônica de hoje não podem mostrar ou induzir:

"A alma de um homem com personalidade e sentimentos superiores".

Sim esse era o meu VT. Casmurro, a primeira impressão, mas um homem bom. Muito bom.

Podemos citar as principais metas realizadas em seu 1º Governo:

- Mudança do perfil econômico do Ceará
- Sistema de Planejamento - PLAMEG
- Energia Hidroelétrica da CHESF para todo o Estado
- Plano de Telecomunicações
- Distrito Industrial da Região Metropolitana de Fortaleza
- Plano de abastecimento d'Água de Fortaleza
- Plano Rodoviário Estadual
- Calendário de pagamento dos servidores
- Fazenda e Segurança Pública
- Assistência Social

E também as principais metas realizadas no seu 2º Governo:

- Fim da era de Eleição Indireta
- Internacionalização do Aeroporto Pinto Martins
- Expansão Industrial: Gerdau, Vicunha ...
- 40.000 habitações para média e baixa renda
- Recursos Hídricos: Açude Jaburu em Tianguá
- Estação de tratamento d'Água em Fortaleza
- Projeto Ceará: Desenvolvimento Rural Integrado
- Duplicação e iluminação da CE-Crato-Juazeiro
- Centro Administrativo do Estado

Não é sem razão que Virgílio Távora tem o seu nome escrito na história política e administrativa do Ceará, como um dos seus maiores, eu diria, o seu maior vulto em todos os tempos.

Neste ambiente, hoje ainda emocionado, eu pergunto: Com o falecimento do VT será que perdemos simplesmente um "hábil interlocutor", como afirmou na época um certo jornalista da oposição?

Discordo. Acho que não. Não perdemos um simples político, perdemos sim um VERDADEIRO ESTADISTA!

Simplesmente o maior do Ceará em todos os tempos!

Perdemos um amigo dos seus amigos acima de tudo…

ENG.º CLÁUDIO NOGUEIRA
Superintendente do Departamento Autônomo de Estradas e Rodagem – DAER, no segundo Governo Virgílio Távora (1979-1983).

VIRGÍLIO TÁVORA –
UM LÍDER ADMIRÁVEL

Conheci de perto o ex governador, ex deputado federal e ex senador Virgílio Távora. Convivi com ele em vários momentos da minha vida. Conheci-o ainda criança, quando meu pai, Walter Santana, seu grande seguidor e admirador, o recebia no sertão central, em Quixeramobim onde foi " chefe político " da UDN ou em Boa Viagem onde foi vereador e Interventor. A amizade do meu pai por ele era tão grande que a minha falecida irmã Marta, teve o então deputado Virgílio Távora como padrinho de batismo. Uma demonstração da amizade e solidariedade de Virgílio, foi quando, em razão das querelas políticas, entre a UDN – União Democrática Nacional, seu partido, e o PSD - Partido Social Democrático, meu pai sofreu um atentado em Boa Viagem. Virgílio levou-o ao Rio de Janeiro para deixar a tempestade política do momento passar. Por lá ele foi escondido durante vários meses.

Mais tarde, aos 17 anos, quando eu vim estudar em Fortaleza, meu pai recomendou, que o procurasse, com o objetivo de conseguir um emprego para que eu pudesse me manter na Capital cursando o segundo grau. Ao chegar, oriundo do Colégio Salesiano Domingos Sávio de Baturité, fui encontrar aquele que seria meu protetor. Fui muito bem recebido no Sobrado da São Paulo com a Conde D'eu, onde ele me apresentou ao então

deputado estadual Luciano Magalhães, um jovem idealista da UDN, que de imediato me deu um emprego como fiscal de feira livre, em Fortaleza. Eram muitos fiscais. Apesar da curta duração, foi uma experiência interessante. Porem o ambiente de trabalho era tão promíscuo e corrupto, que permaneci por pouco tempo. Decidi sair depois que contei ao então diretor do Colégio São João, professor Odilon Braveza, o meu problema profissional e ele me ofereceu um trabalho na Secretaria do Colégio, em troca do pagamento da mensalidade colegial (que não era pequena) e ainda uma pequena complementação para minhas despesas. Só depois desta garantia procurei o deputado Luciano Magalhães, que acabou se transformando num grande amigo, para lhe comunicar minha decisão de abandonar a feira livre. Ele logo comunicou a Virgílio, que imediatamente mandou me chamar e fez questão que trabalhasse com ele como uma espécie de atendente em sua Casa. Meu trabalho começava cedo recebendo e acomodando as pessoas, chefes políticos, normalmente do interior, ou pessoas do povo que buscavam, geralmente, emprego. Os chefes políticos importantes eu os acomodava numa saleta próximo à sala de jantar onde existia uma mesa feita de tábua de cedro, com cerca de 4 metros de comprimento, onde ele tomava, rigorosamente o seu café com umas tapioquinhas, caprichosamente enroladas, como um canudo. Não lembro mais o nome da senhora que as fazia, mas nunca vou esquecer aquela consistência de goma que se dissolvia na boca. Muitas vezes, ele me chamava pra sentar à mesa e conversava comigo, oportunidade em que eu fazia um relato das pessoas que havia recebido. Pessoas que estavam sentadas em cadeiras colocadas próximo as paredes de uma grande sala, formando assim um quadrilátero. Terminado o café, Virgílio se deslocava para a sala. Caminhava eu, ao seu lado, com uma prancheta e papel, enquanto ele conversava com cada um, atentamente, e com uma postura acolhedora, que nunca vou esquecer. À medida que as cumprimentava, as pessoas se

levantavam ele conversava baixinho com cada uma, também de pé, e quase sempre usava o papel para fazer um bilhete para alguma autoridade que resolvesse aquele problema, muitas vezes de emprego. Era uma rotina que nunca me saiu da memória. Fiquei um bom tempo neste trabalho, que era meio intermitente, pois só funcionava quando ele estava em Fortaleza. Também era intermitente o pagamento do meu salário feito de forma aleatória e apenas quando Virgílio estava em Fortaleza. Na parte da tarde ficava no Colégio São João. Era muito confuso, e um dia, já cursando o então Científico, falei ao meu protetor que eu precisava me dedicar mais aos estudos com o que ele concordou. E assim deixei aquele trabalho de assessor.

Foi uma amizade cultivada por um longo tempo. Participei de todos os eventos políticos e acompanhava toda a sua brilhante trajetória política de grande líder e administrador exemplar, um pioneiro do planejamento da gestão pública no Ceará, um homem inovador que implantou no Ceará, projetos transformadores como a Energia de Paulo Afonso.

Mantive essa admiração mesmo quando Universitário, seguindo por outros caminhos, e tomando posições mais avançadas do ponto de vista político-ideológico, pois era líder estudantil. Nunca renunciei àquela amizade, mesmo nas divergências. Tanto que ele foi escolhido patrono da nossa Turma de Engenharia, a terceira da Escola, em 1962. Fato que não se concretizou, pois tendo a turma escolhido Leonel Brizola como paraninfo, ele que divergia politicamente de Brizola, não aceitou e renunciou ao Patronato, tendo sido substituído pelo Papa João XXIII. Malgrado esse aparente rompimento, a turma homenageou-o por tudo o que fez pela nossa Escola de Engenharia, na concessão de estágios no então DAER, na RVC e outras organismos do Estado, mas especialmente na viagem maravilhosa que fizemos na conclusão do Curso, pelo Sudeste e Sul do Brasil, Uruguai e Argentina, conhecendo a recém-inaugurada Brasília no caminho, e viajando do Rio para a nova

capital em avião cedido pelo então ministro de obras e viação, Virgílio Távora. Tudo isso, depois do impasse sobre o convite para ser o nosso patrono, o que demonstrava o seu espírito magnânimo.

Certamente, o leitor poderá dizer que este relato fala mais de uma amizade do que de uma personalidade que muito orgulhou o Ceará. Muitos dos convidados para escrever em homenagem aos cem anos de Virgílio já falaram do grande político e certamente do grande estadista cearense que foi. Mas ainda tenho mais a falar do seu lado humano e acolhedor.

Lembro da sua postura digna durante a ditadura militar. Mesmo sendo coronel do exército e Governador do Estado, eleito pelo voto, ele protegeu lideranças importantes da política, do movimento estudantil e dos movimentos sociais que foram perseguidas no Ceará naqueles tempos de opressão. Muitos acolhidos por ele naquela época já se foram, como ele próprio. Mas outros tantos, vivos como eu, podem contar a sua história. Vivendo então em Salvador, e concursado da Petrobras, fui preso em Mataripe numa das unidades da Bahia. Recém-casado com a cearense Ermengarda, acabava de nascer Andrea, nossa primeira filha de forma prematura. Isto pra mim era mais forte do que a própria prisão ao pensar na esposa sem família em Salvador e com uma filha recém-nascida. Foi aí que mais uma vez experimentei a generosidade do meu amigo Virgílio. Ao ser interrogado pelo coronel Franco, e sempre tratado com rispidez como "cearense subversivo", descobri que ele tinha sido colega do cel. Virgílio no exército, de quem se declarou grande camarada. Encontrei o meu álibi. Disse então ao coronel Franco. que o fato de ser amigo dos frades cearenses Dom Jerônimo do Mosteiro de São Bento e de Juarez Barreira, dos Franciscanos, não significava que era subversivo, nem comunista. E já que ele era amigo do Cel. Virgílio, então Governador do Ceará, poderia consultá-lo por telefone, bastando citar o meu nome, pois ele haveria de dizer quem eu era. Dito e feito, ele levantou-se da cadeira, deixando-

me só com o escrivão, que numa máquina Olivetti, anotava todo o meu depoimento. Neste momento, aproveitando a ausência do cel. Franco, o sargento Leandro, (se não me engano era esse o nome do escrivão) sacou a folha de papel da máquina, pôs nova folha e começou a escrever, sem que eu nada falasse. Surpreso, perguntei por que. Ele respondeu: sou amigo de Dom Jerônimo, a nossa turma de Odontologia o escolheu para patrono e fomos agora obrigados, a retirar o seu nome. Disse então que estava amenizando o meu depoimento para não me comprometer tanto. De repente, volta o cel. Franco e com uma fisionomia totalmente diferente diz: "você falou a verdade, o Virgílio falou muito bem de você e por isto vou lhe liberar para que você vá cuidar de sua família e que possa continuar respondendo em liberdade". Aquilo para mim, naquele momento de grande ansiedade, depois de saber que alguns dos meus companheiros de AP - Ação Popular haviam sido presos e enviados para um navio em alto-mar, me deu um grande alívio. Nunca soube o que Virgílio e Franco, conversaram, mas o fato é que mais uma vez foi demonstrada a coragem do meu estimado amigo. Em especial a sua capacidade de acolher, tão importante naqueles momentos históricos e ainda hoje, nestes tempos de intolerância e de ódio que estamos vivendo em 2018. Meses depois, com os meus direitos políticos cassados e demitido da Petrobras, retornei ao Ceará. E a primeira coisa que fiz foi visitá-lo, em sua casa, acompanhado do amigo comum Dr. Pontes Neto, para agradecer sua generosidade.

Bem mais tarde, depois de cumprir um período de "exílio" no Cariri, fui anistiado, absolvido e retornei ao meu emprego. Fui candidato e eleito deputado estadual e quando da diplomação, estando à mesa o então Senador Virgílio Távora, observei que ao ser chamado o meu nome, ele solicitou ao Desembargador presidente da solenidade para entregar o meu diploma. E ao entregar ele disse: "parabéns, Doutor. Tenha juízo, você é um vencedor".

Com este relato de uma convivência respeitosa e de mútua estima, quero homenagear uma das figuras mais dignas que conheci na vida pública e aquele que considero o maior estadista que o Ceará já teve: Virgílio Fernandes Távora.

EUDORO SANTANA
Deputado Estadual e atual Superintendente do IPLANFOR

Parte III

ICONOGRAFIA

Iconografia

REUNIÃO DE REVOLUCIONÁRIOS DE 1930

Sentados esquerda para a Direita: Dr. Luiz de Moraes Correia (pai de Dona Luíza), Juarez Távora, José Américo de Almeida, Fernandes Távora e Dr. José de Borba Vasconcelos (pai Aécio de Borba). ***Em pé esquerda para direita***: Dr. João da Silva Leal; Capitão Magalhães Barata; Cel. Antônio de Almeida; Comandante Djalma Petit; Dr. Virgílio de Morais Filho e Virgílio Távora, então aluno do Colégio Militar de Fortaleza.

REUNIÃO DA BANCADA CEARENSE NO RIO DE JANEIRO 1951

Virgílio então Deputado Federal, o terceiro sentado da direita para a esquerda.

VISITA DA MISS BRASIL EMILIA CORREIA LIMA. A BANCADA CEARENSE NO RIO DE JANEIRO
MEADOS DOS ANOS DE 1950 AO LADO DE VIRGÍLIO TÁVORA E DE MARTINS RODRIGUES

ELEIÇÃO DE ODILON BRAGA PARA PRESIDENTE DA UDN E VIRGÍLIO TÁVORA PARA SECRETÁRIO GERAL. RIO DE JANEIRO ANO DE 1953

LANÇAMENTO DA CAMPANHA DO MARECHAL JUAREZ TÁVORA EM FORTALEZA PARA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA ANO DE 1954

Em pé no Jepp da esquerda para direita: Virgílio Távora, Deputado Tenório Cavalcante e Marechal Juarez Távora.

LANÇAMENTO DA CANDIDATURA PELA UDN DE PAULO SARASATE
AO GOVERNO DO ESTADO ANO DE 1954 EM FORTALEZA

LANÇAMENTO DE PAULO SARASATE AO GOVERNO DO ESTADO ANO DE 1954

LANÇAMENTO DA CANDIDATURA DE VIRGÍLIO TÁVORA AO GOVERNO DO ESTADO EM 1958 (UDN)

Esquerda para direita: Paulo Sarasate, Edson da Mota Correia, Virgílio Távora, Flávio Marcílio, Agenor Maia Firmino e Plácido Castelo.

CAMPANHA DE VIRGÍLIO TÁVORA AO GOVERNO DO ESTADO PELA UDN,
ANO DE 1958. NA FOTO COM O DEPUTADO ESMERINO ARRUDA

INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA, ANO DE 1959, COM O PRESIDENTE JUSCELINO E ISRAEL PINHEIRO

Virgílio Távora era o Diretor Geral da NOVACAP.

CANDIDATURA DE JÂNIO QUADROS PARA PRESIDENTE DA REPÚBLICA EM 1960, NA RESIDÊNCIA DO BRIGADEIRO FARIAS LIMA

Virgílio Távora seria o Coordenador Geral de Campanha de Jânio.

VISITA AO CEARÁ DO MINISTRO DE VIAÇÃO E OBRAS DO REGIME PARLAMENTARISTA, VIRGÍLIO TÁVORA, EM 1962

INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DO METRÔ CARIOCA NO RIO DE JANEIRO ANO DE 1962

O Governador Carlos Lacerda. Com o Ministro de Viação e Obras do Gabinete Tancredo Neves, Virgílio Távora em 1962.

ELEIÇÃO DE VIRGÍLIO TÁVORA AO GOVERNO DO ESTADO ANO DE 1962 (UNIÃO PELO CEARÁ)

<u>No palanque esquerda para direita</u>: Senador Wilson Gonçalves, Deputado Armando Falcão, Governador Parsifal Barroso, VT e Dona Luiza Távora.

LANÇAMENTO DA UNIÃO PELO CEARÁ EM 1962 COM A CANDIDATURA DE VIRGÍLIO TÁVORA AO GOVERNO DO ESTADO

Esquerda para direita: Parsifal Barroso, vice Figueredo Correia, Virgílio Távora, Dona Luíza e Senador Fernandes Távora.

POSSE DE VIRGÍLIO TÁVORA A GOVERNADOR ANO DE 1962
SENDO ABRAÇADO PELO AMIGO DEPUTADO MOACIR AGUIAR

POSSE DE VIRGÍLIO TÁVORA AO GOVERNO DO ESTADO ANO DE 1962

Esquerda para direita: Vice-Governador Figueredo Correia, Virgílio Távora, Mauro Benevides e o Governador Parsifal Barroso.

POSSE DE VIRGÍLIO TÁVORA AO GOVERNO DO ESTADO COM O FILHO CARLOS VIRGÍLIO E DONA LUIZA TÁVORA (1962)

VIRGÍLIO TÁVORA JÁ ELEITO GOVERNADOR EM 1962

Esquerda para direita: Armando Falcão, Paulo Sarasate, José Macedo, VT, Vicente Augusto e Deputado Hildo Furtado Leite.

REUNIÃO DE VIRGÍLIO TÁVORA COM CORRELIGIONÁRIO ANO DE 1963

Esquerda para direita: Vicente Fialho, VT, Mauro Benevides, Deputados Alceu Coutinho, Adauto Bezerra e Senador Waldemar de Alcântara.

LANÇAMENTO DO FICHÁRIO DO ESTADO NO PALÁCIO DA LUZ, ANO DE 1963.
VIRGÍLIO TÁVORA, DONA LUIZA, CARLOS VIRGÍLIO, CLÁUDIO SANTOS E MIRTES

ANO DE 1961

Esquerda para direita: Virgílio Távora, Magalhães Pinto, Seixas Dória e Lomanto Júnior.

VIRGÍLIO TÁVORA E O AMIGO VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA, ANO DE 1961, JANGO GOULART

VIRGÍLIO TÁVORA E O PRESIDENTE JANGO GOULART ASSINANDO O PROTOCOLO DE INTENÇÕES PARA O CONVÊNIO DE ELETRIFICAÇÃO DO CEARÁ (LUZ DE PAULO AFONSO) ANO DE 1962

VIRGÍLIO TÁVORA E O TIO MARECHAL JUAREZ TÁVORA NO ANO DE 1963

VISITA DO MINISTRO ABELARDO JUREMA AO CEARÁ ANO DE 1963

Esquerda para direita: Ministro Brandão, Abelardo Jurema, Expedito Machado e Virgílio Távora.

Encontro do Governador Virgílio Távora com
o Presidente dos Estados Unidos da América,
John Kennedy, na Casa Branca, em 1963.

GOVERNADOR VIRGÍLIO TÁVORA E O MARECHAL HUMBERTO CASTELO BRANCO NO PLÁCIDO DA LUZ EM FORTALEZA ANO 1964

PRESIDENTE HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO, DONA LUIZA TÁVORA E VIRGÍLIO TÁVORA NO ANO 1964

VISITA À CIDADE DE SOBRAL NO ANO DE 1964

Esquerda para direita: Vice-Governador Figueiredo Correia, Governador Virgílio Tavora, Vereador Nilo Donizeti e Prefeito Cesário Barreto.

VISITA À CIDADE DE SOBRAL NO ANO DE 1964

Esquerda para direita: Prefeito Cesário Barreto, Governador Virgílio Távora, Bispo Dom Walfrido Vieira e Vereador Zé da Mata.

VIRGÍLIO TÁVORA E O PRESIDENTE CASTELO BRANCO
NO PALÁCIO DO GOVERNO DO CEARÁ ANO DE 1964

REUNIÃO DO PLAMEG I EM 1964

Secretário de Planejamento Aécio de Borba e Governador Virgílio Távora.

REUNIÃO NO PALÁCIO DO GOVERNO EM 1964

Esquerda para direita: Secretário de Planejamento Aécio de Borba, Governador Virgílio Távora e Vice-Governador Figueiredo Correia.

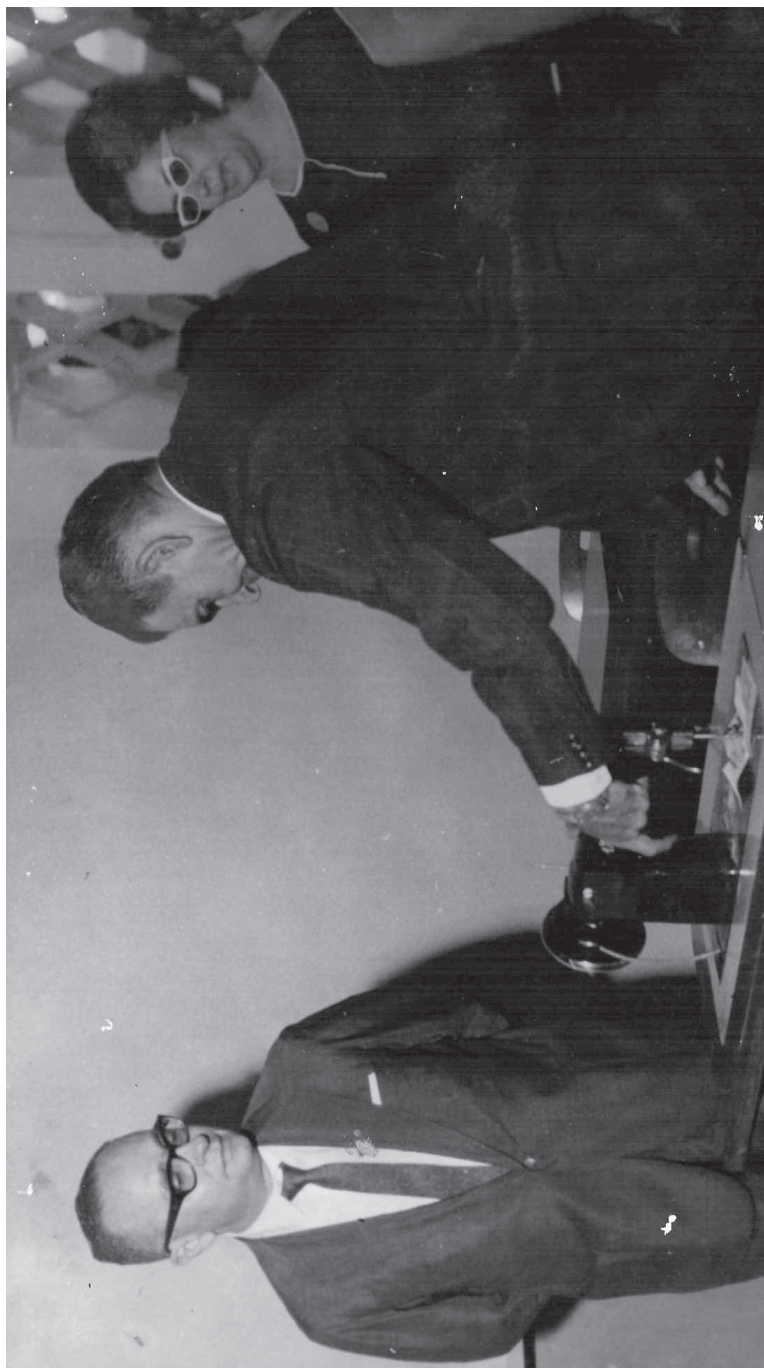
JANTAR OFERECIDO PELO PREFEITO CESÁRIO BARRETO AO MARECHAL CASTELO BRANCO. SOBRAL, 1965

Esquerda para direita em pé: Radialista Zé Maria Soares, Presidente Castelo Branco e Radialista Edison Silva. ***Sentados***: Governador Virgílio Távora, Prefeito Cesário Barreto e General Itiberé Amaral.

VISITA DE CARLOS LACERDA E ARMANDO FALCÃO AO CEARÁ ANO DE 1965

DISTRITO DE TAPERUABA - SOBRAL, ANO DE 1965

Esquerda para direita: Valdeci Vasconcelos, Padre Gonçalo Pinho, ex-Governador Parsifal Barroso, Governador Virgílio Távora e Prefeito Cesário Barreto.

VISITA AO CENTRO SOCIAL NETINHA CASTELO, EM SOBRAL, ANO DE 1965

Esquerda para direita: Governador Virgílio Tavora, Prefeito Cesário Barreto e Dona Luiza Távora.

VIRGÍLIO TÁVORA E CARLOS LACERDA NO ANO DE 1965

ENTERRO DO SENADOR PAULO SARASATE NO ANO DE 1968

Esquerda para a direita: General Humberto Ellery, VT, Governador Plácido Castelo e José Claúdio de Oliveira.

DOUTOR HONORIS CAUSAS – UFC ANO DE 1969

Direita para esquerda: Virgílio Távora, Reitor Martins, Governador Plácido Castelo e Thomas Pompeu de Sousa Brasil Filho.

DR. HONORIS CAUSA DA UFC ANO DE 1969

Esquerda para a direita: Professor Luciano Pomplona, VT, Professores Nelson Chagas e Eduardo Sabóia de Carvalho.

SEREIA DE OURO ANO DE 1975

Senador Virgílio Távora entregando o troféu ao homenageado Tomas Pompeu.

ANO DE 1977 COM O PRESIDENTE ERNESTO GEISEL EM FORTALEZA

Aula Magna de Abertura dos Cursos da Universidade Federal em 1977 proferida pelo Senador Virgílio Távora.

POSSE COLETIVA DO SECRETARIADO DE VIRGÍLIO TÁVORA – 2º GOVERNO (16/03/1979)

Em pé na frente da esquerda para direita: Secretário Claúdio Santos, VT e Lúcio Alcantara (Prefeito nomeado de Fortaleza).

VISITA DO VICE PRESIDENTE AURELIANO CHAVES NO ANO DE 1979 AO PALÁCIO DA ABOLIÇÃO

VISITA DO PRESIDENTE JOÃO BATISTA FIGUEIREDO AO CEARÁ EM 23/11/1979

Esquerda para direita: Senador Waldemar de Alcantara, Virgílio Távora, Deputado Nelson Marquezan, Jornalista Egídio Serpa e Presidente João Batista de Figueiredo.

VISITA DO PRESIDENTE JOÃO FIGUEIREDO A FORTALEZA EM 23/11/1979

Esquerda para direita: Adauto Bezerra, Presidente Figueiredo, Flávio Marcílio, César Cals, Ossian Araripe e Almir Pinto.

VISITA DO GOVERNADOR DA BAHIA ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES
AO CEARÁ EM 1980

VISITA DO PAPA JOÃO PAULO II AO CEARÁ NO ANO DE 1980
(VT E DONA LUIZA TÁVORA)

VISITA DO PAPA JOÃO PAULO II AO CEARÁ NO ANO DE 1980 (VT RECEBENDO SUA SANTIDADE)

VISITA DO PAPA JOÃO PAULO II AO CEARÁ EM 09/07/1980

Governador Virgílio, Papa João Paulo e Cardeal Aloísio Lorscheider.

REUNIÃO SOCIAL INÍCIO DOS ANOS DE 1980

Esquerda para direita: Industrial Edson Queiroz, Dona Luiza Távora, Dona Iolanda Queiroz, Dona Nícia Marcilio e Virgílio Távora.

PALÁCIO DOS BANDEIRANTES, SÃO PAULO, ANO DE 1980

Esquerda para a direita: Governador Paulo Maluf, Virgílio Távora e Dona Sílvia Maluf.

ANO DE 1981

Herdeiro político do ex-Deputado Estadual José Batista e da Vereadora Maria José Oliveira, Casimiro Neto com o Governador Virgílio Távora e o vice Manoel de Castro.

Audiência em 1981 no Palácio da Abolição: Casimiro Neto, Vereadora Maria José Oliveira e Deputado José Batista.

TROFÉU CREA 2013: HOMENAGEM PÓSTUMA AO EX-GOVERNADOR VIRGÍLIO TÁVORA

Esquerda para direita: Secretário da SEINFRA Adail Fontenele, Tereza Távora e Presidente do CREA, Victor Frota Pinto.

MISSA NA IGREJA SÃO VICENTE DE PAULO EM FORTALEZA PELOS 30 ANOS DE MORTE DE VIRGÍLIO TÁVORA (JUNHO DE 2018)

Tereza Maria Távora Ximenes e o Escritor César Barreto.

MISSA PELOS 30 ANOS DE MORTE DO EX-GOVERNADOR VIRGÍLIO TÁVORA NA IGREJA SÃO VICENTE DE PAULO EM FORTALEZA

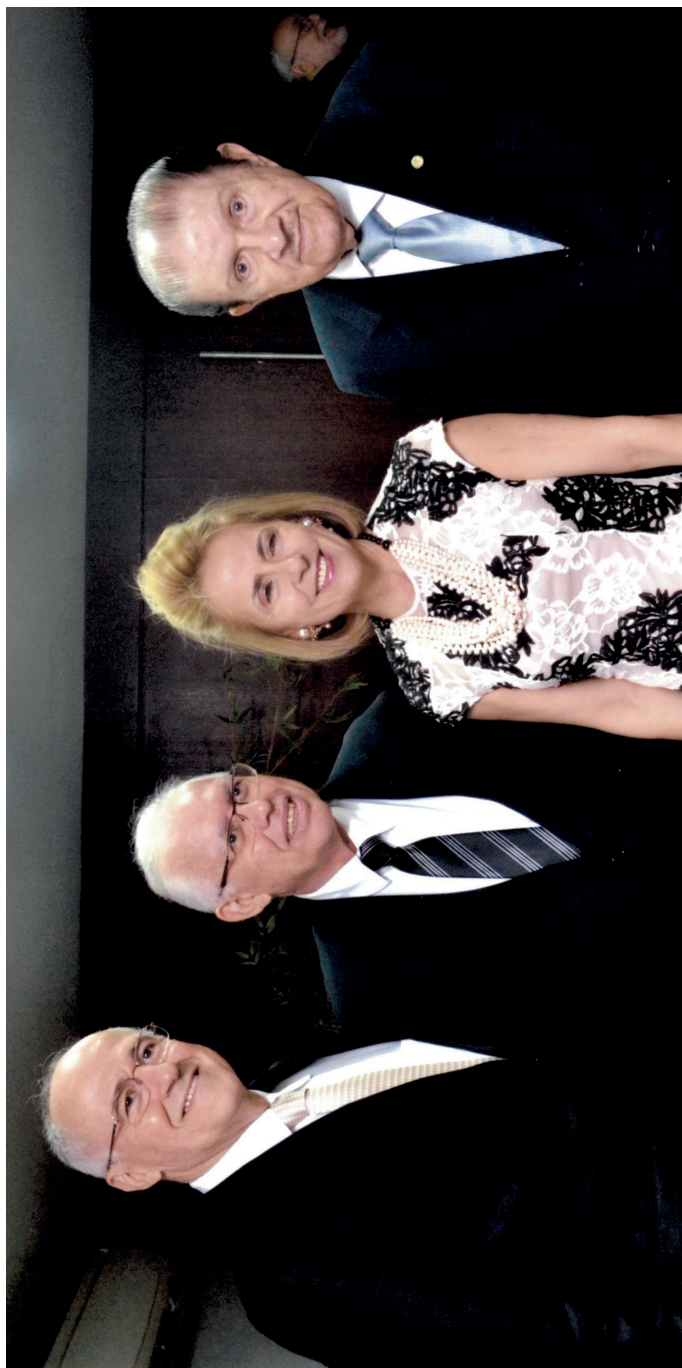
Esquerda para direita: Deputado Haroldo Sanford, Senador Mauro Benevides e o Escritor César Barreto.

MISSA PELOS 30 ANOS DE MORTE DO EX-GOVERNADOR VIRGÍLIO TÁVORA EM FORTALEZA (JUNHO DE 2018)

Ex-Deputado Federal Aécio de Borba e Escritor César Barreto.

HOMENAGEM DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ PELOS 30 ANOS DE MORTE DO EX-GOVERNADOR VIRGÍLIO TÁVORA

Esquerda para direita: Ex-Deputados Racine Távora e Nilo Sérgio, Escritor César Barreto e Procurador Fernando Távora (Junho de 2018).

HOMENAGEM DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ PELOS 30 ANOS DE MORTE DO EX-GOVERNADOR VIRGÍLIO TÁVORA

Esquerda para direita: Engenheiro Rui Castelo Branco, Escritor César Barreto, Tereza Távora e Senador Mauro Benevides (Junho de 2018).

HOMENAGEM DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ PELOS 30 ANOS DE MORTE DO EX-GOVERNADOR VIRGÍLIO TÁVORA

Esquerda para direita: Poeta César Barreto, Ministro Ubiratan Aguiar e Senador Mauro Benevides.

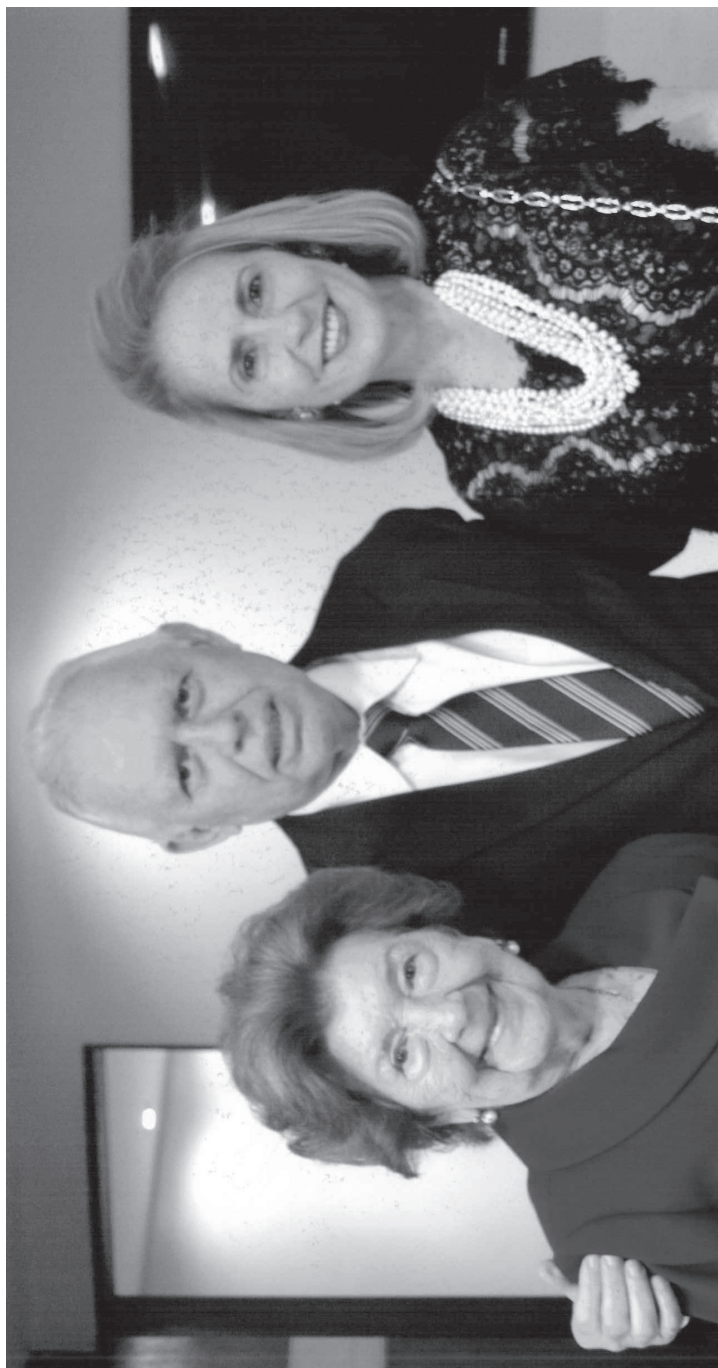
Esquerda para direita: Gilton Barreto, César Barreto e Saulo Barreto no Clube Náutico Atlético Cearense no ano de 2018,

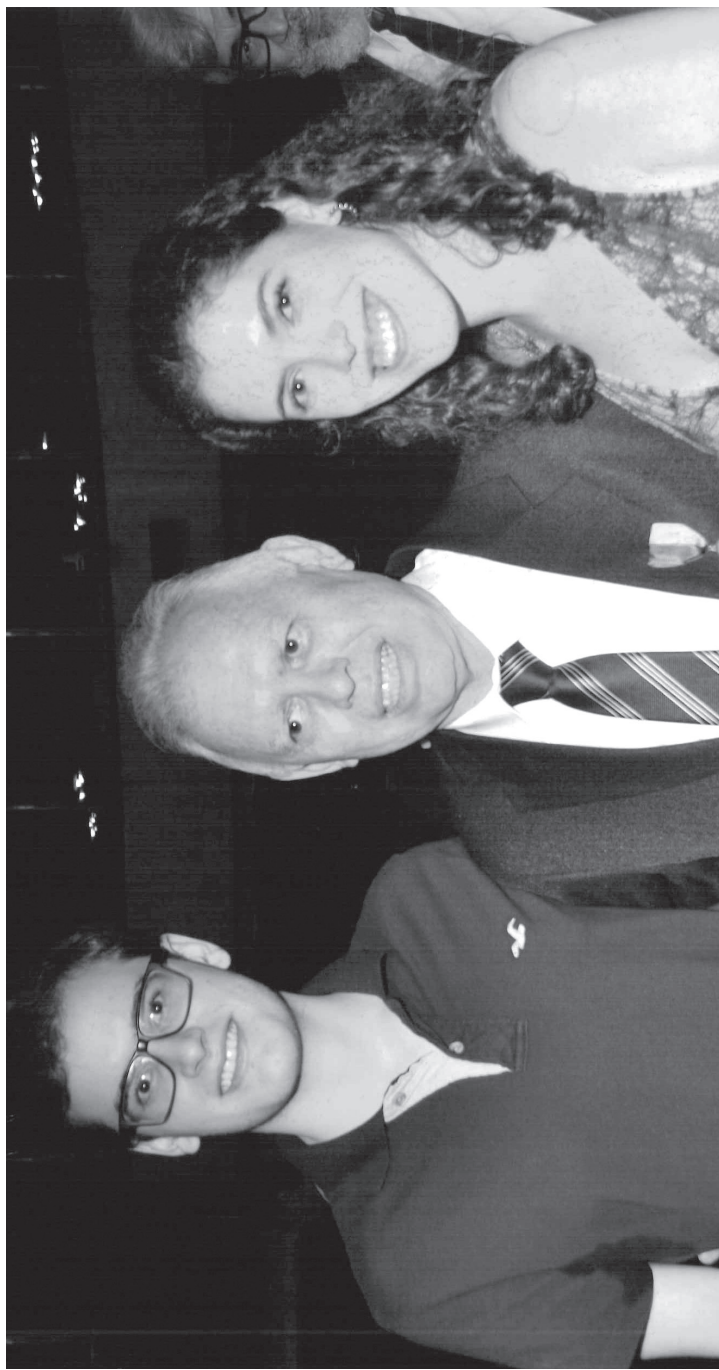
CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE VIRGÍLIO TÁVORA.
PLENÁRIO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO CEARÁ. FORTALEZA, 26/09/2019

Esquerda para direita: Empresário Ribamar Ponte Filho, Deputado Evandro Leitão, César Barreto, Dona Tamar Barreto e Bá Alencar.

**CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE VIRGÍLIO TÁVORA.
PLENÁRIO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO CEARÁ. FORTALEZA, 26/09/2019**

Esquerda para direita: Tereza Távora, Senador Mauro Benevides,
César Barreto e Rui Castelo Branco.

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE VIRGÍLIO TÁVORA.
PLENÁRIO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO CEARÁ. FORTALEZA, 26/09/2019

Esquerda para direita: Dona Tamar Barreto, César Barreto e Tereza Távora.

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE VIRGÍLIO TÁVORA.
PLENÁRIO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO CEARÁ. FORTALEZA, 26/09/2019

Esquerda para direita: Júlio César Freire Barreto, César Barreto e Ana Cláudia Freire Barreto.

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE VIRGÍLIO TÁVORA.
PLENÁRIO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO CEARÁ. FORTALEZA, 26/09/2019

Esquerda para direita: Deputado Evandro Leitão e o homenageado César Barreto.

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE VIRGÍLIO TÁVORA.
PLENÁRIO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO CEARÁ. FORTALEZA, 26/09/2019

Esquerda para direita: Tereza Távora, Rui Castelo Branco, Carlos Benevides e César Barreto.

**CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE VIRGÍLIO TÁVORA.
PLENÁRIO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO CEARÁ. FORTALEZA, 26/09/2019**

Esquerda para direita: Ex-Deputado Luiz Marques, César Barreto, ex-Deputado Leorne Belém e poeta Juarez Leitão.

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE VIRGÍLIO TÁVORA.
PLENÁRIO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO CEARÁ. FORTALEZA, 26/09/2019

Esquerda para direita: Empresário Ribamar Ponte Filho, poeta César Barreto e ex-Deputado Luiz Marques.

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE VIRGÍLIO TÁVORA.
PLENÁRIO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO CEARÁ. FORTALEZA, 26/09/2019

Esquerda para direita: Deputado Heitor Férrer, Deputado Evandro Leitão, poeta César Barreto e Ministro Ubiratan Aguiar.

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE VIRGÍLIO TÁVORA.
PLENÁRIO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO CEARÁ. FORTALEZA, 26/09/2019

<u>Esquerda para direita</u>: Deputado Evandro Leitão,
Deputado Heitor Férrer e homenageado César Barreto.

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE VIRGÍLIO TÁVORA.
PLENÁRIO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO CEARÁ. FORTALEZA, 26/09/2019

Esquerda para direita: Deputado Salmito Filho, César Barreto e Empresário João Boris.

EPÍTOME BIOGRÁFICA DOS AUTORES

CÉSAR BARRETO LIMA

Nasceu no dia 14 de setembro do ano de 1954 na Praça da Sé na cidade de Sobral/CE. Filho de Cesário Barreto Lima, ex-prefeito de Sobral, jogador amador de futebol e um dos fundadores do glorioso time do Guarany de Sobral, e da sobralense Maria Tamar Pierre Lima.

Engenheiro Civil em especialização em Saneamento Básido, César Barreto Lima atualmente ocupa a Superintendência Adjunta do Departamento Estadual de Rodovias DER/CE, no estado do Ceará.

Apaixonado pela letras, já publicou em parceria com os primos Marcelo Barreto Alves e Saulo Barreto, 18 obras literárias, nos mais variados gêneros.

Foi autor das seguintes obras: Diálogo com os Surdos (Discursos e Poesias – 1987); Histórias Estórias de Sobral (Contos – 2004); Causos de Sobral (Contos – 2006); As Fantásticas Histórias de Sobral (Contos – 2007); Essa é do Cesário (Contos – 2009); O Homem é o Quinca (Contos – 2010); Sobral de Todos os Tempos (Contos – 2014); Na Boca do Becco (Contos – 2012); Adoráveis Doidivanas (Contos – 2013); O Varão de Plutarco (Contos – 2014); O Poeta do Becco (Autobiografia – 2014); Contador de Histórias (Contos – 2015); Nas Ondas da Tupinambá (Crônicas – 2016); O Guarany de Sobral (Crônicas – 2016) e Padre Palhano de Sabóia – Santo, Semideus ou Cavalheiro do Apocalipse?, O Principe do Norte, A Lenda Chagas Barreto Lima.

SAULO BARRETO LIMA FERNANDES

Nascido em 83, na década considerada como "perdida", há mais de dez anos encontra-se radicado na ilha de São Luis do Maranhão, onde bacharelou-se em Direito, pela Universidade CEUMA, tendo sido aprovado no XXI Exame de Ordem. No ano de 2018, tornou-se, também, Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais (Antropologia, Sociologia e Ciência Política) pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Atualmente cursa o 2º ano do RHEMA – Centro de Treinamento Bíblico, uma escola interdenominacional fundada em 1974, em Oklahoma/ EUA, pelo reverendo Kenneth E. Hagin, que visa capacitar pessoas para uma propagação eficiente do Evangelho pregado por Jesus Cristo. Foi recetemente agraciado com a "Medalha 180 anos Brigadeiro Tibúrcio" destinada a premiar e reverenciar o culto aos nobres agribuos daqueles que etenham praticado ações meritórias enaltecedoras do nome da pátria brasileira, em sina lde reconhecimento aos valores militares, espirito de civismo, preservação da memória do Brigadeiro Tibúrcio e dos seus serviços prestados à Pátria. A comenda foi idealizada pelo Instituto Literário Viçosense – ILV, proposta pelo seu presidente, o escritor e pedagogo Gilton Barreto de Castro, em evento ocorrido no dia 12 de agosto de 2017, na Câmara Municipal de Viçosa do Ceará. Figurou como organizador de autor nas seguintes obras: Artigo XVII; Um livro de quae crônicas (2014); Artiguelhos (2014); 108 Poesias de José Coriolano de Souza Lima (2015); José Coriolano: Poesias Selecionadas (2015); Pecados consolados (2015), O Circo & outros contos (2016); José Coriolano: Prosa Completa e VI Poesias Inéditas (2017) e Discursos Mudos (2017). Em parceria no Tempo (2014); O Contador de Histórias: Navegando nas Memórias (2015)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FROTA. D. José Tupinambá da. **História de Sobral**. Fortaleza: Impresa Oficial do Ceará – IOCE, 1995.

BARROS, Suely Barreto. **Minha doce Margarida**. Natal: Edição da Autora, (S/D).

BRASIL, Jocelyn. **Andanças e lembranças**. Pará: Edições Aleutianas, 1990.

CRATEÚS, Academia de Letras. **Crateús: 100 anos**. Fortaleza: Impresa Oficial do Ceará – IOCE. 1995.

LIMA, César Barreto. **Um Varão de Plutarco: a saga de Chagas Barreto. Essa é do Cesário**. 2ª Edição. Fortaleza: Premius Editora, 2009.

____________, **O homem é o Quinca**. Fortaleza: Premius Editora, 2010

____________, **Estórias e Histórias de Sobral**. Sobral: IOM – Impresa Oficial do Município, 2005.

SANTOS, Chrislene Carvalho dos. **Sentimentos no sertão republicando, empresa, conflitos e morte – a experiência política de Deolindo Barreto (Sobral 1908-1924)**. Campinas, SP: (s.n), 2005

SILVA, Flávio Machado e. **Crateús: lembranças que aquecem o coração**. Fortaleza. Premius Editora, 2012.

ALENCAR JÚNIOR. José Sydrião de. **Virgilio Távora: o coronel modernizador do Ceará**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do

Ceará (UFC). Fortaleza-CE, 2006. Defendida em 12 de junho de 2006.

BARRETO. Maria F. Daltro. **Luiza Távora, uma legenda**. Fortaleza: ABC, 2000.

BRASIL. Senado Federal. Virgílo Távora, PT para sempre. Comitê de Imprensa do Senado/CEGRAF, 1988. Coleção Henrique de La Rocque. Volume 1.

CEARÁ. Secretaria de Cultura. **Arquivo Público Inventário do acervo Virgílio Távora**. Fortaleza: Secult, 2003.

LINHARES. Marcelo. **Virgílio Távora, sua época**. Fortaleza: UFC (Universidade Federal do Ceará) – Casa José de Alencar/ Programa Editorial, 1996.

SARAIVA. J. Ciro. **Antes dos coronéis (1947 – 1962)**. Fortaleza: ABC Editora, 2012.

TÁVORA. Juarez. Uma vida e muitas lutas: memórias: a caminhada no antiplano. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976. Volume 2.

TÁVORA. Virgílio. **A chegada da energia de Paulo Afonso em Fortaleza**. Discurso proferido pelo Exmo. Sr. Governador do Estado, na Praça Otávio Bonfim no dia 1º de fevereiro de 1965. (Festa do Século). Fortaleza: Imprensa Oficial, 1965.